

Diário de Lisboa

Diário de Lisboa
11-Avença—Of. 95212

Biblioteca Municipal Central de LISBOA

Numero avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rossa, 87, 2.º

Endereço Telegrafico: DIBOIA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE

A TRIPLICE afirmação é esta: o automobilismo em Portugal ainda está muito longe de ter a expansão que tem noutros países, mesmo proporcionalmente; o automóvel no nosso país não goza de qualquer situação privilegiada; o automobilismo concorre para o Estado português com receitas muito superiores às despesas nos varios serviços relacionados com o automobilismo.

Isto disse na sua tese apresentada no último Congresso Nacional de Automobilismo e Aviação Civil o sr. dr. Augusto Vaz, director do A. C. P. e consultor jurídico da Camara Sindical dos Comerciantes de Automoveis.

Na Europa só a Austria, a Grecia, a Hungria e a Romania, em relação á população, têm menos carros do que Portugal.

Os quadros estatísticos são muito curiosos. O sr. dr. Augusto Vaz, em conclusão da tese, lembra que o Estado recebe do automobilismo importancias muito superiores a 170 mil contos, e emittiu, pelo Congresso, o voto de que aquella receita revertesse, tanto quanto possível, a favor dos melhoramentos das estradas nacionais e municipais.

* * *

NO proximo domingo, pelas 14 e 30 horas, o vasto templo de S. Domingos abre, pela segunda vez nesta época, as suas portas para uma solenidade musical digna da sua majestade.

Será executada a «Paixão segundo S. Mateus», de João Sebastião Bach, padrão imortal da arte ligada á fé, por um total de 250 cantores e instrumentistas, sob a regencia do dr. Ivo Cruz.

Em cinco epochas successivas, é a sétima vez que a «Paixão» é apresentada em Lisboa, sob a mesma direcção, com o concurso da mesma Sociedade Coral Duarte Lóbo.

O facto tem um significado moral que se impõe por si proprio: estão lançados os alicerces duma tradição que uma vontade e uma intelligencia bastante fortes souberam apresentar em toda a sua grandezza civilizadora, e de que o publico — gostavamos de dizer do povo — sente, cada vez com mais consciencia, a necessidade.

Assim se explica o interesse crescente pela dupla obra, a «Paixão», de Bach, e a realiação do dr. Ivo Cruz, a quem a vida musical portuguesa já deve tanto.

* * *

SAIU mais um numero, o 13.º, da «Vida Contemporanea», magnifica revista de politica e literatura dirigida pelo antigo chefe de governo sr. Cunha Leal.

Com este numero, que se apresenta muito bem colaborado e com magnifico aspecto grafico, «Vida Contemporanea» entra no seu segundo ano de publicação, motivo por que cumprimentamos o seu director e colaboradores.

BRASIL

Na historia do mundo, houve um periodo maravilhoso em que os homens soperaram que o orbe terrestre era um conto das Mil e uma Noites. Foi o das descobertas, quando os nossos navegadores andavam pelo mar a pescar nele, não perolas ou corais, mas continentes, arquipelagos, promontorios e estrelas ignoradas.

A' força de falarmos na obra gigantesca dos nossos maiores, o assunto perdeu a força, a originalidade, o perfume glorioso de primavera. As metáforas gastas, os lugares comuns, a retorica com as frases sonoras, o estilo lamechas dos homens que invocam a Patria, manchando de lirismo suspeito as suas fontes vivas, deixaram cair sobre a epopeia o negreume das paredes nostalgicas onde o sol não pousa a sua paléta de ouro.

Para se encontrar o fulgor perdido, a torrente audaciosa das investidas contra o Mar Tenebroso, o palpitar ardente das velas ansiosas de desconhecido, é necessario fazer um difficil esforço, a fim de encontrar a rajada épica na sua pureza e na e na sua grandesa.

Os que acharam a Madeira, os Açores, dobraram o Tormentorio, chegaram á India e vistumbraram nas alturas o Cruzeiro do Sul devem ter sentido no peito qualquer cousa de divino — a sensação apetedida e dolorida de acrescentar ao orbe partes que lhe faltavam.

Que grito de entusiasmo, sob um diluvio de luz, não abalou nos seus alicerces lusiadas a figura de Cabral, quando notou que tinha diante de si a costa imensa dum país afogado em selva e cortado por enormes rios cujo caudal murmurava como a musica das manhãs rompentes da criação!

Que Cesar ou Alexandre não ambicionaria a gloria de violar, num sonho enorme, maior do que os dos heróis de Homero ou Vergilio, a paisagem brasileira, insondavel e profunda, a cheirar ainda ás tintas e pincladas iniciais e genéticas!

Momento unico e formidavel!

O Brasil entrava na historia e na vida, após milhares e milhares de anos na reclusão e no misterio, desvendado por um português que, graças ao seu instinto profetico, atravessou o Atlantico, com o coração quasi a estalar-lhe:

— Meu Deus faze que eu não morra sem haver implantado a tua Cruz, na gleba virgem da maravilha que me encanta e alucina!

A sua prece foi ouvida e o Brasil brotou, entre vagas altas, aureolado por um milagre digno da fé do descobridor. Cabral, de joelhos no chão, ergueu as mãos ao céu, dizendo:

— Terra que me veio ás mãos, entrego-a á minha Patria, para que a ofereça depois á humanidade inteira!

O Brasil cresceu, prosperou, alargou-se e engrandeceu-se, mas a semente nele lançada, na hora da sua aparição, foi de Portugal. E' sangue, alma, deslumbramento e canto de Portugal.

Vai-se de cá para lá, talqualmente nas paginas da Biblia se fazia, quando os patriarcas enviavam os filhos aos seus parentes, com ricos presentes, á busca de primas para trazerem esposas. Independente, senhor de si e dos seus nobres destinos, absorvendo todas as emigrações e todas as ideias generosas, o Brasil começa em Portugal e pelo oceano fóra vai contando ás ondas:

— País onde eu nasci não o esqueceréi nem com a morte...

O numero de hoje
do Diário de Lisboa
comemorativo do descobrimento do Brasil
TEM 44 PAGINAS
incluido o Suplemento Literario

RECEBEMOS, com pedido de publicação, a seguinte carta

«... Sr. director—A rapaziada das escolas tem os direitos que a idade lhe confere, de ser alegre, ruidosa e até estouvada. Mas a expressão desses direitos não pode ir até o ponto de prejudicar os que, velhos ou novos, reconhecendo embora, com prazer tais direitos, gostariam ver fazer deles um bom uso e não estão dispostos a consentir, sem protesto que deies se abusar e se incomode ou prejudique seja quem fór, a pretexto de os exercer.

Na proximidade de algumas escolas de Lisboa mal se pode viver e é muito artiscado ás vezes passar porque os rapazes entendem que a sua idade os autoriza a não ter consideração por ninguém.

Por desgraça minha terho na vizinhança uma escola industrial. Como não ha no local e muito poucas vezes por lá se tem lbrigado a vigilancia aprumada de um policia, todo o dia e até altas horas da noite a rapaziada vem para a rua fazer barulho, implicar com quem passa, fazer assuada a quem assoma ás janelas, tocar as campainhas dos prelos vizinhos, o diabo.

E' claro que eu não quero que os rapazes não descansem e não tenham o seu recreio no intervalo das aulas e até não se divertam fóra da escola. Mas daí até passarem o tempo a importunar toda a gente e a perturbar a vida dos outros vai uma grande distancia.

Por isso me permito, sr. director, pedir-lhe que chame para o caso a atenção do sr. comandante da Policia de Segurança Publica a fim de mandar policia ás proximidades dos estabelecimentos de ensino, cujos alunos costumam vir para a rua dar largas á sua má educação ou incomodar os vizinhos.—José Sossegado.

* * *

FOI a 22 de abril de 1915 que na Grande Guerra os alemães, pela primeira vez, empregaram contra todas as leis da guerra — os gases asfixiantes. Foi no Yser, numa tarde de primavera. O comandante Villevalteix informou telefonicamente o general Mordaoq da asfixiante novidade.

Semanas depois estavam fabricadas 200.000 mascaras contra aquela arma quimica violentissima e cruel, o que não impediu que os alemães perdessem a guerra.

O sábio que inventou os gases declarou mais tarde:

— Não procedi por mal. Não tive culpa de que o meu invento fôsse utilizado para matar.

* * *

A CRUZADA Nacional D. Nuno Alvares Pereira dirigiu ao Chefe do Estado uma mensagem, redigida em termos de patriótica elevação e solicitando a designação de Imperio Português para todo o territorio nacional, a todo ele applicando uma legislação uniforme, embora com modalidades apropriadas ás diferentes provincias.

Assim a referida mensagem os membros da direcção da Cruzada, á frente dos quais se encontra o sr. dr. Costa Lóbo.

TEATROS E CINEMAS

"Viva o Amor!" no Politeama

Conforme temos noticiado é amanhã que, em duas sessões, às 20 e 50 e 22 e 50 horas, o Politeama indaga os seus espectadores de qual «Viva o amor!», em dois actos, tradução de Lourenço Rodrigues e Carvalho Mourão, cujos protagonistas vão ser realizados por Maria Helena, no papel de «Valentina», e José Gambôa, no de «Julio». Dois outros papéis de importância tem «Viva o amor!», o de «Luiza», que vai ser interpretado pela eminente actriz Maria Matos e o «Cupido», pelo grande actor José Alves da Cunha. As restantes personagens num notável conjunto, vão ser realizadas com a seguinte distribuição: «Ramiro», Joaquim de Oliveira; «Jimmy», Antonio; «Palmira», João Calazans; «Chaffeur», Mario Fernandes; «Elviro», Berta de Bivar; «Margarida», Luz Sava; «Lia», Constança Navarro; «Lucy», Maria Corie Real; «Alice», Maria Ema; e «Rosita», Celeste Leitão. Os cenários de «Viva o amor!» são de Sousa Mendes e Reinado Martins, passando-se a acção da peça em Paris.

A "Festa do Fado" no "Zé dos Pacatos"

Com as representações da celebrada revista «Zé dos Pacatos», no Apolo, que hoje se repete, electua-se amanhã, nas duas sessões, a «Festa do Fado», num quadro artístico de grande efeito, organizado pelo «entouragem» de Piero e de cuja programação consta: «Fado antigo», por Zulmira Miranda; «Fado baixinho», por Enília Candeias; «Fado Moderno», por Zita Trindade; «Fado do Filme», Diana Tereza; «Fado castiço», Hermínia Silva; «Fado de amanhã», por Arminda Vidal; «Fado cómico», por Eva Stachino e Ema de Oliveira e «Fado dançado», por Mafalda, seis «German's Girls» e 20 «Apolo-Girls», com os acompanhamentos à guitarra e pela orquestra do Apolo.

"Costinha", no "Milho Rei"

Actor cómico moderno dos raros que sabendo representar todos os generos de teatro, é, na revista, um elemento indispensável, absolutamente preciso, porque ainda dança e canta como poucos, Augusto Costa, que todo o publico se habituou a tratar de melhor maneira, no triunfo da famosa e formidável revista. E a demonstração está os sete esplendidos papéis que Costinha tem no Milho Rei: o largo do Rio de Janeiro, o Julio, Camara Baixa, com Alvaro de Almeida na Camara Alta; Explorador dos Cartos Electicos; Pina, com Maria das Neves na Mantica; Orador e, finalmente o jogador de Foot-ball todo Lazio XV.

Maria Sampaio

Na vanguarda das actrizes da nova geração, Maria Sampaio marca um lugar inconfundível. Em plena posse das suas faculdades artisticas revela-se a figura ideal para os papéis que requerem subtilidade, «charme» e encanto proprio. Na peça «Deus lhe pague», a distintissima artista, dá um relevo ao papel de «Nancy» que o publico todas as noites sublinha com «alorosos aplausos».

«Deus lhe pague», a celebre peça de doutrina social de Joracy Camargo, continua, pois, a causar justificada sensação, constituindo a sua apresentação, no teatro do Gimnasio, o mais estrodozoso exito da actualidade.

Peça nova no Nacional

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a noticia que em outro lugar publicamos acerca da proxima estreia no Nacional da peça «Desencontro», de Armando Vieira Pinto, um novo actor que surge.

A comedia «Como se faz um homem» está a dar as últimas representações.

Rafael Alves

Na critica que ha dias fizemos á admirável comedia dramatica «Cabra-çega», do ilustre homem de letras dr. Carlos Amaro, não fizemos, por lapso, referencia ao trabalho do brilhante artista Rafael Alves, que encarna a figura central da peça—o pai marceando um dos melhores papéis da sua carreira.

Atrás do reposteiro

Por ter sido contratado para o Brasil, pelo actor empresario Procopio Ferreira, vai deixar, de accordo com o empresario José Loureiro, o elenco do Trindade, o distincto actor Sales Ribeiro.

—A parceria Fernando Ferreira, Jorge Grave e Carlos Dubini está trabalhando

numa revista para a qual tem colhido preciosos elementos, de maneira a apresentar um trabalho cheio de originalidade.

—Não tem experimentado melhoras o actor Eurico Braga, cuja enfermidade o retém ainda no leito.

—O actor Gil Ferreira, em combinação com outros elementos, está tratando de realizar uma «tournee» com as operetas «As Pupillas do sr. Retor» e «A viela dos gatos», possivelmente com a mesma companhia que as representou no Carlos Alberto, do Porto.

—Está doente, desde ontem, o actor-emprestaro Mendonça de Carvalho, retido no leito com um ataque de gripe.

—Os elementos desportivos mais categorizados de Lisboa, fazem esta noite «tredez-vois», no Trindade, nas duas sessões assistindo all á representação da triunfante opereta «Bola de neve».

—Como delegados da Sociedade de Autores ao congresso que se realiza em Sevilha, seguem amanhã para esta cidade de Espanha os escritores Lino Ferreira e Luiz Galhardo (filho).

—O Orfeão Academico de Coimbra, que realiza amanhã, no Coliseu, o seu primeiro sarau, dá apenas dois espectaculos e tem a colaboração dos guitarristas Artur Parades e Abilio de Moura e dos Drs. Armando Góis, Parades de Oliveira e Antonio Var em fados de Coimbra e canções varias.

—No proximo dia 9, realiza-se no teatro do Gimnasio, a festa artistica do ilustre escritor brasileiro Joracy Camargo, sendo representada a sua famosa peça «Deus lhe pague» em pleno exito no Gimnasio.

—Pede-nos o actor José Gambôa o favor de noticiar que a sua saída do teatro do Gimnasio foi feita no melhor accordo e de harmonia com a respectiva empresa á qual o ligam laços de amizade e apenas para respeitar compromissos tomados anteriormente.

—Realiza-se hoje, em Orlhão, um espectáculo de homenagem aos artistas Ilda Stichini e Alves da Costa que, com a sua companhia, deram all, com exito notavel, duas recitas. Sob a censa a comedia «A Filha de Eva», de Paul Microlx, traduzida por Vitoriano Braga. Amanhã e depois a companhia dará espectaculos em Tavira com as comedias «Cabra-çega» e «Meu amor é traçoceiro».

—Os camaroteiros do teatro Nacional, Sr. Gouveia Pinto e Fernando Augusto, realizam no proximo dia 9 a sua festa anual. Representar-se-á a admiravel peça «Manuela», de Virginia Vitorino, extraordinaria criação de Amelia Rey Colaço, encontrando-se os bilhetes á venda na bilheteira daquelle teatro.

—Começam esta semana os ensaios no Avenida, da nova revista popular, de Vasco Barboza, José Calhudo, Alvaro Sant'Ana e Xavier de Magalhães, «A Loja do Fov», com Luisa Sajneda, Iréne Izidoro, Hortense Luz, Vasco Sant'Ana, Assis Pacheco, Soares Correia e Alberto Ghira, á frente do elenco da companhia.

—Anuncia-se a proxima estrela, no Carlos Alberto do Porto, de uma companhia de zarzuela espanhola, cujas negociações se estão realizando em Madrid, neste momento.

—Está em Lisboa com curta demora, o sr. José da Costa, empresario do Teatro-Circo de Braga.

—Recebemos a visita dos artistas Fernanda Côlmbra e Morgado Mauricio, recentemente regressados do Porto, onde estiveram trabalhando na companhia de opereta do empresario Antonio de Macedo.

Teatro Nacional
A's 21 e 30
Extraordinario êxito
COMO SE FAZ UM HOMEM
com Estevão Amarante
Sexta-feir., 10.6. Recita de assinatura—1. Representação da peça em 3 actos. Original de Armando Vieira Pinto
DESENCONTRO
com Amelia Rey Colaço

—Foi fixada para o dia 9 do corrente, no Apolo, a estreia da revista «Café com leite», dos escritores portugueses Amalido Leite e Carvalho Barboza, musica de Raul Portela Raul Ferreira e Bernardo Ferreira, encenação de Rafael Marques e do bailarino Piero

—Para a reabertura do Republica, no Rio de Janeiro, que acaba de sofrer grandes melhoramentos, o seu actual empresario manifestou desejos de inaugurar os seus espectaculos com um companhia portuguesa de revistas.

—A estreia no Variedades, pela companhia Eva Stachino, da revista «Pelxe Espadas» de Manuel Santos Carvalho e Amadeu do Vale, foi fixada para o dia 10 do corrente, em espectaculos por sessões, no Variedades, em cuja bilheteira se fazem já as respectivas marcações.

—Para a temporada de verão, no Sá da Bandeira do Porto, com espectaculos mixtos de teatro e de cinema estão já encomendadas revistas, em um acto, aos escritores Arnaldo Leite e Carvalho Barboza, Alvaro Machado, Diniz de Melo, todos do Porto, e ainda outra de experimentados autores de Lisboa.

Actualidades

O distincto critico Mota da Costa fez, ontem, uma curiosa palestra sobre cinema, no microfone do Radio Club Português.

Seria interessante que as suas reflexões oportunas, fossem publicadas para que pudessem delas tomar conhecimento todos aqueles que as não puderam ouvir.

—Leitão de Barros já assinou um contrato com a S. U. S. para a realização dum fonofilmé cujos trabalhos devem começar, de certeza em fins de junho.

—O compositor e cantor austriaco Richard Tauber, annunciou, officialmente, o seu casamento com a artista cinematographica Diana Nappes.

—As vistosas marcações do French Cancan que se exibem na grande produção Metro A Viuva Alegre, bem como, as da deslumbrante valse, levaram seis meses a ensaiar e foram superiormente dirigidas pela professora de baillados Albertina Rash.

—E' Clive Brook o principal interprete masculino de *Orchids to you*, que muito em breve, começará a filmar-se em Hollywood.

CARTAZ THEATROS

Nacional—A's 21 e 30—Como se faz um homem.
Trindade—A's 20 e 50 e 22 e 50—Bola de Neve.
Gimnasio—A's 21 e 45—Deus lhe pague.
Apolo—A's 21 e 23—Zé dos Pacatos.
Maria Vitoria—A's 20 e 45 e 22 e 45—O Milho Rei.

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Pitullo—A's 21 e 30.
Condes—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 30.
Odeon—A's 21 e 15.
Olimpia—Das 14 e 10 às 24.
Chiado Terrasse—A's 21 e 11.
Uspitollo—A's 21.
Royal-Cine—A's 21 e 30.
Palacio—A's 21 e 30.
Salão Ideal—Rua do Lorvão.
Paris Cinema—R. Domingos Sequeira.
Jardim Cinema—Av. Alvares Cabral.
Promotora—A's 21.
Belem-Jardim—A's 21

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ TELEF. 17172
A VIUVA ALEGRE
Realização de Lubitsch, musica de Franz Lehár, com Chevalier, Jeanette MacDonald, Danielle Parola, etc.
A's 21 e 30

CONDES TELEF. 2 2513
A NOTA DE MIL
o filme das 46 vedetas 4 orquestras e 100 girls
A's 21 e 30

ODEON Telef. 2 e 83
Charlie Chan, em Londres
grande filme policial com Warner Oland
A's 21 e 15

PALACIO
Serenata de Amor
com Pat Peterson e Nils Asther
A's 21 e 30
Telef. 4 7167

PARIS Tel. 2 8777
REI DOS PRETOS
Turandot
A's 21 e 30

CAPITOLIO
Alice do Pais das Fadas
O Homem do Auto-velo
Bilhetes a \$60
Uma estr. de cinema

TERRASSE As Fronteiras do Amor
Shirley, a garota endiabrada
A's 21 e 15
Telef. 2 0917

LYS Telef. 4 8660
O nono convidado
O sr. dr. e o seu marido
A's 21 e 15

JARDIM CINEMA
A's 20 e 45
Imas da Rua
Papá das pernas alhas

ROYAL Garota Endiabrada
A's 20 e 30
Telef. 4 6037
PAGANINI

"Matinée" de caridade

Em beneficio da Casa de Repouso de Nossa Senhora da Fatima, de protecção ás zarparigas enfraquecidas pelo trabalho, realiza-se amanhã, sabado, no Cinema Palacio, uma «matinée», com a colaboração de illustres artistas e entre eles o grande actor brasileiro Procopio Ferreira.

A comissõ organizadora é composta pelas senhoras D. Alice Oelras, D. Alcina Borges da Fonseca, D. Alda Maria Sá de Araújo Rosas, D. Helena Teixeira, Wíraz de Menezes Alves, D. Mambela Ruiz Correia da Cunha, D. Maria Antonieta Matos Moreira, Ferreira, D. Maria Armando Pequeto, Caldeira e Sousa, D. Maria Izabel Falcão Pinto de Moraes Sarmento, D. Maria Joana Stockler de Albuquerque, D. Maria Leonor Martins de Carvalho, D. Maria Manuela Prouça Fortes, D. Maria Tereza de Moniz Sampaio, D. Maria Tereza Patricio de Gouveia e D. Palmira Maciães.

Conservatorio Nacional Premio Beethoven

Realizam-se no proximo sabado pelas 10 horas no Conservatorio Nacional as provas do concurso ao «Prémio Beethoven» para pianistas, instituido pelo illustre director da secção de musica, José Viana da Mota.

São concorrentes os antigos alumnos, diplomados, pelo Conservatorio Nacional Julietta Pinto de Carvalho e Maria de Sousa Pereira Campina.

O Juri é constituído pelos professores: José Viana da Mota (Presidente), Marcos Garin, Lourenço Varela (Cid), Adella Heinz e Antonio Costa Reis. Suplentes: Evaristo de Campos Coelho e Jaime Rodrigues da Silva Junior.

A peça obrigatória é a «Sonata Op. 106» de Beethoven. Além desta executam os candidatos mais uma obra do mesmo autor á sua escolha.

A "Semana das Colonias"

Dentro das comemorações da «Semana das Colonias» o Nucleo Pro-Imperio Colonial Portuguez, da Escola Rodrigues Sampaio, promoveu hoje uma sessão solene, na qual o tenente aviador Humberto da Cruz descreveu a sua viagem a Timor.

Gremio de Campo de Ourique

O Gremio de Instrução Liberal de Campo de Ourique promove amanhã, no Jardim Cinema, uma festa cujo producto reverte a favor do cofre daquela instituição.

GIMNASIO Hoje, as 9 3/4
Telefone 2 8801
Sezue a triumphal carreira
A grande comedia social de Joracy Camargo
DEUS LHE PAGUE
Formidavel interpretação do grande actor brasileiro Procopio Ferreira com Maria Sampaio e Alexandre Azeiteo.
A seguir a peça em 3 actos
A dança dos milhões.

TRINDADE
A Revista Colosso da Temporada
BOLA DE NEVE
com BEATRIZ COSTA, CARLOS LEAL, TEREZA GOMES, ALVARO PEREIRA, RIBEIRINHO, MARIA BRAZÃO, MARIA ALBERTINA

A SESSÃO DE "BOXING," DE ONTEM

O combate Velha-Thouvenin desiludiu por completo

Para que servirá a Federação de Box? E, deserto, a pergunta que acorte sem esforço áqueles que presenciaram, ontem o «boxing» do Collsen.

Entre as suas multiplas funções, como sejam, as de fomentar e coordenar a «nobre arte» entre nós, cabe-lhe obrigatoriamente o papel de fiscalizadora das sessões profissionais. A Inspeção Geral, e muito bem, concede-lhe, mesmo, essa missão.

Ora, sejam quais forem as razões aduzidas pela Federação, a verdade é que este organismo recebeu, ontem, em resposta á interrogação formulada, um telegrama da «International Boxing Union», afirmando ser Thouvenin—o homem anunciado como «primeira serie»—um medio «terceira serie».

Que deveria ter feito, imediatamente, sem a mais leve hesitação, a Federação Portuguesa?

Participar o facto—respondemos nós—á Inspeção dos Esportivos com a indicação de que não deveria ser consentida semelhante organização.

A Federação, porém, preferiu «deixar correr o marfim»... O resultado não podia ser mais deploravel. Os organizadores arrecadaram mais uns escudos, mas deu-se um profundissimo golpe numa modalidade desportiva, que parecia estar em crescente admiravel. Que, ao menos, se extraia do facto, uma lição para o futuro...

O arranjo dos combates merecia-nos largas considerações. Excepção feita ao madrileño Lopez Moreno, todos os outros combates foram—uma tristeza.

Nos estamos convencidos de que, quem mais sofreu ontem, foi Horacio Velha. O rapaz fugiu envergonhado—deixando atrás de si, ainda estendido no tapete, um adversario que não merecia cruzar punhos com ele.

Marcel Thouvenin, pela propria apresentação, facilmente se reconhece ser um homem «terminado», em plena decadencia—uma «sombra».

Classificado na «segunda serie», nos seus tempos aureos, em 1930-31-32 e 33, começa, depois a descer, sendo apontado como «terceira serie» em 1934. E agora, é «equivo» que nós tivemos occasião de ver...

Quando Horacio Velha atingiu com o primeiro soco o pobre francês, ele «desuniu-se». Depois, a outro soco, doou as pernas, e, logo a seguir, tocou novamente, calu para a conta fatal.

Horacio Velha precisa de melhores adversarios, para impôr a sua «classe»—que a tem regular. Porque, portanto, não se lhe opõem adversarios dignos?

O publico deu largas, no fim deste combate, ao seu desagrado. Entre a assistência succederam-se os combates de «box» ainda que sem arbitrio...

Os organizadores ouviram «colação» desagradavel, mas tão desagradavel, que, mesmo que a sessão tenha resultado sob o ponto de vista financeiro, o dinheiro lhes deve «escaldar» as algebras...

José dos Santos e João Carvalho forneceram-nos o primeiro combate, iniciando a má disposição do publico. Nem so, por consequencia, deve ser acautelada a «luta de fundo». Deve

Professor Eduardo Liborio

Após uma intervenção cirurgica de extrema gravidade, realizada no Pavilhão da Família Militar do Hospital da Estrela, encontra-se completamente restabelecido o professor sr. Eduardo Liborio, director do «Renascimento Musical».

O illustre artista foi operado pelo sr. dr. Bastos Gonçalves.

Cheque sem cobertura

A firma Marting, com sede na rua do Sacorro, 11-1, queixou-se á P. L. C., contra um individuo que lhe entregou para pagamento duma conta de 1.346\$00 um cheque sem cobertura.

proceder-se igualmente, ainda que nas devidas proporções, em relação aos restantes. José dos Santos e João Carvalho não merecem apresentar-se, jogando o «box», despoite em eles desconhecem completamente, em publico.

Depois, Viriato Monteiro venceu o espanhol Piu Artur, por desistencia deste ao quinto «round», quando se encontrava já sufficientemente massacrado. Viriato Monteiro tem, além de boa presença, qualidades apreciaveis, e de desejar é que continue a trabalhar, como até aqui, com vontade e perseverança.

Por sua vez, Ted Veneziano, 66 quilos e 900, derrotou o espanhol Jesus-gay, 64 e 400, por desistencia deste, ao quarto «round». Ted Veneziano—disseram os organizadores após este combate—mostrou desejos de combater novamente Horacio Velha. E o publico recebeu a noticia com o sorriso nos labios!

A unica luta, digna do nome de combate de «box», travaram-na, o português, José Maria Liberato, 57 quilos, e o espanhol, Lopez Moreno, 54 e 500, em 8 «rounds» de 3 minutos. Liberato perdeu, mas não saiu deminuido da luta, porquanto encontrou pela frente, um adversario de fina e boa esgrima de punhos.

Moreno, rapaz magro, fibrilado, revelou-se desde o primeiro «round». Bom movimento de punhos e jogo de pernas apreciavel. Marcando admiravelmente os socos e «dobrando», consoante as regras, com facilidade. Para mais, no momento devido, com series terriveis, ora ao estomago, ora ao rosto.

Liberato, dentro do seu estilo, muito animoso, sentindo-se «surochessá», nem por isso deixou de lutar. Ao fim do oitavo «round», o arbitro deu a victoria a Lopez Moreno, e o publico encantado com o espanhol, ovacionou-o longamente.

Que quere isto dizer? Que existem em Espanha bons «boxeirs». O que se torna necessario é que os organizadores os tragam até nós.

As arbitragens foram confiadas a Luiz Viegas, Basilio de Oliveira, e a um portuense, cujo nome ignoramos.

Tanto Viegas como Basilio fizeram o possível por acertarem. Nós gostamos mais de Basilio de Oliveira. Mas que saudades nos fez Borges de Castro, conhecedor profundissimo, e cuja autoridade no «ring» se torna indiscutivel.

Que é preciso, agora, fazer? Organizar mais e melhor, aproveitando o entusiasmo do publico pela «nobre arte».

O publico deve apresentar-se novamente. Mas ha um outro nome de grande valor, segundo informações que temos, que o publico está ansioso por admirar. Trata-se de Antonio Rodrigues, rapaz cheio de legitimas ambições, que o publico terá occasião de ver, frente a um adversario de respeito, a 11 ou 12 do corrente, no Campo Pequeno. Mas a Federação, que é Nacional, ainda que presidida por um estrangeiro, que não tem pulso—pelo que se tem verificado—para acautelar devidamente os interesses do «boxing» português, não pode deixar de arripriar caminho—obrigando os organizadores, sejam quem for, a um procedimento honesto e digno.—T. S.

Cooperativa dos Catareiros do Porto de Lisboa

Inicia as suas carreiras entre Terreiro do Paço-Trafaria no proximo dia 5 do corrente, aos domingos e feriados, com o seguinte horario:

Partidas do T. do Paço, de hora a hora, das 7 ás 17 horas, sendo a ultima carreira da Trafaria ás 21 horas.



Será Vinho velho do Porto?

As pessoas de bom gosto não se enganam facilmente...

O Vinho velho do Porto, pelo seu aroma, «bouquet» e paladar, pela cor doirada que o caracteriza, é inconfundível.

O Vinho do Porto é também uma inexgotável riqueza nacional.

Podemos e devemos gastá-la à larga, sem receios, prodigamente...



Piromena Casado e Procopio Ferreira no Gremio Trasmontano

É amanhã, sabado, que se realiza, no Gremio Trasmontano, o *Balle dos Perfumes*, organizado por uma comissão de empregados bancarios.

Este baile deve marcar pelo cunho de elegancia e pelo magnifico programa, em que tomam parte, além da distinta amadora soprano dramático D. Eduarda Sarmento, as celebradas artistas Dina Teresa, Piromena Casado e Eva Stachino.

Tambem o actor brasileiro Procopio Ferreira, que tanta popularidade criou entre nós, presta o seu concurso á iniciativa dos empregados dos nossos estabelecimentos de crédito.

A magnifica sala do Trasmontano será perfumada por uma acreditada firma, que tambem fará distribuir brindes ás senhoras.

Os bilhetes de convite que restam, podem ser pedidos á secretaria do Gremio ou pelo telefone 2 1741.

DE LUTO

D. Maria Fernanda Gama Lobo d'Eça Realizou-se hoje o funeral da menina Maria Fernanda de Araújo Gama Lobo d'Eça, filha do escritor musical Fernando Gama Lobo de Eça e da sr.ª D. Rosa Rodrigues Gama Lobo de Eça, a quem enviamos os nossos sentimentos.

«RUTHER»—Após alguns dias de applicação restituirá a coloração primitiva aos cabelos grisalhos ou brancos, penetrando pelos poros e fúliculos, estimula o crescimento do cabelo e fará apparecer cabelos novos.

A vender na Farmacia Teixeira Lopes 154. Rua do Ouro, 156

Casa da Madeira

No proximo dia 11, realiza-se na Casa da Madeira a «Festa da Primavera» que, a exemplo da do ano findo, deve constituir um verdadeiro acontecimento.

Está sendo organizado um magnifico programa, do qual consta uma magnifica parte artistica, que deve satisfazer plenamente.

Excursão

Os empregados da Companhia de Seguros «La Reservas» realizaram hoje um passeio a Setubal, Portinho da Arrabida, Palmela e Sesimbra, fazendo-se transportar em varios auto-carros.

Escotismo

Proximo de Belas, na quinta do Norton, encontram-se bivacaos cerca de 400 escoteiros do Corpo Nacional de Escouts da Região de Lisboa, devendo permanecer até domingo.

Contra-torpedeiro "Tejo"

A fim de assistir do mar ao lançamento á agua d'este navio a

Parceria effectua amanhã um passeio fluvial no seu navio-motor

«Rio Tejo», o qual estacionará em frente ás carreiras durante o lançamento, seguindo depois até S.

Julião da Barra. O embarque faz-se no Caes do Sodré ás 16,20 pre-fixas, sendo o regresso pelas 19 horas. O preço de cada passageiro é de Esc. 7\$50. A bordo haverá musica e bufete.

Barbosa & Costa L. da
Executa as mais lindas e originaes Decoracoes.
Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 e 11
Telefone 23562

A Cidade

VIDRARIA ALIANÇA
R. DA PALMA, 260
Completo sortido de louças, vidros, esmaltes e artigos de menage

UM ANIVERSARIO
O CHEFE DO ESTADO
visitou hoje
a Liga dos Amigos dos Hospitais

O Chefe do Estado, acompanhado de sua esposa, visitou esta tarde a sede da Liga dos Amigos dos Hospitais que hoje festeja o seu primeiro aniversario.

Após a visita, e na sala da gerencia, foi o sr. Presidente da Republica saudado, em nome da direcção da Liga, pelo sr. dr. José Pontes, que disse da obra ali realizada num ano de actividade: hospitalizando 207 doentes, operando 93, applicando aparelhos de gesso a 24 e dando 11.644 consultas e tratamentos.

O sr. general Carmona felicitou a Liga dos Amigos dos Hospitais, elogiando a sua obra benemerita, e concedeu-lhe o grau de comendador da Ordem da Benemerencia o sr. dr. Sabino Pereira, director clinico dos servicos medicos e hospitalares, o qual foi muito felicitado por todos os presentes que seguidamente acompanharam até á porta o Chefe de Estado e sua esposa.

A GARRETT Largo do Chiado, 9 e 11
Almoços completos de 12 e 18 Escudos
Jantares completos de 15 e 18 Escudos

FESTA DOS MEDICOS

A enorme marcação de mesas feitas para a ceia á americana que os medicos de Lisboa promoveram, no sabado 11 do corrente, no club «Maxim's» veio demonstrar quanto interesse ha por esta festa.

Já se não fazem mais marcações e as que estão feitas devem ser levantadas até á proxima segunda-feira, de forma a serem satisfactorios os pedidos que já ha para as desistencias.

Os sumptuosos salões do «Maxim's», que nessa noite apresentam uma decoração especial, vão ficar repletos pela mais elegante sociedade de Lisboa que está avida de verificar o funcionamento normal de um «cabaret» em noite de rigorosa selecção.

A mesma disposiçao de sala, a mesma orquestra, os mesmos numeros de variedade executados pelas artistas ali em exhibiçao, o mesmo serviço de «bars», sã, motivos de interesse especial, visto que ainda all se não realizou festa com tais atractivos e em tais circumstancias.

A «SEMANA DA TUBERCULOSE»

A Feira de Utilidades no Rossio
Lavra grande entusiasmo entre o Comercio de Lisboa para que da feliz idea da feira do Rossio, a realizar-se em 8 do corrente, se obtenha o maior proveito.

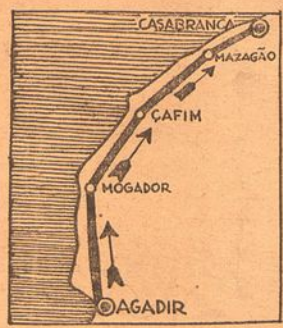
Constantemente estão chegando á sede da A. N. T. valiosas ofertas de generos e outros artigos de utilidade domestica, o que de certo permitirá ao publico adquirir, por preços insignificantes, generos de primeira necessidade.

Entre outras, registaram-se, ontem as seguintes ofertas: da Firma Isidoro M. de Oliveira, 20 latas de azeitonas de Elvas, 20 latas de azeitonas do Douro e 20 latas de banha; do sr. J. M. Correia, garrafas de vinho do Porto, da firma Spratley 12 garrafas de vinho Clarette, etc.

O «RALLYE», DE MARROCOS

De Agadir a Casabranca

Uma «étape», de corrida
a 75 quilómetros de media horaria



Itinerario da «étape» Agadir-Casabranca

De Agadir a Casabranca, por Mogador, Cafim e Mazagão, são 667 quilómetros, que os concorrentes do «Rallye» de Marrocos têm de percorrer á velocidade média de 75 quilómetros á hora.

É, portanto, uma verdadeira «étape» de corrida, que põe á prova o folgado dos motores e a pericia dos automobilistas.

O itinerario segue, em grande parte, á beira do Atlantico, através duma região onde as estradas magnificas permitem grandes velocidades.

Entra-se nuna parte de Marrocos onde é mais viva a recordação do dominio portuguez—o litoral, que as nauas lusitanas demandavam para estabelecer feitorias, donde os nossos soldados partiram para a conquista do interior.

Pais pobre, onde se topam ruínas a cada passo. A principio, terreno accidentado, depois grandes extensões planas que se prolongam até Casabranca, a metropole acolhedora e progressiva do protectorado francès.

Passado o «control» de Mogador, uma cidadezinha que lembra a Europa dentro das linhas caracteristicas da arquitectura marroquina, construída em largas acclividades rectilneas sobre dunas de areia, toma-se a estrada de Dar Kaid Hadji até Cafim. Atravessa-se o djebel Adid ou seja a montanha do ferro, vasto planalto de pequena altitude, mas de flancos rochosos, que obrigam a curvas frequentes.

Cafim recorda ainda, através da sua muralha fortificada, a occupação portuguesa, que datou do reinado de D. Manuel e que imprimiu á povoação um grande impulso, tornando-a prospera e poderosa entre todas as cidades marroquinas.

A caminho de Mazagão, os concorrentes atravessam uma região plana,

Exposição Canina no Jardim Zoologico
Sabado e Domingo
Servico de almoço a cargo da Pasteleria Aurea
Marcação de mezas telefona 2.8914

No TIVOLI: continua o éxito excepcional de
As Pupilas do Sr. Reitor
O MELHOR FILME PORTUGUEZ DE TODOS OS TEMPOS!

UMA BOA NOTICIA

O Teatro Nacional
e um novo
autor que surge

Vai o teatro Nacional revelar-nos, em breve, um novo autor. Antes porém de fazermos referencia pormenorizada a tão curioso acontecimento, julgamos interessante elaborar um pequeno balanço do que se fez nesta epoca, prestes a findar, na casa de Garrett.

Garret estrangeiras, apenas uma—«Cinco Lobitos»—se representou nos seis meses de exploração excepcionalmente brilhante.

Foi portanto, todo portuguez, pode dizer-se, o repertorio da temporada. Desde Gil Vicente, passando pela tragedia classica de Antonio Ferreira até á opera-comica, tudo quanto ha de mais notavel se deu ao publico no teatro Nacional Original, portuguez remotos e contemporaneos, passaram pelo palco da Casa de Garrett e se nem todos, entre alguns de vulto, se representaram, é porque o publico os admirava simultaneamente em outros teatros.

E agora, para combater e exterminar esse lugar comum, de que não ha repertorio portuguez, a empresa do Nacional vai representar em 5.ª recita de assinaatura, mais um original portuguez, mas o atractivo de ser de um autor da geração moderna, com autentico talento: Armando Vieira Pinto, um nome que se impoz, sem mais nada senão pela sua peça.

A empresa ao recebê-la, apesar de não conhecer o seu autor, aceitou-a immediatamente mandando-a entrar em ensaios, o que de resto fará com todas aquelas que se lhe deparem em identicas circumstancias.

Chama-se «Desencontros». É uma peça de sentido moderno, em 3 actos, destinada, pelo seu indultismo, a constituir um grande acontecimento. A sua estreia está marcada para a proxima sexta-feira.

Festa de beneficencia

No festa que a Assistencia Infantil da freguesia de Santa Isabel realiza no proximo dia 14, no Jardim Cinema com o fim de angariar fundos destinados a melhoramentos urgentes, toma parte a conhecida e distinta actriz Ercilia Costa, que gentilmente se presta a dar a sua collaboraçao.

Ha grande interesse em ouvir as educandas da instituiçao nos seus interessantes cantos corais e recitações.

TAURONAQUIA

Estudantes de Medicina
A' hora de sair o nosso jornal está-se realizando, na praça do Campo Pequeno, a garralada anual dos estudantes de Medicina, que, em beneficio dos seus colegas pobres, foram os primeiros a iniciar tal tradiçao.

A garralada, que é precedida do gracioso cortejo de viaturas, está decorrendo com muito espirito e animação.

Recita dos quintanistas de Pharmacia

Realiza-se no dia 16 do corrente, no Gimnasio, a 1.ª recita de despedida dos quintanistas de Pharmacia, com a representação da revista «Para gargarejos...», da autoria das alunas D. Dolores Cristiano e D. Irene Graça. Os poucos bilhetes que restam encontram-se desde já á venda na bilheteira do Gimnasio.

Furto duma mala de mão

Os gatinhos furtaram a sr. D. Judith Gonçalves, residente em S. Pedro do Estoril quando estava assistindo a um espectáculo num dos teatros de Lisboa, uma mala contendo joias e alguns dinheiros. A policia procede a investigações.

Pinte os seus cabelos com KOMOL e sempre jovem

V.ª DE PEDRO GRILLO
Porcelanas, Cristais, Novidades, Esmalte, Talheres, o mais completo sortido
R. da Palma, 262, 262-A

UMA EXPOSIÇÃO DE ARTE

As ultimas obras
do pintor
Jorge Barradas

Jorge Barradas está numa fase de intensa criação artistica. Vemo-lo em todas as exposições colectivas, nos museus, nas galerias particulares e até pelo menos o seu espirito naqueles certames, como o da Exposição Colonial do Porto, onde o seu nome, embora ausente, palavra no ambiente, como o unico artista que directamente, objectivamente, pintou, observou, sentiu a Africa Portuguesa.

Esta exposiçao da «Galeria U. P.» é uma especie de recreio do artista. Não apresenta muitas obras apenas as necessarias para marcar e consolidar uma maneira, que acus já características de escola. Jorge Barradas que partiu da caricatura, extrema para a pintura pura, embora se tivesse afastado daquela modalidade, revela-a constantemente nas obras que produz. Nesta galeria reproduz algumas cenas, com tipos femininos, que são deliciosas de verve e de estilo obrigando-nos a sorrir pela galantaria do seu expressionismo.

Eva moderna no seu «boudoir» respandee de beleza, em carnações rosadas, fochinho de esquillo podarozado,—boneca de arames e de nervos, arrepiada, se não de clume, pelo menos, de despeito.

Porém, um trabalho admiravel de Barradas, que enche os olhos de beleza romantica. Referimo-nos a uma mulher, envolta num agazalho, com um chapelinho inverosimil que, semi-voltada, com um sorriso fechado, entrebre para nós as pupilas falcantes, perturbantes de pecado. O trabalho é perfeito de estilo, de elegancia, em «nuances» finas a revelar um extraordinario colorista.

A mulher do colar—o titulo provisoriamente é este—é dum franco, mas equilibrado modernismo, em arcos de pintura primitiva italiana, renovados por um talento que trabalha ao vivo sobre os modelos, mas dentro duma sugestão evidente de sensibilidade. Outros desenhos, fortes de maneira, que exaltam o homem, ou antes, a fera humana, já vagabunda em cortes nítidas de linhas, numa rudeza que chega a ser patetica. E' entre a verdade implacavel e a ternura comovida que oscilla, afinal, a obra deste belo artista, exemplo admiravel de auto-didacta, agora na posse plena duma maneira, e duma escola, ambas brilhantissimas e bom modernas.

Avião «Águia Branca»

De regresso do Porto aterrou ante-onite em Alentejo o avião Paulman «Águia Branca» pilotado por A. Pessoa e trazendo passageiros.

Apesar da má visibilidade, gastou apenas 1 hora e 30 minutos na viagem. No «Águia Branca», que durante o Congresso de Automobiliismo e Aviação realizou varios vãos pelo norte, receberam baptismo do ar, no aerodromo de Espinho, 168 pessoas, para o que foi forçado a voar mais de sete horas durante varios dias consecutivos.

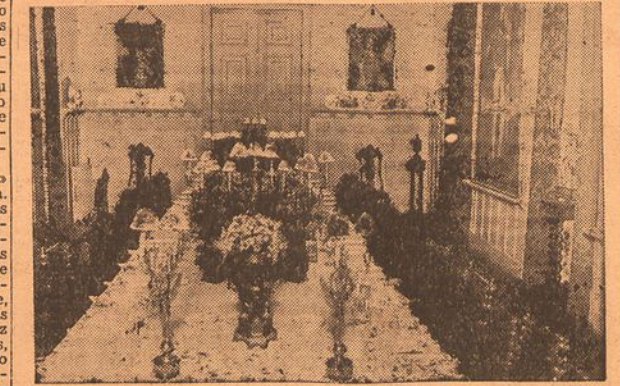
Leon do Paeuw

Encontra-se em Lisboa o sr. Leon de Paeuw, director geral do ministerio da Instrucção belga e organizador, quando chefe de gabinete do sr. Brocqueville, da 1.ª Conferencia Inter-alliada para a reeducação de mutilados, no que foi auxiliado pelos medicos portuguezes Drs. Aurelio da Costa Pereira e José Pontes. Este, e o engenheiro José Nobre Guedes têm acompanhado o sr. Leon de Paeuw nesta sua passagem por Lisboa.

A Cidade

UMA DATA MEMORAVEL

O banquete
e a recepção desta noite
na Embaixada do Brasil



A sala de mesa, na Embaixada do Brasil, onde vai realizar-se o banquete de hoje

Com o motivo protocolar—pretexto para os diplomatas sempre aproveitam, por dever e por devoção—da passagem da data do descobrimento do Brasil—3 de Maio de 1500—abre hoje as portas, de solenes gonzos, a embaixada do Brasil a entidades officiais da grande categoria ou circumstancia, num banquete diplomatico e numa recepção de grande estilo.

O sr. embaixador do Brasil, dr. Adalberto Guerra Duval, é um artista já já vai o tempo da diplomacia «grises». Hoje um diplomata é sobretudo, uma «espiritualidade», de vivotom simpatico de ihano semblante e de exterioridades sinceras, ou capazes de parecer sinceras.

A embaixada do Brasil abre hoje as portas—e está aliçada, um pouco Museu, um pouco «coim» cultural, discreto, amavel, «bel spirit», de uma intimidade intellectual, e—se o contentem—aristocratica de maneiras.

Pelos salões dos dois pavimentos ostentam-se preciosidades—não fancias habéis, de arte pura, de significado espiritalissimo, peças soltas, de pintura, de miniatura, de «orfèvres», de tapearias, de esculturas e ceramicas de «raros apenas».

Entra-se hoje na embaixada respirando um ar europeu, de meridiano «civilizado», com um vinco sul-americano historico, e de brasileira índole atavica, pelos retratos de imperadores e principes do Brasil: o favelado D. João VI e a D. Carlota Joaquina, uns D. Pedro II e D. Tereza Cristina de Bourbon-Sicilia, de Vitor Meireles, uns D. Pedro IV e Imperatriz D. Leopoldina de Austria, maravilhosa adaptação moderna, de sentido classico, de Martinho da Fonseca.

Artistas dramaticos alemães

A bordo do «Cap-Nord», passou hoje pelo Tejo uma companhia de artistas dramaticos alemães, seleccionados para uma «tournee» de propaganda pela America do Sul.

Mestres de todas as escolas e épocas—que vieram de velhas colleções da Russia nobre e da Alemanha sabida,—um Reynolds primoroso, um Miguel delcadíssimo, e tantos outros delicias os olhos e fazem da embaixada um recanto academico de Lisboa moderna, «academicos» no bom sentido.

O centro da mesa do banquete ostenta bronzes delicadissimos de Thomlr, o cinzelador de Napoleão, e esta discreta nota de opulencia—um «Imperio» finissimo—compõe a fisionomia do salão, muito tepido de tons, na ambiencia nada esquisita mais ordenada do Palacio.

A data solemne brasileira—que honra tamanha é para portuguezes, titulo de orgulho, de timbre alto—é de certa maneira fixada nos calendarios diplomaticos por esta inauguração dos salões nobres da embaixada, de garulla fronte e austero ceremonial.

Do banquete desta noite assistem o sr. Presidente da Republica e senhora de Carmona, os srs. Presidente do Conselho, ministro dos Estrangeiros e sr.ª de Mesquita Guimaries, Nuncio Apostolico, embaixador da Inglaterra ministro da Belgica, secretario geral do ministerio dos Estrangeiros, presidente da Camara Municipal, presidente da Academia das Ciencias, governador militar de Lisboa e senhora de Domingos de Oliveira, altos funcionarios do ministerio dos Estrangeiros, etc., no total de trinta e oito convivas.

O banquete e recepção de hoje na embaixador do Brasil constituem um acontecimento de relevo no meio mundano e diplomatico de Lisboa.

Proeza de gatinos

O sr. Henrique Pereira, residente na rua Ivens, 62, queixou-se na Policia de investigaçao de os gatinos lhe furtaram um envelope contendo 1.906\$00.

Todas as noites, 1.800 pessoas assistem entusiasmadas, no
SÃO LUIZ, á exhibiçao de
A VIUVA ALEGRE

D
U
L
U
XO
ESMALTE
MILAGROSO

Um novo tipo de esmalte aplicável a todas as superfícies.

...De grande duração.
...Seca rapidamente.
...Conserve o seu brilho inicial.
...Muitas e diversas características sem igual, nunca obtidas em quaisquer outras tintas ou esmaltes.
Peça detalhes.BETHENCOURT BROS. LTD.,
Rua Aureo, 132-138 - LISBOA
SORIA, LTD.
Rua 50 da Bandeira, 214-216
PORTO

Lisboa

90\$00

Corte de fato com três metros

Garantia da CASA LINO

Telef. 27066,

R. Engen' do dos Santos, n.º 9, 2.º, D.º
LISBOA

O «Diário de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho «o ferro»

Club Estefania

Realiza-se amanhã, no Club Estefania, uma festa comemorativa do 1.º aniversário da sua secção desportiva, na qual cooperam o Gimnasio Club Português, Sporting Club de Portugal, com o seu rancho de danças regionais, Trio Janes, bailados pelas alunas de madame Britton's, El Negrito (actor cómico), Mirta Casimiro, Estevão Amaranth, Manuel Lereño, Daniel Martins, Auzenda de Oliveira e o maestro compositor Cruz e Sousa.

Leram as quintas-feiras o jornal humorístico o «SEMPRE FIXE»

Festividades religiosas

No templo dos Jeronimos, em Belem, realiza-se no proximo dia 6 ás 12 horas a «Festividade ao Senhor dos Passos», que constará de missa a grande instrumental e sermão. Às 18 horas haverá «Te-Deum» e sermão.

Está festividade é precedida de Tríduo ás 19 horas, sendo orador Monsenhor Fino Beja.

Agradecemos três senhas de um bodo que nesse dia será distribuido aos pobres no numero dos quais foram incluídos os protegidos do nosso jornal.

Fémina

Devido a um desarranjo no cabo condutor de energia electrica para as nossas oficinas, que as reteve forçadamente paralizadas durante 24 horas, só amanhã, sabado, pode ser posta à venda esta excelente revista feminina portuguesa superiormente dirigida por Helena de Aragão, que bem conhecida é ja de todas as Senhoras portuguesas, pelo menos de nome.

E' deveras bem interessante o sumario do presente numero, que insere inumeras gravuras a varias cores, representando os mais recentes figurinos para a proxima estação, não só de vestidos, como tambem de chapéus.

Sob o ponto de vista literario, apresenta a revista FÉMINA, dois contos — DIA A DIA, por Nita Lupi, e ROMEU E JULIETA, por Maria Altamira, além da habitual crónica CARTAS A UMA POETISA, por José Agostinho.

Insere ainda este numero, COMUNHAO, notas sobre a TRIGESIMA SEGUNDA EXPOSIÇÃO NAS BELAS ARTES, paginas de actualidades, crochets bordados diversos, etc., etc.

Vem ainda notas sobre as brilhantissimas TARDES DE ARTE, organizadas pela FÉMINA em colaboração com os GRANDES ARMAZENS DO CHIADO e realizadas no Salão Nobre deste Estabelecimento, que, a partir de hoje, passa ram a ser efectuadas todas as sextas-feiras, ás 16 horas, em vista dos inumeros pedidos que, nesse sentido, toram recebidos pela FÉMINA.

Fémina

Pedidos e assinaturas para a

Travessa da Condessa do Rio, 27

Tel. PBX — 2 1227 e 2 1368

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de São Palo, D. Laura Mendes de Almeida Ivens Ferraz, D. Julia Simas Pereira de Melo, D. Maria de Jesus Corrêa de Sampaio Botelho, D. Armanda Machado Haugel dos Santos, D. Maria Henriqueta da Gama Lemos de Mesquita, D. Julia de Oliveira e D. Lucinda Zulmira Pedroso.

RUTHER—E' o unico tonico biologico que devem preferir para alimentar o bulbo piloso no crescimento dos seus preciosos cabelos.

À venda na Drogeria Açoreana, de Ferreira & Ferreira, L.da, Rua da Praça, 99, 101

Automoveis sem chauffeur

Alugam-se carros de todas as categorias a quilometro. Informações pelo tel. 48494.

Garage Oriental — Rua Moraes Soares, 130.

Caminhos de Ferro Portugueses Pequena velocidade

A partir do dia 5, a classificação geral para o transporte em pequena velocidade, de mercadorias, animais e veiculos, em vigor na antiga rede e nas linhas do Sul e Sueste e do Minho e Douro é alterado conforme o aditamento n.º 28, agora publicado.

Empresa Insu'ana de Navegação



O paquete

"LIMA"

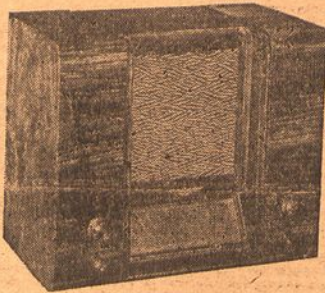
Para a Madeira, Sta. Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Sta Cruz), S. Jorge (Calheta), Lagos do Pico e Fayal sae no dia 8 de maio ás 12 horas.

Trata-se com os agentes
Germano Serrão Arnaud

19310 24 de Julho 2, 2º

1811000 19316

SCHAUB



O receptor para todas as ondas com escala em português e todos os aperfeiçoamentos da tecnica moderna

Som incomparavel

Corrente alterna 2.880\$00
Corrente continua 2.980\$00

OLAVO CRUZ, L.ª DA

LISBOA
Aven. da Liberdade, 11 r/c
Telefone 2.2683PORTO
R. Sampaio Bruno, 12, 1.º
Telefone 5655

Marina de Paula Couto

FALECEU

Carlos Mendes Couto, Ana Floriza de Paula Couto, Maria da Conceição Couto Nascimento, seu marido José Costa Nascimento e filhos, Paulo Mendes Couto, (ausente), Synesio Mendes Couto, Carlos Mendes Couto Junior (ausente) e José Mendes Couto, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua nunca esquecida filha, irmã, cunhada e tia e que o seu funeral terá lugar amanhã, dia 4, pelas 15 horas e trinta minutos, saindo o prestito fúnebro da Av. Duque de Loulé, 94, para jazigo de familia no Cemiterio dos Prazeres.

MAGNO

Escrita á Máquina

Habituação perfeita. Pratica em diferentes tipos de máquina. Sala separada para senhoras. Lições de dia. Lições de noite das 9 as 11 1/2 da noite.
Escola Commercial Portuguesa por correspondencia
R. do Arsenal, 54-3.º - Lisboa

ESTRANGEIRO

TEM N. GÓCIOS? com o estrangeiro?

Fazemos a máquina as suas cartas, relatórios, orçamentos, etc. em português ou lingua estrangeira. Tratamos tambem o que receber do estrangeiro. Escola Commercial Portuguesa, por correspondencia. Secção de Traductores e Dactilographa, R. do Arsenal, 54, 3.º - LISBOA

NOTICIAS DE ESPANHA

A crise ministerial

MADRID, 3.—Os jornais desta manhã referem-se todos, em largos commentarios, á situação politica actual, muito especialmente á crise ministerial annunciada para hoje. Os jornais da esquerda dizem que o governo tem o dever de se apresentar ao Parlamento, pois entendem que só ao Parlamento compete resolver a situação politica.

O «El Liberal» diz que, no caso do governo ser derrubado pelo Parlamento, se deve formar um outro sem a colaboração da Confederação Espanhola das Direitas Autonomas, ao qual deve ser dada a dissolução do Parlamento a fim de se fazer uma nova consulta eleitoral ao país para que este se pronuncie sobre o caminho a seguir.

Os jornais da direita insistem em afirmar que é indispensavel a reconstituição integral do bloco governamental. Acrescentam que o novo governo deve ser semelhante ao anterior e que só assim a crise poderá ser resolvida.—(United Press).

Merito militar

OVIEDO, 3.—A deputação provincial enviou ás autoridades militares uma lista do pessoal sanitario que abnegadamente se destacou durante os acontecimentos revolucionarios do ano findo, a fim de que sejam condecorados com a medalha de merito militar.—(United Press).

Os gafanhotos devastam os campos

MADRID, 3.—O governo autorizou o credito de um milhão de pesetas, destinado a fazer face aos prejuizos causados pela praga de gafanhotos, especialmente em Madrid, Sevilha, Badajoz e Huelva, onde a situação dos agricultores é bastante alarmante.

A praga teve a sua origem no aeroporto de Barajas, situado proximo de Madrid, em consequencia do estado do terreno. Estendeu-se depois para Jarama, destruindo completamente as culturas.

Em Sevilha a praga de gafanhotos cobre uma area de sete quilometros, sendo a situação dos camponeses verdadeiramente angustiosa, em consequencia da situação se ter agravado ainda mais devido á pertinaz seca que em toda a região se está fazendo sentir. Na povoação de Osuna e outras tem sido distribuidas rações aos camponeses mais necessitados.

Em Badajoz a povoação mais devastada pelos terriveis acridos tem sido Villanueva de Serena e em Huelva o distrito de Paterna.—(United Press).

UM FANÁTICO

CHANGAI, 3.—A Policia desta cidade prendeu o fanático japonês Motoyoshi, que criou um culto religioso dedicado ao sol e á lua e que já tinha milhares de adeptos, enquadrados em formações militares. O homem, depois de ter sido «coolie», sacerdote e mineiro, fez-se profeta. Conseguiu juntar 150 milhões de yen.—(Americana).

O desemprego em França

PARIS, 3.—O ministerio do Trabalho comunica, que na semana finda em 27 de abril, o numero de desempregados socorridos foi de 452.567, seja nova diminuição de 6.823 pessoas.—(Havas).

Choque de aviões

VENEZA, 3.—Dois aviões militares, chocaram em pleno voo, sobre Strassoldo. Os pilotos respectivos—um tenente e um sargento—tiveram morte imediata.—(Havas).

Dr. Jorge Santos

DA FACULDADE DE MEDICINA DE PARIS
Memoroides, Fistulas, Varizes, Fibroides, Uteros das pernas, Doenças das senhoras
Tratamentos modernos sem operacão, sem dor nem descanço. Das 3 ás 5, R. Nova da Trindade, 9-2.-D.L. Te. 28145. Cl. pobres as 9 horas.

VIOLENTO ABALO DE TERRA

200 mortos e 500 feridos

IZTAMBUL, 3.—Em consequencia do violento abalo sísmico que destruiu 15 povoações na região de Kars, proximo da Armenia, registaram-se mais de 200 mortos e ha para cima de 500 pessoas gravemente feridas. Milhares de camponeses, tomados de pânico, vagueiam pelos campos, onde não encontram que comer.

Os trabalhos de socorro continuam a ser difficultados em virtude das estradas se encontrarem quasi inteiramente obstruidas com terra e enormes blocos de pedra que se desprendiram das montanhas.—(United Press).

Uma herança

de dez milhões de dollares

NOVA YORK, 3.—Eduardo Fallows, advogado da grã-duquesa Anastacio Nikolaevna, está procurando conseguir que a sua cliente entre na posse das propriedades do ex-tzar Nicolau, situadas fora dos Estados Unidos e que estão avaliadas em dez milhões de dollares.—(Havas).

Banditismo em Espanha

BARCELONA, 3.—Dois individuos mascarados e armados de pistolas metralhadoras assaltaram esta manhã um importante estabelecimento industrial desta cidade, donde roubaram uma elevada quantia. Depois de terem amordaçado três empregados do referido estabelecimento, puzeram-se em fuga, sem que a Policia conseguisse prendê-los.—(United Press).

Evasão frustrada

NUEVA GERONA, 3.—(Havana).—Quando tentavam evadir-se da ilha dos Pinheiros, dois presos politicos foram mortos a tiro e dois outros feridos gravemente.—(Havas).

O irmão do «Graff Zeppelin»

FRIEDRICHSHAFEN 2.—O dirigivel «G. Z. 29», irmão do «Graff Zeppelin», não pode realizar, na data annunciada, a sua primeira viagem aos Estados Unidos, em consequencia dos tecnicos terem resolvido á última hora introduzir-lhe novos aperfeiçoamentos.—(United Press).

A população franceza aumenta

PARIS, 3.—A ultima estatística demografica mostra que o excesso de nascimentos sobre os obitos durante o ano de 1934 foi de mais de quarenta e dois mil, enquanto no ano anterior (1933) foi pouco superior a vinte e um mil.—(Havas).

«SEMANA MILITAR»

O programa das festas da «Semana Militar», patriótica iniciativa da revista «Defesa Nacional», acaba de ser ampliado com o fim de aceder ao desejo do sr. presidente do Conselho, de que nelle fosse englobada a comemoração do 28 de Maio, passando assim aquellas festas a realizar-se de 18 a 28.

Alguns dos numeros mais representativos serão certamente a exposição de material de guerra, o grande sarau de homenagem ao Presidente da Republica no Coliseu, a demonstração naval da baía de Cascais, as festas das armas no aerodromo da Amadora, Estadio e campo do Jockey Club, bem como exercicios de desembarque por forças de Marinha, regatas no Tejo, homenagem aos Mortos da Guerra, etc.

Todos os festivais, excepto o do Jockey e do Coliseu, são absolutamente gratuitos, para permitir que as classes menos abastadas possam acompanhar de perto estas manifestações de actividade, competendo-lhe da alta missão construtiva que tem a desempenhar a Força Armada.

Quer a sorte grande? Habilita-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo, 115

CONSPIRAÇÃO ABORTADA

MANILA, 3.—Em cinco provincias proximas de Manila produziram-se «resdornos esporádicos e de tão pouca importancia que não foi precisa a intervenção da força armada. A repressão foi exercida unicamente pela Policia. Parece que os desordeiros preconizavam uma especie de comunismo agrario. Foram presos sete individuos, que são accusados de conspirar para o assassinio do presidente do Senado das Filipinas. Alguns filipinos residentes em Nova York asseguram que o Japão financiou o movimento. As autoridades filipinas preparam-se para reprimir as depredações cometidas pelos pescadores japoneses nas ilhas Batavias.—(Havas).

A revolução de Manila

MANILA, 3.—Segundo as ultimas noticias colhidas pela «United Press», sabe-se que o movimento revolucionario que rebentou ontem em varias provincias de Manila foi sufocado nalgumas e prosseguiu noutras com a victoria dos revolucionarios.

Os revolucionarios sofreram até agora 47 mortos e grande numero de feridos, muitos dos quais se encontram hospitalizados em estado grave. As forças fiéis ao governo têm efectuado muitas prisões, estando os quartéis e fortificações militares repletas de presos.

As comunicações telegraficas e telefonicas estão cortadas com o interior procurando agora as forças governamentais restabelece-las.—(United Press).

As exportações norte-americanas

WASHINGTON, 3.—A Camara do Comercio frisa o consideravel aumento das exportações durante o ano de 1934 para a Inglaterra e Canada, países estes que compraram um terço do total das exportações. Os Estados Unidos exportaram para Espanha mais 24 por cento do que em 1933, para Portugal mais 36 por cento, para a Grecia 64 por cento, para a Romania 111 por cento, Austria 40 por cento e Japão 47 por cento.—(Havas).

Corrida de cavalos

NEW MARKET, (Inglaterra), 2.—O pachá indiano Aga Khang ganhou as corridas de cavalos realizadas nesta cidade cujo premio era de dois mil guineus.—(United Press).

Challapin gravemente enfermo

AMSTERDAM, 3.—O famoso cantor russo Challapin encontra-se em estado grave, num hotel desta cidade.—(Americana).

PUBLICAÇÕES

«Arquivo Nacional»

Foi posto á venda mais um numero do «Arquivo Nacional», interessante revista de historia antiga e chronica contemporaneas, que Rocha Martins dirige, um nome bem conhecido nas letras portuguezas. Despertando um crescente interesse nos seus numerosos leitores, «Arquivo Nacional», neste numero, o 173, insere colaboração da mais flagrante actualidade.

Semanario «X»

Devido ás transformações das officinas onde é impresso e ainda a motivos alheios á vontade do seu director—o «X», semanario triunfante, que Reinaldo Ferreira dirige, sofreu, nas ultimas semanas, atrasos e irregularidades de saída. Esse periodo de reorganização terminou, porém; e o seu numero hoje lançado marca novo periodo tecnico, que mais valorizará ainda o «X».

Um baile na Ecole Française

Realiza-se amanhã, ás 22 horas, o baile organizado na Ecole Française (Patio do Tejo, 25), pelos antigos alunos daquelle estabelecimento de ensino, com a assistência das autoridades diplomaticas e consulars francezas e da direcção da referida escola.

PROEZA DE BANDIDOS

Assalto a um comboio de passageiros

HSINKING, 2.—Proximo desta cidade, trezentos bandidos fortemente armados assaltaram um comboio de passageiros, matando o maquinista, cinco passageiros e seis soldados. Depois de ferirem gravemente mais 14 passageiros e sequestrarem outros 15, bem como o condutor, saquearam o comboio e os cadaveres das suas victimas que despojarão de todos os valores e vestuários, deixando-os em completa nudez.—(United Press).

A greve na General Motor Company

DETROIT, 2.—As autoridades locais envidam todos os esforços no sentido de evitar que a greve dos operarios da General Motor Company alaste a outras fabricas.

A General Motor Company, que encionava fazer melhoramentos nas suas fabricas, no valor de três milhões e meio de dollares, está impossibilitada de efectivar este seu desejo, em virtude das exigencias dos operarios.—(United Press).

Morteiros para fazer chuva

DALLAS, (Texas), 2.—Em consequencia das grandes nuvens de pó que têm assolado esta cidade, os agricultores da região, que têm sofrido grandes prejuizos, saíram para os campos munidos de mascaras, no proposito de lançarem morteiros tendentes a provocar a queda de chuvas que acalmem: a tormenta de pó.—(United Press).

O dinheiro será sempre dinheiro

«Juvenia» será sempre «Juvenia», será sempre maravilhosamente regressivo, que traz consigo a juventude remocante dos cabelos, dando-lhes o frescor juvenil da bella idade!

«Juvenia» encontra a cor perdida dos cabelos, a cor que a idade excluiu e que «Juvenia» facilmente reconzua, em plenitude, á pujança natural.

Isto são factos que milhares de pessoas podem, por experiencia, comprovar.

Treviranus, o celebre naturalista alemão que criou, ha cem anos, a palavra «biologia», como expressão de «doutrina da vida», não hesitaria de classificar «Juvenia» como a «vida da cor capilar» porque na realidade «Juvenia» é um regressivo absoluto, acreditado, comprovado.

«Juvenia» é muito discreta e, como a transformação dos cabelos brancos ou grisalhos para a sua antiga cor é lenta, ninguém repara.

Mas... é preciso que seja: «Juvenia».

O grande acontecimento de amanhã

é a primeira apresentação no Coliseu

do Orfeão Academico de Coimbra

Dois unicos saraus

O publico de Lisboa vai receber, com a costumada galhardia e o entusiasmo de sempre, os estudantes que compõem o Orfeão Academico de Coimbra, nos dois saraus que este realizam no Coliseu, o primeiro dos quais se verificará já amanhã, sábado, ás 21 e 45.

Este orfeão é o maior e mais antigo grupo coral português. São por isso pertencissimas as suas execuções, quer de corais classicos, quer de canções populares portuguezas, de que tem lindas rapsodias.

As suas capas negras e a sua mocidade vão dar uma nota de vibrante alegria á vida lisboeta e estes dois saraus prometem ser brilhantissimos O acto de variedades é colossal; mas como se isso não bastasse, teremos ainda os eximios guitarristas Artur Faredes e Abílio de Moura, e fados e canções pelos drs. Armando Góis, Paradelo de Oliveira e Antonio Vaz. Não alterião a Orxestra Pitagorica e outras extraviagens do mais irresistivel gosto, da modicidade academica. Preços populares. Domingo: despedida do orfeão.

ODEON — PALACIO
Serenata de Amor
Charlie Chan em Londres

ULTIMAS NOTICIAS

Companhia das Fabricas
Ceramica Lusitania
Grandes fabricas de bons produtos ceramicos de
TODOS OS G.N.E.L.O.S E PARA
TODOS OS USOS
Lisboa, Faro, Coimbra, Braga,
Setúbal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUE HONRA O PAIZ!

O DIA DOS SAPADORES

A VISITA

ao Chefe do Estado
e o almoço na "Parada"

(Continuação da 5.ª pagina)

colocaram esta legenda gloriosa:
«Aqui jaz um grande guerreiro português».

Em nome da delegação de Oeiras da Liga dos Combatentes, o sr. Fernando Araújo Alegria destacou a acção gloriosa dos Sapadores em França colocando um ramo de flores em homenagem aos membros desse batalhão que lá morreram, e outro como prelo aos mortos da guerra em geral.

O coronel Raul Esteves agradeceu o amoravel acolhimento que Cascais prestara áquelas três centenas de combatentes, dizendo que todos os homens que se bateram na guerra devem sempre conservar-se unidos, para a defesa e o serviço da Patria.

O cortejo atravessou depois a vila, dirigindo-se á cidadella, onde todos alinharam, formando por companhias, tendo á frente, sucessivamente, o coronel Raul Esteves, o seu estado maior da França, os restantes officiaes e os subalternos e praças.

O sr. coronel Raul Esteves, acompanhado do sr. capitão Silva Costa, foi cumprimentar o Chefe do Estado que pouco depois desceu á parada, abraçando o antigo comandante de Sapadores e dizendo que era com grande alegria que ali via um tão numeroso punhado de combatentes.

O sr. coronel Raul Esteves disse:
— Estes homens que aqui estão, officiaes, sargentos e soldados, numa commum admiravel, quizeram vir em romagem á terra que os viu partir com tantos camaradas que não voltaram. E não podiam deixar de cumprir o grato dever de vir saudar quem tão nobre e patrioticamente chefiou a Nação, como militar e cidadão exemplar de si. Certo que aqui interpreto o sentir de todos, gritarei: — «Viva o sr. general Carmona!».

O Chefe do Estado passou revista aos combatentes e á guarda de honra do Grupo de Defesa Movel da Costa, depois do que todos desfilaram ante o sr. general Carmona, o caminho do local donde o batalhão partiu em 1916. Ali, o capitão Paço fez a chamada dos mortos do batalhão na campanha da França:

1.º cabo foguetiro n.º 227, José Afonso; 2.º cabo n.º 222, Francisco Rodrigues Coelho; soldado n.º 98, Joaquim Rogado Borges; soldado n.º 106, Francisco Dias Figueira; soldado n.º 10, Julio Timoteo; soldado n.º 398, Hermenegildo Ferreira; 1.º cabo n.º 23, Laurindo Bernardo; soldado n.º 122, Adriano Joaquim Cartaxo; soldado n.º 159, Francisco Dias; soldado n.º 349, Domingos Janeiro; 1.º cabo n.º 196, Vasco Rui de Andrade Costa; soldado n.º 210, Felismino de Almeida; soldado n.º 269, Manuel Pereira; soldado n.º 276, Adriano de Azevedo; soldado n.º 450, Fernando de Courtils Gifre; soldado n.º 24, Raul Mario de Oliveira; soldado n.º 68, Manuel Domingos.

E ao ser pronunciado cada nome, todos respondiam: Presente!

Depois, realizou-se, no Sporting Club de Cascais — elegante «Parada» — o grande almoço de confraternização, no fim do qual houve entusiasticos discursos, sendo delirantemente aclamados o coronel Raul Esteves e os sapadores.

GAU DO GOVERNO ESPANHOL

MADRID, 3.— O sr. Lerroux encontrava-se ás 16 horas no Palacio presidencial onde foi apresentado ao sr. Alcalá Zamora a demissão colectiva do Governo. Diz-se que só amanhã será oficialmente annunciada a queda do Governo.—(United Press).

O PROBLEMA DA PAZ

Como se desenrolou

o importante debate

levantado na Camara dos Comuns

LONDRES, 3.— O principal objectivo da politica externa da Gran-Bretanha, declarou Sir John Simon ontem durante o grande debate que se efectuou na Camara dos Comuns, é que a Alemanha seja convidada a restaurar, não por palavras mas com factos, a confiança que ella tão violentamente abalou, e que a Inglaterra culde seriamente dos seus meios de defesa que são a melhor garantia da segurança do mundo.

O primeiro ministro afirmou ser intenção da Gran-Bretanha manter a paridade aerea com o Reich.

As declarações prestadas á Camara pelo chefe do governo tiveram uma manifesta influencia na attitudo dos partidos da opposição. Lansbury e sir Herbert Samuel, «leaders» dos partidos trabalhista e liberal, affirmaram que a Alemanha, pela sua attitudo, tinha destruido toda a simpatia que por ella poderia ter a opinião publica britânica.

— «A Alemanha», afirmou sir Herbert Samuel, deve ser informada de que, a persistir na sua attitudo recusando-se a entrar num accordo geral, fará que todos os sectores da opinião publica se unam contra ella».

A profunda inepcia da politica alemã e as suas verdadeiras intenções foram expostas por Winston Churchill e sir Austen Chamberlain: «O objectivo da Alemanha», declarou Winston Churchill, é alcançar a supremacia aerea e desenvolver ao maximo as suas forças de terra e mar. Caminha rapidamente para alcançar esse objectivo! Qual o remedio para este estado de coisas? Que a Inglaterra actue juntamente com a França e a Italia, com todos os grandes e pequenos países, sob a égide da S. D. N., a fim d' compensarem as deficiencias dos seus meios de defesa, com vigor e energia».

Sir Austen Chamberlain fez suas as palavras de Churchill e declarou que, no seu entender, a situação é agora muito mais perigosa do que, em nenhuma epoca depois da Grande Guerra.

— «E' necessario, disse, fortalecer os nossos serviços de defesa, de accordo com o perigo! Quere ou não quere a Alemanha chegar a um accordo com o resto dos países? Ou deseja o Reich apresentar-se ao mundo como uma nação tão forte que as outras fiquem absolutamente na sua dependencia? A Alemanha antes de 1914, não viu que se encontrava completamente isolada. Esse facto não o vê agora outra vez?».

Lord Cranborne analysou minuciosamente os argumentos apresentados pelo Reich quando afirma que o seu rearmamento é motivado por necessidades de defesa propria.

— «Mas que país, perguntou, pensa atacar a Alemanha? Se a França a não atacou durante os primeiros quinze annos após a guerra, quando o seu exercito era mais forte, não será agora que pensará em fazê-lo? Que a Alemanha seja atacada pelos pequenos países seus vizinhos, ou pela Polonia, o que ninguém concebe, o que ninguém pode crer».

— «Qual é, pois, o inimigo que a Alemanha receta? A Russia? A Republica sovietica encontra-se altamente occupada com um grande problema de índole social e politica que requiere muitos annos de tranquillidade e de paz absoluta. A Russia não possui nemhuma intenção belicosa a proposito da Alemanha. As idéas guerristas da Alemanha, a proposito da U. R. S. S. não se comprehendem. O perigo, evocado pelo Reich, dum Russia militarizada é um mito. Estou absolutamente certo que o proprio Estado Maior alemão nele não crê. São os vizinhos da Alemanha que têm justamente razão em temer as suas intenções! Se realmente existisse uma Alemanha innocente, e se innocentes fossem por consequente as suas intenções, esse país podia realmente provar que assim era, regressando á S. D. N. e assinando uma convenção de armamentos. Uma tal

attitudo da parte do Reich, traria um grande alívio a toda a Europa!».

Sir John Simon, ministro dos Negocios Estrangeiros, durante o seu discurso, perguntou igualmente quais seriam os países que a Alemanha temia, e concluiu affirmando que faria um apêlo ao Reich para que cumpria a sua promessa de procurar a igualdade dentro do campo da segurança, e restaurar, não com palavras mas com actos, a confiança tão fortemente abalada pelos ultimos acontecimentos.—(Havas).

A Alemanha e o discurso de MacDonald

BERLIM, 3.— A imprensa alemã mostra-se satisfeita com as declarações de MacDonald, na Camara dos Comuns. O «Deutsche Allgemeine Zeitung» escreve, a este respeito: «O partidarista que accusava a Alemanha, voltou a ser o chefe ponderado do governo britânico e retoma o papel de negociador que anteriormente desempenhara com a sua habilidade».

Em varios pontos do discurso verifica-se concordancia completa com o ponto de vista alemão, principalmente na parte referente á imperfeição dum sistema de segurança de que o Reich não fizesse parte. O Reich deu sempre provas de disposições conciliatorias a este respeito, e fez, para tanto, propostas praticas.

O «Boersen Zeitung» declara: «O nosso desejo de chegar a um accordo permanece. A Inglaterra conhece as condições prévias. Se se declara disposta a negociar commosso, isso leva-nos á suposição de que as aprova».—(Havas).

Comentarios ao pacto franco-sovietico

BERLIM, 3.— A «Kreuz Zeitung», a proposito da assignatura do pacto franco-sovietico, diz: «A S. D. N. ficará novamente sob o terror duma colligação formada no seu seio. Terá de inclinar-se, sem formular objecções, perante as reivindicações de certos grupos de potencias, ou então fornecer-lhes o desejado pretexto para realizarem os fins sobre os quais previamente se puzeram de accordo, invocando os estatutos da S. D. N.».

O «Lokal Anzeiger» frisa a importancia das modificações introduzidas no texto inicial, principalmente no que respeita ao automatismo e assistencia mutua. E acrescenta: «Em Paris não têm illusões sobre o valor pratico do pacto. Um observador neutro reconhecerá que a França teria meios mais simples de garantir a sua segurança. Bastar-lhe-ia prestar ouvidos ás vozes de Aléu-Reno».—(Havas).

Espingardaria Ramos

A fim de adquirir na Grande Exposição Internacional as melhores e mais modernas armas de caça, partiu hoje para a Belgica o sr. Marino Figueiras Ramos, filho do con. e tido armeiro sr. João Ramos.

MAXIM'S

Reparação da Orquestra Blue Jazz Ladies

A melhor orquestra feminina que tem vindo a Portugal

Domingo, 5 de Maio — JANTAR E FESTA DE NOITE

em homenagem ás equipas do football do

XII PORTUGAL-ESPAÑA

as quais assistirão a esta festa, após o banquete que lhes é oferecido pela Federação Portuguesa de Foot-Ball e que se effectuara no Salão Dourado deste Club

Fados por Ercilia Costa

BALLET WATNEY, em 2.ª apresentação.

HERMANS VILANO VEGHES, ballados de fantasia e couplets.

MESOLI LEVIS, ballados espanhols e orientais.

2 Orquestras 2 Blue Jazz Ladies-Victoria

E' conveniente marcar as suas mesas com antecedencia

TERMINOU O "RALLYE, DE MARROCOS

Os portugueses classificaram-se

em segundo lugar dentro da sua categoria

CASABRANCA, 3.— A «équipe» portuguesa chegou sem penalizações a Casablanca. Terminou hoje o «Rallye». Mantemos o segundo lugar na nossa categoria e a nossa posição na classificação geral.

Os carros de Mme. Pierre Dax e Real avariaram-se. Por sua vez, o concorrente Paul Cousin capotou, ficando os passageiros feridos.

A dureza deste «Rallye» reside no facto de terem partido 37 concorrentes e de terem terminado a prova apenas 15 carros.

Dos nove concorrentes saídos de Roma, local escolhido para a largada da «équipe» portuguesa, apenas concluíram a prova três carros.

Entre tão fortes concorrentes, os portugueses classificaram-se brilhantemente em segundo lugar na pequena cilindrada, chegando a Casablanca com excelente disposição e recebidos festivamente pelo consel e portugueses ai residentes.—N. L.

O ENCONTRO PORTUGAL-ESPAÑA

As entradas para o Estadio do Lumiar

no proximo domingo

Uma das maiores preocupações da Federação de Football reside, neste momento, na regulação da entrada do publico.

Segundo communicação da Federação a entrada para a geral realizar-se-á tanto pelo portão principal do Estadio que convem aos espectadores que desejarem ficar no topo norte, como pela passagem da Alameda da Linha de Torres.

Os portadores de bilhetes de bancada lateral devem utilizar, de preferencia, o portão principal. Os sectores da bancada lateral acham-se visivelmente indicados e mapeletas, a fim de facilitar a arrumação.

Aqueles que tiverem bilhetes de camarote, cadeiras, bancada central, pias e bilhetes de convite, devem servir-se da entrada principal e da passagem aberta no campo do Sporting. A Federação, que tem sido incansavel na organização deste serviço, e que tem no campo indicações claras a respeito de arrumação dos espectadores, espera que o publico concorra para a boa regularidade do serviço, sujeitando-se de boamente ás suas determinações.

Fernando Monreal

Chegou hoje, a Lisboa, no comboio de Madrid, o nosso camarada sr. Fernando Monreal, brilhante jornalista, que como delegado da importante agencia desportiva «Noti-Sports», de que é delegado em Portugal o nosso camarada Tavares da Silva, vem fazer a reportagem do desafio internacional Portugal-Espanha, em «foot-ball» para os maiores jornais de Espanha.

Lanches para casamentos PATISSERIE VERSAILLES

AMANHÃ — Sabado, 4

Debut do Ballet Watney Girls

composto por seis interessantes bailarinas

Reparação da Orquestra Blue Jazz Ladies

A melhor orquestra feminina que tem vindo a Portugal

Domingo, 5 de Maio — JANTAR E FESTA DE NOITE

em homenagem ás equipas do football do

XII PORTUGAL-ESPAÑA

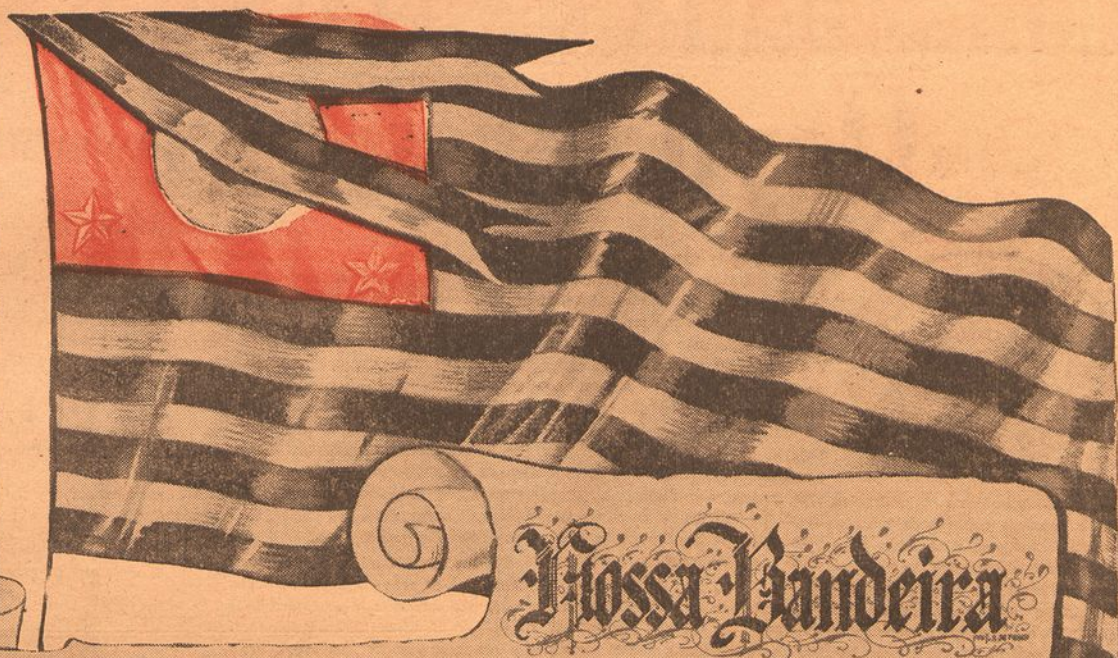
as quais assistirão a esta festa, após o banquete que lhes é oferecido pela Federação Portuguesa de Foot-Ball e que se effectuara no Salão Dourado deste Club

Fados por Ercilia Costa

BALLET WATNEY, em 2.ª apresentação.

HERMANS VILANO VEGHES, ballados de fantasia e couplets.

MESOLI LEVIS, ballados espanhols e orientais.



Nossa Bandeira



Bandeira da minha terra,
bandeira das treze listas!
São treze lanças de guerra
cercando o chão dos Paulistas!

préce alternada, responso
entre a cor branca e a cor preta:
velas de Martim Affonso,
solaina do Padre Anchieta!

Bandeira de Bandeirantes,
branca e rola de tal sorte
que entre os rasgões tremulantes
mostrou as sombras da morte.

Ascos negros sobre a prata:
são como o rastro sombrio
que na agua deixava a chata
das Ilhoções subindo o rio...

Magina branca paulada
por Deus numa hora suprema
para que um dia uma espada
sobre ella escrevesse um poema:

o poema do nosso orgulho
-- eu vibro quando me lembro! --
que vae de nove de Julho
a vinte e oito de Setembro!

Velappa de pátria guerreira
traçado pela Victoria:
cada lista é uma trincheira,
cada trincheira, uma gloria!

Baras rectas, firmes: quando
o inimigo surge á frente,
são barras de aço guardando
nossa terra e nossa gente.

São os dois rapidos brilhos
do trem-de-ferro que passa:
faixa negra dos seus trilhos,
faixa branca da fumaça...

Fuligem das officinas,
cal que as cidades empôa!
Fumo negro das usinas
estirado na garôa!

Linhas que avançam: ha nellas,
correndo num mesmo fito,
o impulso das parallelas
que procuram o Infinito.

o desfile de operarios ...
o casezal alinhado ...
São filhas de voluntarios ...
São sulcos do nosso arado ...

Bandeira que é o nosso espelho!
Bandeira que é a nossa pista!
Que traz, no topo vermelho,
o coração do Paulista!

Luiz Mascarenhas

Companhia de Navegação

«Lloyd Brasileiro»



Entre as grandiosas organizações que largamente contribuem para a economia brasileira, é de força contar-se com a Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro. Muito se tem dito e escrito sobre esta importante companhia e muitos são os constantes boatos postos a divulgar que visam esse organismo a que o Brasil deve, em grande parte, a sua melhor e mais eficiente propaganda.

Não se desconhecendo a importância enormíssima que a marinha mercante representa num país, importan-

cia tão grande que leva todos os governos das mais fortes nações a gastarem com ela verdadeiras, inconcebíveis fortunas, compreende-se facilmente quanto uma organização como o Lloyd Brasileiro com uma tão grande frota e num país de extensão costeira tão vasta representa.

Confiada a sua superior direcção hoje ao sr. Guido de Bellens Bezzi, prodígio de actividade que se allia a uma grande capacidade, o Lloyd Brasileiro tem diante de si um prospero futuro e continuará a marcar como uma das grandes realidades do Brasil.

Constituindo a maior empresa de navegação da America do Sul ela é incontestavelmente a arteria mais importante e mais necessaria do organismo economico do Brasil. Bastará para se chegar a essa conclusão, conhecer-se o valor cada vez mais crescente das exportações brasileiras, aumentando dia a dia enormemente em

virtude da sábia orientação dos organismos que estão incumbidos da expansão economica desse prodigioso país.

Compõe-se a frota do Lloyd Brasileiro de 29 navios mixtos, carga e passageiros, com uma tonelagem total de deslocamento de aproximadamente 199.987 toneladas e de 35 cargueiros com uma tonelagem total aproximada de 268.284 toneladas, o que define bem a sua importância, porquanto poucas companhias de navegação possuirão tão grande frota.

Na ilha de Mocanguê possui o Lloyd Brasileiro os seus bem aparelhados estaleiros com dois belos diques, com uma area de 25.000 metros quadrados, o que mesmo assim não é sufficiente para o enorme movimento da companhia, que se viu obrigada a adquirir mais tarde um triangulo de cerca de 115.000 metros quadrados na ilha da Conceição, onde foram instaladas novas oficinas e um grande deposito de carvão. O total das oficinas do Lloyd é de 18, que ocupam cerca de 2.000 operarios.

O total de empregados nesta grande companhia, incluindo operarios, pessoal de bordo e dos escritorios ascendem a mais de 20.000 pessoas.

Actualmente o Lloyd Brasileiro tem em exploração 11 linhas regulares, 3 transatlanticas, 6 costeiras sendo 4 de grande e 2 de pequena cabotagem, 1 fluvial e 1 lacustre, servindo os vapores desta companhia 61 portos, 47 nos diversos Estados do Brasil e 14 em paises estrangeiros.

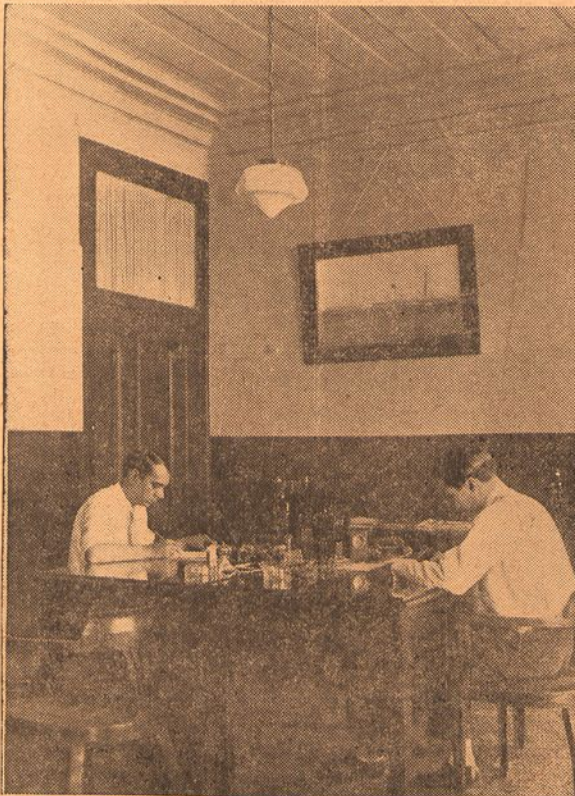
A direcção dos seus servicos em Portugal está confiada ao sr. Frederico Schmidt, que nos ultimos anos lhe tem

dado um desenvolvimento extraordinario, graças á sua grande actividade e aos seus dotes pessoais.

Bastará saber-se que em 1934 no transporte de passageiros de nosso país e num total de 9 linhas coube justamente ao Lloyd 31 0/0, ou seja: total de passageiros embarcados 10.804 no Lloyd 3.390. Quanto a carga registou-se igual percentagem no total da carga aqui embarcada ou seja das 18.013 toneladas embarcadas em todas as companhias, couberam ao Lloyd



Dr. Guido Bezzi, director do Lloyd Brasileiro



O agente geral do Lloyd Brasileiro em Lisboa, sr. F. Schmidt, no seu gabinete de trabalho



O «Cuyabá» atracado em Alcantara

O BRASIL

Indices do seu grande progresso e da sua imensa expansão comercial, industrial e agricola

Viendo ha mais de cinco anos neste lindo pais, dediquei-me inteiramente ao estudo dos problemas economicos e financeiros que ao mesmo dizem respeito.

E cheguei ás seguintes conclusões: que sob o ponto de vista economico, o futuro do Brasil, é imprevisivel, em relação á culminancia que atingirá, tais são as suas possibilidades, sobretudo á suas riquezas ainda inexploradas.

E que, sob o ponto de vista financeiro, pode ser em certo modo angustioso o momento que passa, mas a sua situação, nesse particular, nada tem de aterrorizadora, sobretudo se tivermos em atenção que toda a divida brasileira corresponde a Lbs. 6.06.00 por habitante, e que a divida inglesa é de Lbs. 165.00.00, tambem per capita. Ademais, e apesar da crise mundial, a sua balança comercial em 1934 ainda acusou um saldo de 9.974.067 libras esterlinas, ou, em moeda brasileira Reis 975.736.000\$000.

E para que se veja o que tal significa, basta que se saiba que Portugal, apesar de todos os esforços, intelligente e patriótica orientação do seu Governo, ainda em 1934 para uma importação de 2.123.507 contos, teve uma exportação de 852.704 contos, pelo que houve um desiquilibrio de 1.270.803 contos!

Citamos este exemplo unicamente para que se veja que o Brasil atravessa dificuldades momentaneas, pois dada a sua situação financeira, o saldo da sua balança comercial, e as enormes riquezas que se abrigam no seu territorio, em pouco tempo, com o esforço gigantesco que estão fazendo todos os seus filhos (Governo, Produtores, Exportadores, etc.) este mesmo Brasil occupará, no meio das nações mais prosperas, o lugar a que tem incontestavelmente direito.

O Brasil tem de superficie 8.511.189 quilometros quadrados. Dentro do seu territorio caberiam á vontade os seguintes paises:

Espanha, Italia, França, Alemanha, Suecia, Japão, Noruega, Argentina, Bolivia, Colombia e Perú.

A sua população que em 1900 era de 17.000.000 de habitantes, atingiu em 1933, 44.000.000.

No seu territorio existem 986 cidades e 1.365 municipios.

Os seus climas são o equatorial, o tropical e temperado. Possui 32.972 quilometros de estradas de ferro, e

122.000 quilometros de estrada de rodagem, com 3.356 locomotivas, e 4.259 wagons.

Os rios navegaveis somam 37.000 quilometros, e as linhas aereas 17.600. Finalmente a sua produção agricola atinge, anualmente, 6.900.000 de contos de reis, cifra essa que tambem é atingida pela sua produção industrial.

Tem 59.500 quilometros de linhas telegraficas, 31.000 escolas, 365 fabricas de tecidos, e 815 usinas electricas; onde é aproveitada parte da sua energia hidraulica, calculada em 30.000.000 de cavalos.

* * *

A Republica dos Estados Unidos do Brasil compõe-se de 20 Estados, o Distrito Federal, que é um territorio neutralizado em torno e incluindo a cidade do Rio de Janeiro, e o Territorio Nacional do Acre, situado no extremo oeste do Brasil, e que pertence á Federação.

Dou abaixo os nomes dos respectivos Estados, suas capitais, e lista dos produtos vegetais que cada um deles produz em maiores quantidades.

Amazonas: capital Manaos. Borracha, castanha, cacau, guaraná, oleaginosas, ipeacuanha, etc.

Pará: capital Belem. Borracha, castanha, cacau, algodão, arroz, e tabaco.

Maranhão: capital S. Luiz. Algodão, babassú, açúcar, arroz, mandioca e fumo.

Ceará: capital Fortaleza. Algodão, carnauba, açúcar, babassu, fibras e mandioca.

Rio Grande do Norte: capital Natal. Algodão, açúcar, carnauba, babassú, mandioca, e fumo.

Parahiba: capital Cabedello. Algodão, açúcar, fumo, café, côco e mandioca.

Piauí: capital Therezina. Babassú, algodão, borracha, e carnauba.

Goiaz: capital Goayz. Café, fumo, arroz, cereais, algodão e babassú.

Matto Grosso: capital Culabá. Borracha, açúcar, café, arroz, ipeacuanha, cereais e matte.

Pe nambuco: capital Recife. Açúcar, café, algodão, frutas, alcool e fumo.

Alagoas: capital Maceió. Açúcar, algodão, arroz, fumo, côco e mandioca.

Sergipe: capital Aracajú. Açúcar, algodão, arroz, fumo, café e côco.

Bahia: capital S. Salvador. Cacau,

Especial para o 'Diário de Lisboa' por José de Castro, addido ao D. N. I. C.

café, fumo, açúcar, piassava, e cereais.

Espirito Santo: capital Vitoria. Café, açúcar, cacau, fumo, cereais e arroz.

Minas Gerais: capital Bello Horizonte. Café, algodão, arroz, fumo, cereais e açúcar.

Rio de Janeiro: capital Nitheroy. Açúcar, café, arroz, laranja, banana e abacaxi.

S. Paulo: capital S. Paulo. Café, algodão, arroz, açúcar, frutas e fumo.

Paraná: capital Curitiba. Café, Herva mate, cereais, café, açúcar, trivinho.

S. Catharina: capital Florianopolis. Herva mate, cereais, café, açúcar, trigo e vinho.

Rio Grande do Sul: capital Porto Alegre. Fumo, trigo, arroz, cereais, vinho, frutas e mate.

Alem destes produtos, todos os Estados são ricos em pecuaria, em madeiras, e em minérios.

Dum modo geral, o Brasil produz:

Na Agricultura: o algodão, a rifa, o amendoim, o arroz, a aveia, o babassu, a batata, a borracha, a baunilha, o cacau, o café, a cana do açúcar, a castanha, do Pará, a carnauba, o centeio, a cevada, o chá, o côco da Bahia, o feijão, o fumo, o guaraná, a jarina, a mamona, a mandioca, o mate, o milho, o trigo, etc.

Em frutas de mesa: a banana, o abacaxi, o tamarindo, a fruta do conde, a manga, o mamão, o abil, o café, diversas especies de castanha, a goiaba, a jaça, a tangerina, uvas, peras, maçãs, pêçegos, ameixas, melão, etc.

Em plantas Taníferas: os «arçobicos», «barbatimões» e «mangues».

Em frutas Oleaginosas: o amendoim, a mamona, o caroço de algodão, os côcos de tucum, os coquinhos de babassu e de piassava, e cubarú, o gergelin, o jaboti, o murumuru, o curucuru, etc.

Em fibras: o coroa, ou coroa, o gravatá de gancho, o gravatá de rede, a piassava, o tucum ou ticum, a jacitara ou urubamba, a guaxima roxa, o pacopaco, o canhamo brasileiro, a pitura, o sisal, a embra branca, a sansevera, a juta, o liço do brejo, etc.

Em Madeiras: acapu, cedro, embuia, gonçalo-alves, jacarandá, louro, marçanduba, oleo vermelho, pau Brasil, pau mulato, pau roxo, pau setim,

pequiá, peroba, pinho, sapupira, vinhatico, etc.

Em produtos animais: carnes resfriadas e congeladas, o xarque, a banha, a lã, as peles e couros, o laticínios, e os sub-produtos tais como: os os umbigos, as tripas secas, o cebo, o sangue seco, os sabugos de chifre, os ossos, a oleina, a estearina, o oleo de mocotó, o grude ou cola, a glicerina, as glandulas, as garras, os extratos e calde de carne, as crinas, as cinzas de ossos, os chifres, as linguas congeladas, os miudos resfriados e congelados etc.

Em Minerios: o ouro, o ferro, o manganês, o cobre a platina o mercúrio, o chumbo, o estanho, o zinco, o níquel, os diamantes, a grafite, o enxofre, o alumínio, o quartzo, o bismuto, as areias monaziticas, os xistos bituminosos, a turfa, o asfalto, os calcarios, a mica, o amianto, o carvão, as aguas minerais, etc.

* * *

A entrada de imigrantes no Brasil, no ano de 1933, e por nacionalidades, foi a seguinte:

Japoneses	24.494
Portugueses	10.696
Alemães	2.180
Italianos	1.920
Poloneses	1.825
Espanhóis	1.698
Libaneses	450
Rumenos	428
Argentinos	379
Austriacos	302
Franceses	250
Syrios	151
Inglezes	141
Hungaros	140
Lituanios	138
Diversos	3.620
	<hr/>
	48.812

A titulo de curiosidade damos abaixo a totalidade da entrada de imigrantes, nalguns dos anos anteriores:

Em 1820	1.682
Em 1850	2.072
Em 1880	30.357
Em 1895	167.618
Em 1926	121.596
Em 1929	100.424
Em 1932	34.683

(Ver continuação na pagina seguinte)

Indice do grande progresso Brasileiro

(Continuação da pagina anterior)

No ano de 1930 existiam em todo o territorio brasileiro, os seguintes emigrantes:

Italianos	1.489.964
Portugueses	1.341.875
Espanhois	586.527
Alemães	207.302
Russos	115.095
Japoneses	100.644
Austriacos	91.872
Turcos	82.547
Diversos	502.632
Total	4.518.458

* * *

No ano de 1934, o Brasil exportou, em quantidades avultadas, as seguintes mercadorias: banha, carne em conserva, carnes congeladas, couros, lã, peles, sebo, xarque, manganez, pedras preciosas, algodão em rama, arroz, açúcar, borracha, cacau, café, cera de carnauba, farelos, farinha de mandioca, laranjas, frutas de mesa, não especializadas, frutos para oleo,

fumo, herba mate, madeiras e tortas. Em relação a estas mercadorias, verificaram-se, no mesmo ano, as seguintes cifras:

Em toneladas	2.200.333
Em contos de reis	3.378.521
Em libras	35.441.000
Tambem em 1934, o Brasil importou:	
Em toneladas	3.969.971
Em contos de reis	2.502.785
Em libras ouro	25.467.306

Destes numeros vê-se: que em tonelagem houve uma diferença, contra o país, de 1.769.638 toneladas. Que em reis brasileiro houve um saldo favoravel de 975.736.000\$000. E que, em libras ouro, houve tambem um saldo favoravel de 9.974.067.

Donde se conclui: Um país ainda em grande parte inexplorado, e vitima, como aliás todos os países do globo, da violentissima crise economica e financeira que avassalou o mundo, que consegue o equilibrio, ainda com saldo, da sua balança comercial, nos termos que ficam expostos, e apesar da baixa de preços que todos os pro-

ductos vão sofrendo, pela menor capacidade aquisitiva do exterior, (um país nestas condições tem diante de si um futuro brilhantissimo, desde que organize, como está organizando, toda a sua maquina produtora cujas possibilidades se podem classificar de incalculáveis.

E para todo este esforço colectivo, está contribuindo, num trabalho insano, o Departamento Nacional de Industria e Comercio, cujo director geral, o dr. João M. de Lacerda, vem, com uma clarividencia notavel, realizando uma verdadeira obra de propaganda e expansão comercial do Brasil no estrangeiro, da qual os resultados já se tem feito sentir dum forma absoluta, como se verificou, entre outras na exposição internacional de Bari, na Italia, onde os mostruarios de produtos, respectivo pavilhão, etc., despertaram tal interesse, que as instalações brasileiras foram classificadas em primeiro lugar, entre quatro dezenas de concorrentes!

Aos esforços pois deste senhor, em colaboração assidua com o ministro

do Trabalho, Industria e Comercio, sr. dr. Agamenon de Magalhães, que ao mesmo tem dispensado todo o seu apoio, se deve uma obra cujos resultados beneficos se constatarão e mbreve espaço de tempo.

E para encerrar esta breve e reduzida noticia sobre o Brasil actual, seja-me permitido fazer uma referencia ao Conselho Federal de Comercio Exterior, alto Corpo Consultivo de que é presidente honorario o proprio presidente da Republica, sr. dr. Getulio Vargas, de que o mesmo dr. João M. de Lacerda é um dos conselheiros, e que, funcionando no Ministerio da Relações Exteriores, com a assistencia quasi continua do illustre titular dessa pasta, sr. dr. Macedo Soares, tem feito a coordenação de toda a produção e expansão brasileiras, de forma a incrementar e incentivar todas as possibilidades, deste grande e glorioso país, que pode e deve ser classificado como o mais rico do Mundo.

JOSE' DE CASTRO
Adido ao D. N. I. C.



Dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira da Imprensa

A amavel intimação de Gastão de Bettencourt para levar uma entrevista minha no seu regresso a Portugal, deixá-me, realmente, confuso, porque já esgotei todo o meu vocabulario de admiração sobre a gente e a terra portuguesa.

Contudo, está longe de se esgotar a minha admiração e assunto não falta quando se quer falar de Portugal. Aqui mesmo, na minha mesa de trabalho, se remexer um pouco os papeis, encontro a correspondencia trocada com os estudantes brasileiros da Universidade de Coimbra que estão fazendo obra de patriotismo e de intercambio inteligente com a Sala Brasil e naquele tradicional centro universitário. Eles me pedem livros, revistas e jornais daqui para formarem uma boa biblioteca. E eu me esforço por colaborar nesta magnifica realização. Outro assunto constante das minhas preocupações de agora, e relacionado a Portugal, é a idéa de um Congresso Luso-Brasileiro, a reunir-se em Lisboa. Por enquanto isto está na fase preparatoria, embora as «diligencias» prosigam animadoramente.

Neste instante, sou forçado a lembrar a figura amigã do grande Embaixador de Portugal; Martinho Nobre de Melo. E' que empreguei a palavra «diligencia» obedecendo a uma observação cordial que ele me fez, a

Afirmações do dr. Herbert Moses, presidente da A. B. I.

proposito de uso constante que eu fazia da expressão «demarches»...

Com Sua Excelencia o Embaixador, a Associação Brasileira de Imprensa está estudando um tratado de reciprocidade jornalística, cuja assinatura marcará um dia de festa para todos os jornalistas de Portugal e do Brasil, que tão bem reconhecem e ainda melhor se estimam. Porque somos nós, jornalistas, que completamos a obra da diplomacia moderna, revelando aos nossos leitores a ver-

dade de uma amizade que se alicerça na propria formação étnica e se continua na aproximação cada vez maior de Portugal e do Brasil. Esta impressão é a de todos os jornalistas portugueses que nos visitam e confessam que não conseguem ter a sensação de se acharem em terra estrangeira. E' que falamos a mesma lingua, onde rezamos as mesmas orações. Que o diga essa outra grande figura de Portugal contemporaneo, Sua Eminencia o Cardinal Cerejeira,

que ficou sendo tambem um pouco nosso Cardinal, depois que nós conhecemos e que nós o conhecemos.

Brasileiros e portugueses se entendem tão bem porque são uma só familia. Não ha casa brasileira onde não se venere um avô português. As minhas filhinas têm o sangue do velho marquês de Viana. Terão tambem, mais tarde, por força do atavismo, a ternura e a bondade das mulheres de Portugal.

Tanto tenho falado de Portugal e aos portugueses que não quero repetir-me em uma longa entrevista. Assim, diga-lhes que venham até cá todas as vezes que puderem e assegure-lhes que nós faremos o mesmo sempre que possível.

HERBERT MOSES
Presidente da Associação Brasileira de Imprensa

ESPIRITO DE RENOVAÇÃO

por Teixeira Soares

(especial para o "Diario de Lisboa")

A renovação que, neste momento, se processa em larga escala no Brasil constitui, sem duvida alguma, um dos mais curiosos espectaculos que a algum seja dado presenciar. Porque mister se faz atentar que a renovação se vem verificando em todo o quadrante da cultura e da sensibilidade brasileiras, com a descoberta de novas formas de expressão, novas medidas e novos ritmos, e dando em resultado um esplendido impeto de originalidade, criação e critica construtora. Se pretendemos subir aos mancebos desse grande movimento, que impôs um novo espirito ao Brasil, verificaremos que ele dimanou da admiravel campanha de renovação estetica dirigida por Graça Aranha. Essa campanha constituiu um momento unico na historia da evolução da cultura brasileira. Não resta duvida que, de 1922 até agora, tem havido muito esforço desordenado, mas a soma de individualismo que existe, presente ou latente em toda a nossa produção artistica, constituiu um dos indices mais impressionantes da actual renovação da cultura e da sensibilidade do Brasil.

BRASIL E PORTUGAL

Falar do Brasil é rezar a oração da raça.

Pronunciar o seu nome é evocar toda uma terra de encanto, de maravilha em fôr.

Como as lianas que, em pleno sertão e em gestos de carinho, entrelaçam o arvoredor forte, o Atlantico, esse amavel intruso, bem intencionado, liga Portugal ao Brasil, em um grande abraço de affecto.

E, para que houvesse eternidade nesse pacto augusto de uma amizade firme, o proprio mar ergue, dia e noite, a sua voz potente.

E lembra, a cada instante, que passa entre os dois labios que são as orlas dos dois continentes outrora ligados, dentro da historia.

O rumor das suas aguas é que não deixa distinguir o que nos diz, mas iamnos jurar que nos fala em lingua portuguesa.

MARIO MONTEIRO.



Dr. Teixeira Soares, secretario da Embaixada do Brasil em Lisboa

São Paulo

Colmeia de lutadores intemeratos

.....

«E assim, nas «entradas» pelas brenhas bravias, na conquista da terra, na caça ao índio e ao ouro, através de obstáculos, de lutas, em meio de aventuras nas quais o homem apenas podia contar com os recursos do próprio animo e do próprio esforço, nasceu e se formou este robusto e aspero individualismo paulista, que criou a audacia dos grandes empreendimentos e o espirito de iniciativa das acometidas arrojadas». (V. Coaracy).

Quem, depois de ter percorrido grande parte do Brasil, visitado alguns dos seus principais Estados, chegue finalmente, a S. Paulo, e observe a sua actividade fabricitante, se não evocar num pequeno esforço de imaginação o que foi em todos os tempos, desde esse afastado dia 25 de janeiro de 1554, a historia singular do povo paulista, surpreender-se-á decerto com as diferenças flagrantes que all vai encontrar.

.....pírito empreendedor, intemerato do paulista, cuja intrepidez tão eloquentemente ficou escrita nas paginas immortals das «bandeiras» e «entradas».

Criado no amor das velhas tradições heroicas e nobres o paulista tem bem acendrado o amor da sua Patria e do seu Estado, por ele se sacrificando, empenhando a sua vida se necessario fôr, mas dedicando-lhe sempre a sua actividade sem treguas, orientando-a com a maior intelligencia e criterio.

As lutas politicas não lhe desviam o pensamento da grande obra de civilização em que está empenhado, nem daquilo que deve como um dos Estados mais ricos da União, ao concerto desse aglomerado imenso e fecundissimo que forma o grande e poderoso Brasil.

E' certo que conta, a par do animo decidido da sua gente, com um clima que lhe facilita a tarefa agricola, em que se firma em grande parte, para o aumento successivo e multiplicado da riqueza. Mas os seus modelares estabelecimentos scientificos, co-



Dr. Armando Sales de Oliveira—Presidente do Estado de S. Paulo

.....culturas que são fonte de constante riqueza.

Embora entregue ainda ao sério problema do café, São Paulo, não se abandonou á sua sorte e lançou depressa mão de outros recursos para que lhe não faltavam fertilissimos campos. A laranja e o algodão foram como preciosos pomos de abundancia que em breve se ofereceram como farta

compensação. Os laboratorios trabalharam, as experiencias, labor de horas de febre, de dias consecutivos de estudo, indicaram imediatamente o caminho a seguir e os Institutos dedicando-se perseverantemente a um trabalho apaixonado, iniciaram desde logo a obra maravilhosa de educa-

(Ver continuação na pagina seguinte)



O novo edificio do Instituto Biológico—Faculdade de Medicina

Desde os seus incios, mesmo antes que Mem de Sá, em 1560, criasse a Vila de São Paulo de Piratininga, impondo calma forçada ao genio irrequieto e bravo de Ramalho, já frequentes eram as demonstrações do es-

mo o Instituto Biológico, o Instituto Agronomico, Horto Florestal, Campo Experimental de Campinas e tantos outros, são eloquente afirmação das preocupações ininterruptas de integrar em bases perfeitas as principais



São Paulo, expressiva afirmação de cultura

(Continua da pagina anterior)

ção dos agricultores, dando-lhes graciosamente valiosas indicações, fornecendo-lhes sementes, oferecendo-lhes todos os meios para que as suas colheitas sejam fartas e perfeitas.

Deixa-nos verdadeiramente maravilhados o espectáculo que nos oferece, por exemplo, o Campo Experimental de Campinas, dependencia do Instituto de Agronomia do Estado, superiormente dirigido pelo dr. Teodoro Camargo, tendo como seu principal auxiliar o dr. Raimundo Cruz Martins, onde se tem chegado a conclusões verdadeiramente espantosas. E' de véras curioso o paciente e meticoloso trabalho de auto-fecundação da planta do algodão para apuramento de especies, o que tem dado como resultado já se ter conseguido fibra de 36 mm., igual á melhor do mundo, que é a do Egipto.

Mas não é só a actividade agricola que absove o paulista, cujas energias refortalecidas com uma vida desportiva intensa, não cansam. A' industria tambem, e esta, pela mesma forma orientada no sentido da melhor e da maior produção.

São-lhe ainda importantissimos auxiliares o Instituto Biologico, esse formidável estabelecimento, entregue á proficiência consagrada do dr. Rocha Lima, nome já nosso conhecido pelos seus valiosos trabalhos e tambem porque realizou ja conferencias na nossa velha Coimbra — estabelecimento, que em breve estará instalado num sumptuoso edificio, cuja construção estará proximoamente concluída — colmeia de sabios, verdadeiros bedonitinos da ciencia, que tantos e tão assinalados serviços têm prestado ao Brasil e á sua riqueza, e do Instituto Tecnologico, anexo á Politecnica, um dirigido pela dr. Ary Torres, o outro pelo nosso conhecido e admirado dr. Fonseca Teles, estabelecimentos instalados modelarmente em três vastos pavilhões, em que se encontra a aparelhagem mais moderna para o vastissimo programa utilissimo, que está realizando.

A par destas grandes organizações de ensino e de produção, outros afirmam bem evidentemente que o problema da educação e da instrução merece os mais escrupulosos cuidados do paulista.

Para só falarmos nos estabelecimentos de ensino superior, fixemos a Faculdade de Medicina, instalada em majestoso edificio recentemente construído e, portanto, aparelhado com tudo quanto a ciencia moderna julga necessario para a boa formação cultural e tecnica daqueles que a frequentam. Alí tudo está previsto, desde o conforto e higiene necessaria ao aluno, até aos elementos indispensa-



Parque da Industria Animal de Agua Branca

vel ás suas experiencias e observações. Dirige a Faculdade de Medicina o dr. Cantídio Moura Campos, figura notavel entre os grandes medicos brasileiros. Acompanhou-nos na detida e

a alguns dos nossos mais eminentes professores, para quem teve palavras de muita admiração.

Perto desta faculdade, encontra-se tambem modelarmente montada a de



Instituto Tecnologico

minuciosa visita o dr. Luciano Gualberto, nome tambem conhecido entre nós e nosso grande amigo, que soube entremear as suas sábias e atenciosas explicações com a referencia elogiosa

Filosofia, Ciencias e Letras, dotada de magnificas salas de aula, esplendidos laboratorios, tudo tão perfeitamente organizado que, francamente, dá mesmo vontade de trabalhar. E' seu di-



Horto Florestal

rector o dr. Antonio de Almeida Prado.

A Faculdade de Direito, cuja direcção, no momento, estava confiada ao nosso bem conhecido dr. Waldemar Ferreira, instalada num velho edificio de grandes tradições, está sofrendo uma remodelação completa, devendo dentro em pouco encontrar-se em igualdade de circunstancias com os outros estabelecimentos

Digno de especial menção é o Instituto de Higiene, de que é director o dr. Paula de Sousa e sub-director o dr. Francisco Borfes Viera. Dali saem perfeitos higienistas, dominando na orientação das finalidades importantissimas de tão útil estabelecimento, a acção preventiva e tambem a preparação de medicos para o exercicio da profissão sanitaria, sendo o curso teorico-prático com as seguintes cadeiras: parasitologia, quimica aplicada á higiene fisiologica, higiene mental, endietetica, estagios em serviços de tuberculose e venereologia, bacteriologia e imunologia applicadas á higiene, estatisticas vitais e epidemiologia, administração sanitaria, estagios na Inspectoria de molestias infecciosas, higiene fisiologica, higiene mental, engenharia sanitaria, higiene pre-natal, infantil, pre-escolar e escolar.

Não é necessario salientar o valor deste Instituto, principalmente depois de verificar com ele e acha instalado magnificamente e ricamente dotado dos mais modernos elementos de trabalho.

No mesmo grau de aperfeiçoamento, organizado com o mesmo cuidado e orientação cultural, encontra-se a Directoria de Industria Animal, sob a direcção proficiente do dr. Mario Maldonado, instalada no magnifico Parque de Agua Branca, que tem por fins, entre outros: o estudo de todas as questões que possam interessar á expansão economica da industria animal; o estudo do melhoramento dos rebanhos e das outras fontes de produção de origem animal; aperfeiçoamento das medidas sanitarias; execução do Codigo de Policia Sanitaria Animal; a importação de animais reprodutores; premunicação dos bovinos contra a tristeza; realização de exposições, concursos de animais e industrias correlatas; estudo experimental de plantas forrageiras nacionais e exoticas; estudo etiologico, tratamento e profilaxia das doencas contagiosas; inspecção rigorosa dos animais em transito; applicação e distribuição de soros e vacinas para defesa dos animais; fiscalização dos estabelecimentos officiais e particulares; fiscalização, desenvolvimento e execução dos serviços de caça e pesca; estudo e execução de medidas necessarias ao desenvolvimento e execução dos serviços de caça e pesca; estudo e execu-

(Ver continuação na pagina seguinte)

São Paulo--Progresso cientificamente orientado

(Continua da pagina anterior)

ção de medidas necessarias ao desenvolvimento da criação de bovinos, equinos, azininos, muares, porcinos, ovinos, caprinos, aves, abelhas, bichos da seda, bem como a fiscalização da industria sericicola; ensino pratico de zootechnia, veterinaria, laticinios, avi-

de parte do mostruario das maravilhosas madeiras do Brasil se apresenta em moveis de formas artisticas e no proprio mobiliario. All se acham já estudadas e classificadas 226 especies de madeiras estando mais 400 especies em estudo.

Escravemos acima que o paulista é

um apaixonado dos sports, que pratica com entusiasmo. Devem visitar-se os seus excelentes clubes, como o Paulistano de frequencia aristocratica e elegantissima, o Germania, o Esperia, o Tiété, todos dotados com esplendidas piscinas e de varios campos para todos os jogos. Instalados todos em optimos

edificios, dotados de sumptuosos salões, são o ponto de reunião da grande familia paulistana.

Em Santo Amaro, que dentro em breve será uma grande cidade de recreio e de luxo, os clubes de regatas, onde se cultivam, mercê do vastissimo e pitoresco lago, os sports nauticos,



Praça do Correio



Mosteiro de S. Bento

cultura, piscicultura e apicultura, por meio de cursos seriados, etc.

Trata-se, sem duvida, de um formidavel programa, cujos resultados praticos se vão assinalando em espantoso crescendo e justificam os fins que levaram a reorganizar a Directoria de Industria Animal e a dar-lhe a sua actual orientação.

Não deixaremos, neste enumerado rapido dos principais estabelecimentos orientadores e fomentadores da produção e da riqueza de São Paulo, de citar o Horto Florestal, a que tanto está ligado o nome do nosso desventurado compatriota illustre, Octavio Vecchi, que tem all a sua obra assinalada num preito de justa admiração. Dirige-o hoje o dr. José Camargo Cabral. Possui 10.000 hectares de terreno e nele, além das suas magnificas instalações, um riquissimo museu, on-



Um aspecto do Viaduto do Chá

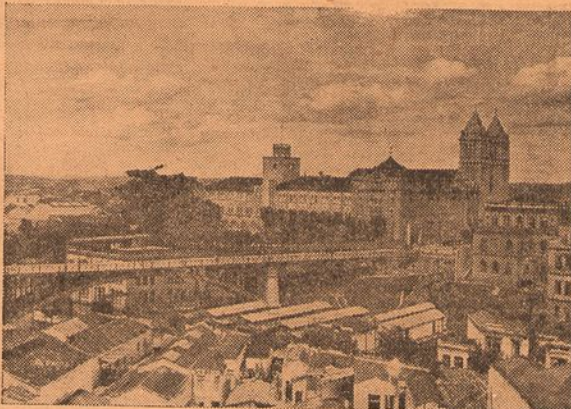
como tambem nos clubes «Esperia» e «Tiété».

São Paulo é dotado de excelentes estradas, quer de rodagem, quer de caminhos de ferro, e isso contribui largamente para a sua expansão enorme, para a sua grande riqueza. E todas as cidades do opulento Estado atingiram já um altissimo grau de progresso, sendo dotadas de todos os melhoramentos modernos e de tudo quanto a vida actual exige.

A capital desenvolve-se e transforma-se vertiginosamente, como que fantasticamente. Os seus bairros de luxo multiplicam-se, alargam-se, enriquecem-se de centenas de casas novas, bonitas, alegres, elegantes, cuidadas.

Eles são tantos os bairros novos: Hi-

(Ver continuação na 17.ª pagina)

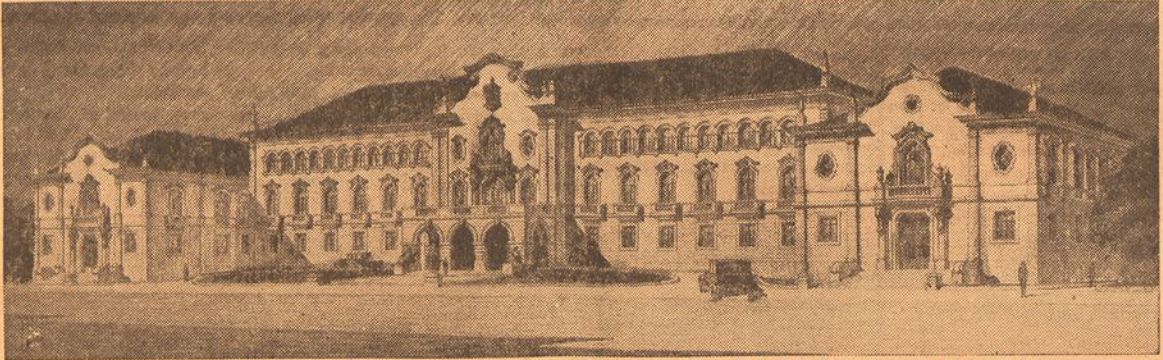


Viaduto de Santa Efigenia



Vista parcial do Centro da cidade

As realizações de um architecto português no Brasil



Instituto de Educação e Ensino do Rio de Janeiro (Obra do arq. José Cortez)

O movimento artístico que contemporaneamente se está desenrolando, é, sem dúvida, nos domínios da arquitectura que se notam mais harmoniosas transformações e definitivos progressos.

Vimos pois trazer a Portugal a revelação do nome de um architecto nosso compatriota, que embora pouco conhecido em nossa terra, goza na America portuguesa, isto é no Brasil, de um conceito invulgar.

Trata-se do architecto José Cortez, que tendo-se exilado voluntariamente por motivos politicos, ali reside desde 1920. Mas quem é, donde é, este nosso illustre patriota? Eis o que passamos a expor, mencionando o surto ascendente da sua carreira.

De uma velha e illustre familia de Leiria, aí nasceu em 1897, tendo estudado na encantadora cidade do Lisboa, até 1913, ano em que completou o 7.º ano dos liceus. A seguir, desejando especializar-se em architectura, seguiu para a Belgica, onde frequentou o 1.º ano da Universidade, de Gand, tendo iniciado o curso de architectura com o celebre architecto professor Cloquet, autor de inumeras obras de arte belga, como por exemplo a gare de St. Pierre em Gand.

Sabemos que a seguir seguiu para Munich, por conselho e com recomendações do architecto Raul Lino.

Não tendo podido continuar aí os estudos, devido ao inicio da conflagração europela, regressou a Portugal. Envolvido num movimento politico, foi preso e julgado expatriando-se a seguir para a Suíça. Entrou então na Escola Politecnica Federal de Zurich onde, sob a direcção dos professores, architectos Karl Moser, Gull e Hans Bernoulli, fez os cursos de Architectura e Urbanismo terminando em julho de 1920 o seu curso com raro brilhantismo. Ainda nessa cidade fez duas conferencias sobre a Architectura Gotica em Portugal, e sobre o Renascimento Português.

Regressando seguidamente à Patria, aqui pouco permaneceu, devido à intranquillidade politica então reinante.

Em 1921 empreendeu os primeiros estudos de remodelação urbana, sendo as linhas gerais do seu grandioso trabalho divulgadas pela «Revista da Semana», o que mereceu ragosos elogios dos technicos do Distrito Federal. O dr. Paulo de Frontin e do então prefeito dr. Carlos Sampaio, e tambem de diversos professores estrangeiros.

Em 1922 — executou o projecto para o majestoso Panteon que o Colonia Portuguesa desejou oferecer ao Brasil, em virtude do 1.º Centenario da Independencia. Este monumento, bellissimo pelo equilibrio das suas proporções, é vasado em classico greco-romano.

Em 1923 — voltou o seu trabalho de urbanização da capital carioca a ser estudado, tendo sido examinado e elogiado pelo Prefeito dr. Alair Prata, e depois divulgado na revista «Arquitetura do Brasil».

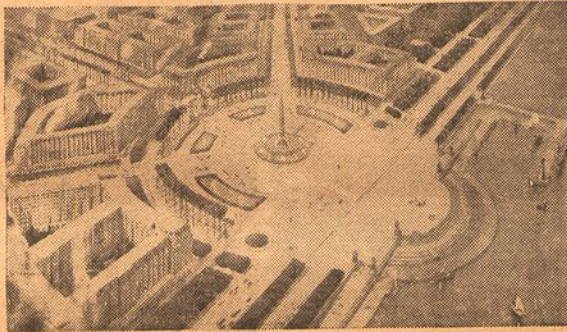
Em 1924 — obteve o 1.º premio no concurso de ajardinhamento da Ponta do Calabouço, na capital federal, certamen este instituido e julgado pela Prefeitura do Distrito Federal.

Em 1925 — executou a reforma do palacio, posteriormente adquirido para sede da Embaixada de Franca.

Ainda no mesmo ano — desenhou a fachada para a sede da Companhia de

Seguros «Sagres», inspirada no gótico do nosso Mosteiro da Batalha.

Em 1926 — Conquistou o 1.º premio no Concurso de Casas Economicas organizado pelo Instituto Central de Architectos do Brasil, e apresentou uma sugestão, durante a sua passagem por Lisboa, para a ponte sobre o Tejo.



Praça Monumental do plano de urbanização do Rio de Janeiro (arq. José Cortez)

Em 1927 — conquistou o diploma e medalha de ouro, na exposição de Architectura do 3.º Congresso Pan-Americano de Architectos, realizado em Buenos Aires.

No mesmo ano obteve o 1.º e 2.º premios (com 2 projectos diferentes) no concurso para o edificio da Escola Nor-

Kelsey ao visitá-lo manifestaram a sua admiração, felicitando vivamente o nosso compatriota por tão bela realização.

Em julho de 1927 tendo o Prefeito dr. Antonio Prado chamado ao Rio o urbanista francez Alfred Agache para estudar e planear a remodelação da ca-

tomou a defesa de José Cortez, fazendo lançar nas suas actas um voto de louvor por ter sido aproveitado no plano official do Rio de Janeiro, o seu plano para o centro urbano.

Em 1928 — obteve o 1.º premio no concurso de projectos para a Universidade de Minas Gerais a erigir em Belo Horizonte.

Em 1929 — projectou a reforma do Hall de entrada do Palacio do Itamaraty, sede do Ministerio das Relações Exteriores.

Em 1930 — conquistou no 4.º congresso Pan-Americano de Architectos, que teve lugar no Rio de Janeiro, a maior recompensa desse certamen — O Premio especial do Ministerio da Justiça e Bellas Artes — com os seus trabalhos de urbanização do Rio de Janeiro, cujas pranchas estavam colocadas à direita das do celebre urbanista francez Agache.

E nesse mesmo Congresso, conquistou ainda a grande medalha de ouro com os seus projectos de Architectura, ali expostos.

Em 1931 — foi um dos organizadores no Brasil do julgamento final do Concurso para o Monumento a erguer na Republica de São Domingos, a Cristovão Colombo, monumento este que vai ser custeado por todas as Nações da America, e que está sendo dirigida pela União Pan-Americana.

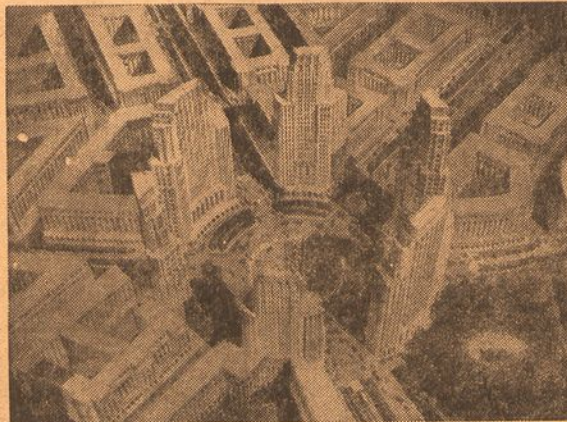
Em 1932 — projectou um bellissimo arranha-céu para a Associação Commercial do Rio de Janeiro.

Em 1933 — resolveu dar finalmente concretização ao seu grande sonho, que era o monumento em Sagres, ao Inculto Infante D. Henrique. E assim como os primeiros nautas lusitanos, atravessaram a vastidão oceânica para sentir sob o azul de um céu estranho a alma da sua patria, succedeu o mesmo com o nosso illustre compatriota; dirige-se pois à Federação das Associações Portuguesas, e está em virtude do valor do projecto, patrocina e encaminha a sua empreza, para que fosse a representação da cultura da colonia, capaz de prestigiar e certificar a sua participação na homenagem nacional ao inculto Infante, que abriu as estradas maritimas à expansão e à gloria portuguesas.

Em junho de 1934, fez aqui em Lisboa, durante um almooço do Rotary Club, uma interessantissima preleção sobre a remodelação e embelezamento da nossa capital.

O nosso compatriota é membro fundador do Instituto Central de Architectos do Brasil, membro correspondente da Sociedade Central de Architectos da Argentina e da sua congenera do Urugual, tendo já exercido os mais altos postos na Directoria e no Conselho do Instituto Central de Architectos do Brasil, occupando até durante alguns meses, interinamente, a presidencia dessa associação de classe, o que comprova o alto conceito em que é tido pelos seus colegas brasileiros.

Quem tem o prazer de admirar as suas obras, nota logo o sentido raro do equilibrio das proporções, e o dom especial da sua grande visão. Actualmente está activamente integrado dentro dos canones da moderna (não futurista...) architectura, devendo-se mesmo considerá-lo na vanguarda desse movimento universal de renovação artistica e estetica.



Sugestão para a praça Rio Branco, donde irradiaram 6 grandes arterias (Projecto do arq. José Cortez)

mal do Distrito Federal — hoje Instituto de Educação, — vasado em puro estilo D. João V. A Prefeitura Federal incumbiu-lhe a direcção e fiscalização desta obra, que foi concluida em 1930 e cujo orçamento foi 12.000 contos de reis. Os architectos norte-americanos Frank Lloyd Wright, Eiel Saarinen e Alberto

E em novembro e dezembro deste mesmo ano, quando o professor Agache deu a publicidade o seu plano, silenciando o nome do architecto que tantas idéas lhe tinha doado, travou-se grande polémica entre a «Revista da Semana» e «O Paiz».

O Instituto Central de Architectos,

São Paulo e os seus estabelecimentos de ensino modelares orientadores de progresso

(Continuação da 15.ª pagina)

genopolis, Jardim America com a sua Vila America e a sua Cidade Jardim, Vila Marlana Ayenida Paulista, etc., etc.

A facilidade de construção é tanta, que todos procuram ter a sua casa para o que ha em São Paulo, como no Rio muitas companhias construtoras, que oferecem as melhores vantagens e tornam acessivel o ideal dos que pensam no futuro e sabem ser práticos.

Não é possível desenvolvermos aqui mais detalhadamente todo o esplendor constructivo de São Paulo, todo o seu febril progresso, todo o seu grau de civilização.

Tendo a dirigir-lhe os destinos um eminente paulista, o dr. Armando Sales de Oliveira, pessoa de vasta cultura, politico habilissimo, cuja principal preocupação é o engrandecimento do seu Estado e a união de todos os brasileiros, São Paulo caminhará no mesmo grau de progressividade, cumprindo com patriotismo a sua altissima missão.

Como Prefeito Municipal, o sr. Fabio Prado tem realizado grandes, importantissimos melhoramentos, associando o seu nome a obras de avantejado vulto e tornando-se crêdor da gratidão dos seus municipes.

G. de B.

São Paulo

Fui o primeiro lar deste Brasil gigante;
e fui a prospera e tenaz Capitania;
contra o holandês mandei Raposo e, triunfante,
Jorge Velho o Quilombo, ao norte, além, vencia.

E fui Monção. E fui Paes Leme bandeirante,
Anhanguera e Pascoal Moreira, que, á porfia,
lançaram, de tropel, o Meridiano adiante,
a garimpar, ganhando terra, dia a dia.

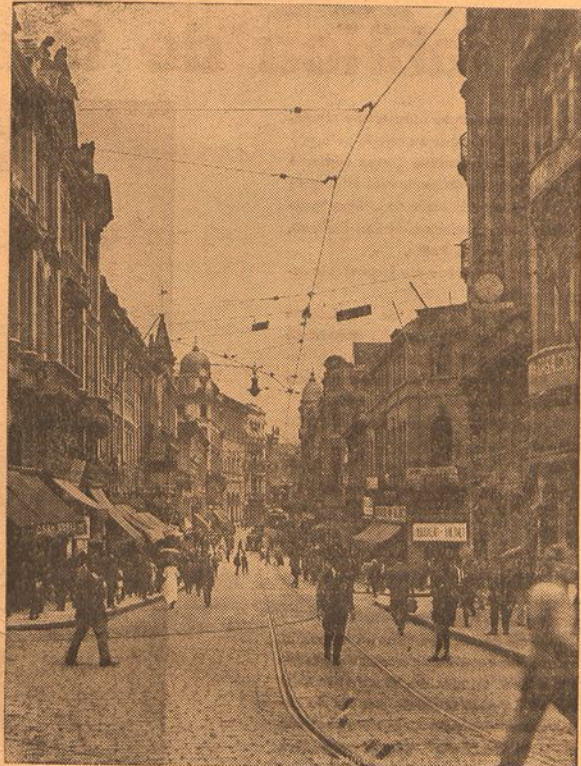
Gritei: «Independência ou Morte!» de alma cheia;
e fui Abolição, Republica febril;
sou Civilismo (a grande luz que me norteia).

Levanto templos de Cultura senhoril,
e arranha-céus e chaminés, onde pompeia
a maior floração de industrias do Brasil!

MARQUES DA CRUZ



EM CIMA—Rua 15 de Novembro, o Chiado paulista.
EM BAIXO—Teatro Municipal, uma das mais importantes praças da famosa pauliceia.



AS GRANDES INDUSTRIAS PAULISTAS

A fabrica de faianças "Adelinas"

Outra organização industrial altamente importante e que se impõe pelo que representa de vontade ferrea e grande intelligencia de um português altamente considerado é a Fabrica de Louças "Adelinas", Barros Loureiro, de São Caetano, no Estado de São Paulo.

Vale a pena visitar tão importante organização.

Foi fundada a Fabrica de Louças "Adelinas", pelo comendador Manuel de Barros Loureiro, nome sobejamente conhecido por seus actos de benemerencia e grande patriotismo.

O comendador Manuel Loureiro é irmão do conhecido empresario teatral José Loureiro e dessa outra grande figura da colonia portuguesa domiciliada em São Paulo, o comendador Jaime Loureiro.

São nomes que nos honram pelo muito que, por sua acção intelligente e patriótica, têm contribuido para o nosso prestigio em terras de Santa Cruz.

O nome da fabrica a que vimos fazendo referencia é um nome querido de familia, e está situada na Vila de São Caetano a 7 kilometros da capital do Estado, e servida pela importante estrada de ferro São Paulo Railway e magnificas estradas de rodagem.

Colocada no centro do mais importante municipio, ali existem as melhores materias primas. Ocupa uma área de 80.000 metros quadrados, sendo que os edificios da fabrica ocupam 30.000 metros.

Os seus produtos fazem concorrência aos melhores, de origem estrangeira, tendo alcançado as maiores recompensas em diversas exposições, não só do Rio de Janeiro e São Paulo, como de outros estados.



Comendador Manuel de Barros Loureiro

As faianças da fabrica "Adelinas", impõem-se especialmente pela sua optima qualidade e resistencia, assim como pelos seus magnificos esmaltes, finissima decoração, etc.

Na fabrica ocupam-se 1:200 operarios distribuidos pelas suas multiplas secções, sendo a sua produção anual de dezoito milhões de peças, que são vendidas e exportadas para todos os estados do Brasil, onde conta com 58 representantes.

As suas secções, principalmente as de pintura, são dirigidas por tecnicos especializados, vindos da Alemanha, França e Portugal.

A sua direcção está confiada hoje aos srs. Mario Zappi, director-tecnico geral; Plínio Barros Loureiro e Jorge Eduardo Pacheco e Silva, directores comerciais; Artur Soares, superintendente geral, e Antonio Vileia Junior, chefe da contabilidade.

O comendador Manuel de Barros Loureiro é tambem chefe da firma Barros & C., fundada em 1891, que explora o ramo de tecidos de todas as categorias, com venda em grande escala, por atacado, exportando para todos os Estados do Brasil, tendo já as suas vendas atingido a cifra de quarenta e oito mil contos de réis, sendo o capita, da firma, registado, de catorze mil contos.

O comendador Manuel Barros Loureiro está ligado por actos de grande benemerencia ás principais instituições da colonia portuguesa domiciliada em São Paulo, devendo-se-lhe muitas e valiosas iniciativas de grande patriotismo.

E' esta, sem duvida, uma das grandes figuras de comerciante e industrial, que se impõe por suas altas virtudes de trabalhador incansavel.



Uma vista parcial da fabrica «Adelinas»

AS GRANDES INDUSTRIAS PAULISTAS

A grandiosa organização "Votorantim"



Comendador Pereira Inácio

Perfeitamente integrado na febril atividade desse extraordinário centro fabril que é S. Paulo, o comendador Pereira Inácio, que desde os primeiros anos da sua infância ali vive, realizou até hoje uma obra que constitui um verdadeiro milagre da inteligência e da tenacidade.

Não é fácil descrever minuciosamente essa obra impressionante que tivemos o feliz ensejo de visitar com o famoso industrial, e em que surpreendemos o espírito realizador e principalmente, de organização deste ilustre português que deve servir de exemplo.

A Votorantim é a maior organização industrial da America do Sul. Trabalha com 3.000 teares, produzindo 30 milhões de metros por ano de seda artificial e natural, morins, popelines, voiles e outros artigos de estampa.

A sua filiação compõe-se de 71.000 fúcos.

Mas não é só a Votorantim, já por si importante, ocupando uma vastíssima area; outras fabricas tambem possui Pereira Inacio, estendendo a sua actividade a outros negocios, sendo importantissimo o volume destes, em artigos de exportação, mórmente o algodão, representado por muitos milhares de toneladas.

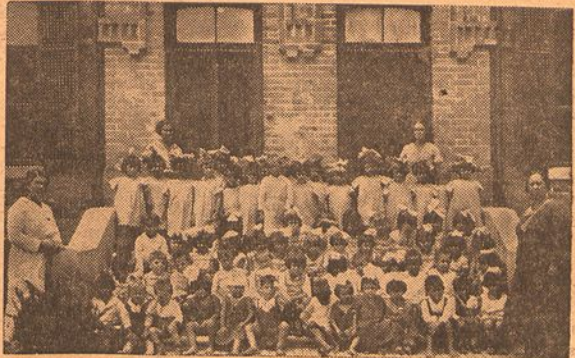
Possui fabricas de cal, de grande capacidade, fabricas de sabão e oleos neutros de caroço de algodão, e está construindo uma grande fabrica de cimento, cuja produção inicial está calculada em 9.000 sacos diarios, devendo poucos meses depois atingir 15.000.

Possui ainda muitas maquinas de beneficiamento de algodão espalhadas pelo Estado de S. Paulo.

Perto da Votorantim existe um esplendido bairro operario de ruas largas e casas higienicas, onde os operarios encontram tudo, desde os generos de primeira necessidade, farmacia, cinema, teatro, igrejas protestante e catolica, clubes desportivos com um magnifico campo perfeitamente aparelhado, escola primaria, crèche, piscina, etc.

Para uso da fabrica tem um esplendido serviço de trens electricos entre Sorocaba e Votorantim com magnificas carruagens.

Em tudo se revela o espirito empreendedor de Pereira Inacio, a que não só as instituições de beneficencia brasileiras e portuguesas de S. Paulo muito devem mas tambem as da sua Patria, para as quais tem contribuido com muito dinheiro,



As crianças da Escola Maternal

Em Baltar, sua terra natal, mantém uma admiravel e constante obra de as-

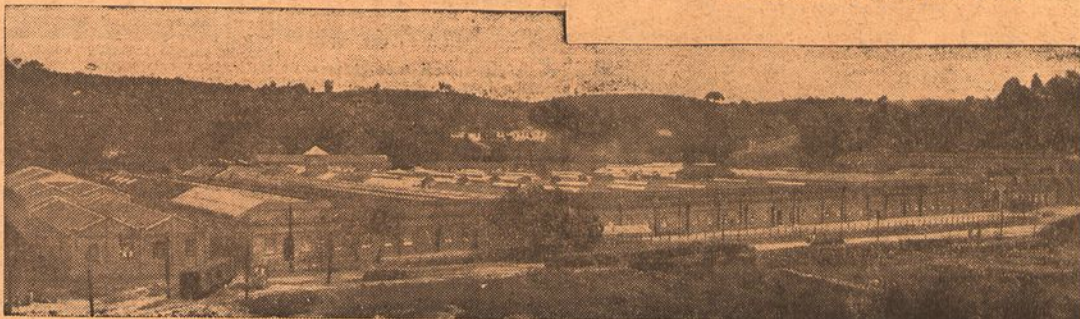
Deve salientar-se o seu grande amor á instrução, a que se tem devotado com



Vista parcial da Vila Operaria

sistencia e varias escolas perfeitamente organizadas. grande entusiasmo e larga filantropia, sendo mesmo essa uma das suas devoções.

Vista parcial das fabricas «Votorantim»



A Expansão Caféeira de São Paulo

Não vem de tão longe o fastígio do café em S. Paulo. Data de quasi ontem, de poucas gerações, a grandeza real dessa grande lavoura. Nos dias longínquos do século dezoito, o café errou, de léo em léo, a procura de meio proprio. Das Guianas ao Pará. De lá, ao Rio de Janeiro. Depois, nos últimos anos do século dezoito, uma ou outra

de S. Paulo. A chamada zona Norte do Estado lhe serviu de berço. Mesmo assim não lhe foi facil, a principio, a expansão. Os preços não criavam estímulos contagiadores. Em 1825, ainda era o açúcar o artigo principal do porto de Santos. Naquelle anno — afirma Rangel Pestana — em excelente monografia, S. Paulo exportava

Não ficou na «Princesa do Oeste» a lavoura cafeeira. A sede de novas terras queimava o coração dos lavradores paulistas. Descobria-se a «terra roxa». Abriam-se os sertões de Ribeirão Preto, pela coragem de Martinho Prado e a tenacidade extraordinária de Pereira Barreto. Ha nessa avançada tremenda pelos sertões aspectos de verdadeira epopeia. Criava-se um mundo quasi do dia para a noite. As cidades surgiam, como cogumelos, cheias de vigo e de fé. Jáú, Agudos, São Manuel, novos municípios cafeeiros, arremigram-se ao lado de Ribeirão Preto, Cravinhos, Jardimópolis, Sertãozinho, Batatais, deixando para trás, pela sua extraordinária fertilidade, os municípios mais velhos — Limeira, Rio Claro, São Carlos, Araraquá e Campinas.

As safras triplicavam em poucos anos. Do trabalho do dr. Paulo R. Pestana, transcrevemos, data venia, a seguinte estatística:

Anos	Cafeeiros	Arrobas
1900-01	525.625.000	35.734.000
1910-11	696.701.425	33.833.504
1920-21	843.592.695	40.964.800

Este quadro é uma demonstração da inquebrantável energia dos lavradores de São Paulo. Ai estão atestadas varias victorias sobre tremendas crises economicas e sociais. A abolição da escravatura, — verdadeiro estelo da lavoura de café — desequilibrou, por

cafeeiros nesse periodo! Acentuou-se sobretudo o aumento, após as valorizações dos últimos tempos. Sem duvida, é preciso levar em conta que a animação de plantio de novos cafezais, provocada por quaisquer causas, não se faz sentir, na estatística de cafeeiros produzindo, senão 4 a 5 anos após, pois é esse o tempo necessario para a planta crescer e entrar em produçáo. O avultado numero de novos cafeeiros produzindo, surgidos em 1931 em diante, foi sem sombra de duvida a consequencia inevitavel da politica de excessiva alta de preços, provocada em 1928 e 1927.

Novos aspectos da cultura cafeeira em São Paulo

É possível que em outras épocas, no tempo em que se desbravavam zonas novas, com as situadas em torno de Ribeirão Preto, a norma de exploração cafeeira fosse o latifundio. Sertanistas audazes levantavam na mata virgem grandes glebas de terra e não menores fazendas de café. Não ficou, porém, dentro do regime latifundiario a lavoura de café de São Paulo. As tendencias do direito sucessorial brasileiro juntaram-se outras causas provocadoras da fragmentação da propriedade agricola paulista. O latifundio cedia terreno dia a dia. Mesmo ha varios decenios, a sua predominancia não era tão accentuada na fisionomia economica da nossa lavoura de café.



Um aspecto da colheita

planta, cultivada em jardins, por paúes curiosos. Café — planta medicinal. Nada mais. Quem poderia sonhar que daquelles rebentos sem grande vigo, largados nos jardins botanicos do Rio de Janeiro, apesar dos cuidados do marquês de Lavradio, haveria de nascer mais tarde a «onda verde» dos sertões de S. Paulo? Quem poderia acreditar que a mesma planta, abandonada e queimada, pelos lavradores fluminenses, como imprestavel e inutil, nos primeiros anos do século dezenove, seria a base de uma verdadeira epopeia civilizadora?

Ninguém pôde ainda afirmar, com a maxima exactidão, por onde entrou o café em S. Paulo. Que avenidas economicas lhe serviram de roteiro? A «Estrada do Mar», difficil, quasi inacessivel, ou a do vale do Paraíba? Possivelmente as duas. Nos antigos centros de civilização litoranea paulista, apparecia o café nas cronicas dos seus habitantes, antes mesmo de fundar o proprio século dezoito. Foi pelo Paraíba que o café entrou, porém, em escala commercial, no Esta-

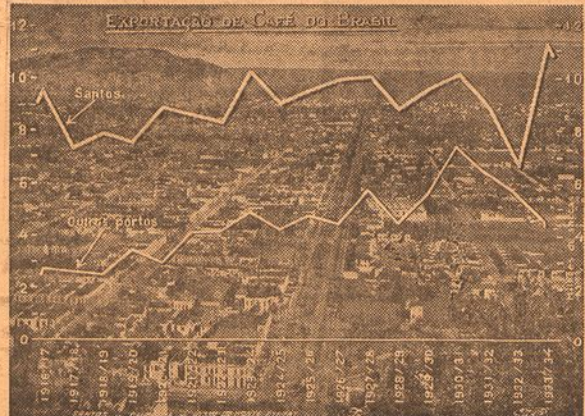
apenas 141.633 arrobas de café, no valor de 250 contos.

De ai por diante, o café alastrava-se. Já em 1835, Campinas — outrora o maior centro canavieiro de S. Paulo — transformava engenhos em lavouras de café. A «onda verde», depois de fazer o progresso das velhas cidades do Norte de S. Paulo, continuava na sua trajetória para o Oeste. Campinas, em 1860, tornava-se a capital do café.

É interessante dar um balanço de sua produção durante esse periodo, de acordo com as melhores informações da época.

A lavoura cafeeira de S. Paulo em 1855

Numero de fazendas...	2.646
Agregados...	4.263
Colonos	2.159
Escravos	57.034
Produção em arrobas...	3.668.756
Valor da safra	9.814.973.000



Um grafico bem eloquente



Vista panorâmica de um cafézal

algun tempo as fazendas de café. Essa situação foi, porém, passageira. Compensou o braço escravo, a imigração estrangeira. Compensou-o, com vantagens. A lavoura disseminou-se ainda mais. A Republica, com suas desorientações financeiras, não abalou o café. A rubiacea aqui encontrara o seu pouso seguro.

Não havia «habitat» que superasse a terra paulista.

Como succede em todo sistema de produção livre, as crises de excesso não tardaram. Em 1906, São Paulo crava, pela primeira vez, restrições ao plantio, e lançava as bases no Convenio de Taubaté, do regime das intervenções e das valorizações. Algumas vezes, essas intromissões dos governos foram um bem, quando não se desviaram de sua estrita finalidade e tiveram a duração ditada pela propria crise. Foram um mal, quando se tornaram, mais do que arma economica.

Em pouco mais de um decennio, o numero de cafeeiros produzindo aumentou de 612.271.711, passando de 828.644.755 em 1920 e 1.438.916.466, em 1932. Quasi dobravamos o numero de

Com a imigração, com as facilidades de aquisição de terra, com todas as diversas formas de incentivos dos proprios governos disseminavam-se rapidamente a média e a pequena propriedade cafeeira.

Mais recentemente, quando a Noroeste, a Araraquarense e outras zonas de desenvolvimento recente foram conquistadas ao sertão bruto, em lugar da grande fazenda, como base original da colonização, levantou-se logo o regime das vendas de terras, em pequenos lotes, de que resultou, com a evolução natural, verdadeiro enxame de pequenas culturas cafeeiras.

A morte do latifundio em São Paulo

Em São Paulo predomina, actualmente, seja no conjunto das actividades agricolas do Estado, seja particularmente, na propria lavoura cafeeira, o regime da mais estrita, pequena e média propriedade. As grandes fazendas são hoje excepção. O la-

(Ver continuação na pagina seguinte)

Café estimulo das grandes iniciativas paulistas

(Continuação da pagina anterior)

latifundio morreu, portanto, em nosso meio. E morreu, sem necessidade de medidas de reivindicação social violentas. Desapareceu pela própria vontade dos paulistas, dentro de suas leis actuais, sem injunções revolucionarias. Não precisamos sequer fazer o que, em outros países do mundo se tornou a praxe obrigatória: o parcelamento quasi compulsorio das terras, através de legislações discricionarias. A nossa «revolução verde» operou-se evolutivamente, e não revolucionariamente. Um meio que é capaz disso tem razões de orgulhar-se e tem perspectivas de progresso.

Democracia rural

Estudos pacientes feitos por sociólogos de muitos países demonstraram a associação estreita do latifundio com o caciquismo politico e, em via de regra, com o analfabetismo. Aliás, não é novidade essa observação. É natural e logica, porquanto o regime latifundiario é via de regra uma etapa do desbravamento anterior dos nossos sertões. Os municípios que mais fisionomia latifundiaria conservaram, seja em São Paulo, seja alhures, nem sempre foram os que melhor desempenharam os seus deveres democraticos. Mesmo em São Paulo poderíamos, se quizessemos, levantar uma estatística capaz de provar que onde ha mais liberdade de voto é onde ha mais pequenas propriedades. A independência economica é sem a portadora da independência eleitoral e politica.

Onde medra a pequena propriedade rural o caciquismo tende a desaparecer. É por isso que São Paulo, quando cotejado, na sua evolução agricola, com outros Estados brasileiros, apresenta tão veementes contrastes, seja na compreensão de seus deveres civis, já na independência das obrigações politicas.

Não estamos fazendo mera literatura. Estamos demonstrando um facto real. Em 1932, consoante dados officiais, havia em São Paulo 204.195 propriedades.

O colono não fica colono em São Paulo

Alguns politicos estrangeiros de vasta projecção internacional, refe-

riram-se á colonização que condena o trabalhador a ser eternamente um mero servo rural. Em São Paulo não sem cabimento essa accusação. O colono não fica colono, em nosso meio. Torna-se proprietario tão depressa quanto o queira. A fazenda de café é um mero apprendizado. É tambem uma força de selecção humana. Sem duvida quando dizemos que o colono não fica colono, queremos afirmar que a grande maioria dos que real-

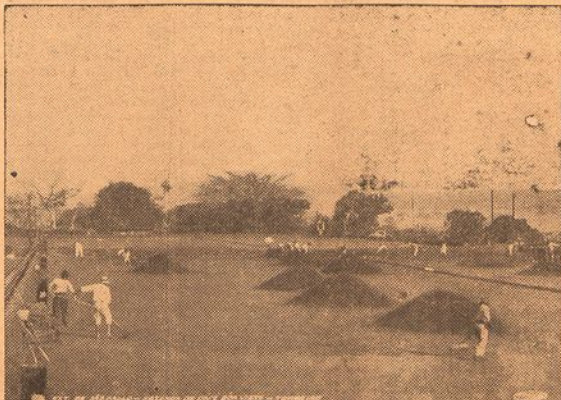
motivos já aqui desenvolvidos, temos condições que nos garantem superioridade economica, na produção cafeeira, sobre quaisquer zonas do mundo. É, portanto, natural que o café continue por muito tempo a ser o eixo principal da nossa organização rural. Entretanto, a lição das nações demonstra que a monocultura é perigosa. A nossa propria experiencia é mais do que concludente. São Paulo não pode alicerçar a sua pros-

paulista actual, rumos agricolas claramente policultores. Esse imperativo economico atende á sub-divisão da propriedade e dá ensanchas a que todos quantos se acham na lavoura possam conseguir relativo bem estar e necessaria estabilidade social.

A policultura não é a destruição do café. É sempre bom frisar esse ponto, porque, não raro, surge no meio de muitos entusiastas de outros productos agricolas a ilusão da substituição cafeeira. Quem se der ao trabalho de analizar a nossa vida agricola ha de reconhecer que o café continua a ser a chave da economia paulista. Outras lavouras surgem de quando em vez, sobretudo nos anos de crise cafeeira. É, aliás, o que está acontecendo actualmente. Basta dizer que, neste ano, só a cultura do algodão trouxe para São Paulo uma contribuição de 300.000 contos. A citricultura e outras frutas já estão valendo cerca de 150.000 contos. A cana de açúcar outros 150.000 contos. Tudo isso está sendo estimulado á sombra do café. Não fosse a riqueza trazida pelo café, e não poderíamos ter mantido, durante tanto tempo, organizações de estimulo á policultura e á nossa já extensa rede experimental, os nossos trabalhos técnicos. É o café quem sustenta a administração paulista. Sem café, teríamos de pedir a outros productos a contribuição que actualmente sai do café. Haja em vista o que sucede no algodão. Nos demais Estados produtores, os governos locais taxam a exportação do algodão com tributos em media superiores a 12 por cento «ad-valorem». Em S. Paulo o algodão quasi nada paga de impostos. Daí a rapidez e a facilidade com que se está desenvolvendo. O mesmo acontece á citricultura.

Até no cambio, quem sustenta esse monopolo federal é o café. O exportador de café tem de entregar á um valor fixo pelo governo todas as suas cr. ibais. O de outras mercadorias, apenas 30 por cento. Em alguns productos, o cambio é livre. Em outros, reserva o governo apenas uma pequena margem. Como se vê, o café sustenta a administração estadual de São Paulo e garante ao governo federal liberal suprimento de cambiais

(Ver continuação na pagina seguinte)



Tratamento do café no terreno

mente possuem qualidades de energia e trabalho em pouco tempo se tornam independentes. Ficam e morrem colonos os que não possuem qualidades para se tornarem senhores de qualquer gleba de terra.

As propriedades paulistas não se acham apenas em mãos de nacionais. Distribuidas estão, por todas as racas do mundo que aqui vieram ter, na esperança de construir novos lares.

A marcha para a policultura

São Paulo é, e continuará a ser, Estado cafeeiro por excelencia. Por

peridade, nem a sua estabilidade politica e economica unicamente sobre o café. As crises inevitaveis em todos os productos atacam de preferencia, em determinados periodos, as nações monocultoras. No proprio interesse da maior resistencia economica do café, torna-se indispensavel a disseminação, em São Paulo, de novas formas de actividade agricola. Não é, felizmente, outra a preocupação dos governos paulistas. A actual administração faz da policultura um programa. Ainda ha pouco tempo, em discurso pronunciado perante uma exposição citricola, traçou o secretario da Agricultura da administração

Desenvolvimento da Produção Agricola do Estado de São Paulo

PRODUTOS	1925 (Contos)	1926 (Contos)	1927 (Contos)	1928 (Contos)	1929 (Contos)	1930 (Contos)	1931 (Contos)	1932 (Contos)
CAFÉ	1.967.216	1.619.455	1.344.156	2.995.863	1.140.322	2.662.294	826.162	1.314.824
Algodão	83.675	29.348	24.011	35.439	23.066	13.264	19.098	46.084
Assucar	13.355	23.551	40.863	64.388	66.664	48.592	62.420	69.876
Alcool	64.447	48.220	65.005	73.375	81.439	82.681	44.314	52.115
Fumo	14.605	13.776	17.600	8.315	9.593	5.482	8.148	15.161
Arroz	118.273	120.957	131.600	132.125	154.145	113.191	121.050	177.227
Milho	285.388	214.280	254.800	237.950	277.574	182.823	185.264	265.237
Feijão	78.471	64.983	129.200	146.482	157.225	111.001	50.295	73.148
Mandioca	—	5.280	—	11.550	12.800	11.064	27.208	22.115
Batatas	—	21.020	33.480	11.300	40.511	31.815	67.370	83.528
Mamona	—	3.601	3.604	2.610	3.922	1.246	568	2.590
Vinho	—	4.768	5.100	5.635	4.710	4.290	6.385	6.385
Frutas	—	38.118	40.689	44.768	51.058	56.876	96.808	137.847
Alfafa	—	5.028	5.632	8.375	6.088	5.247	2.217	3.928
TOTAL	2.622.410	2.212.385	2.105.650	3.806.205	2.028.207	3.329.875	1.515.151	2.270.074

ANOS	VALOR DA PRODUÇÃO CAFEIÇA (Contos)	VALOR DOS DEMAIS PRODUTOS (Contos)	PERCENTAGENS DO CAFÉ
1925	1.967.216	655.194	75 0/0
1926	1.619.455	592.930	73 0/0
1927	1.344.156	761.494	64 0/0
1928	2.995.863	810.342	70 0/0
1929	1.140.322	887.885	56 0/0
1930	2.662.294	687.581	80 0/0
1931	826.162	688.989	54 0/0
1932	1.314.824	965.250	60 0/0
Total.	13.870.292	6.029.665	70 0/0

Café!... ouro paulista

(Continuação da pagina anterior)

com que enfrenta, a taxas medias, os seus compromissos no exterior.

A marcha para a policultura, hoje mais accentuada do que no passado, ainda não destruiu, em ano algum, o primaciado cafeeiro. Mesmo nos ultimos exercicios, o café ainda contribui com 50 por cento da produção agricola geral do Estado de São Paulo. Os valores do quadro abaixo, quanto ao café, referem-se ao produto livre em Santos, e os dados foram extraídos de relatorios da Secretaria da Agricultura e de Informações da Directoria de Estatística. (Vide quadro anexo).

Como se vê, nos ultimos oito anos, o valor da produção cafeeira livre representou 70 por cento do total geral do Estado de São Paulo. Essa percentagem já foi mais elevada. Tende a baixar accentuadamente, nos ultimos anos, pois em 1931 e 1932 não passou de 54 a 60 por cento, respectivamente. Em 1933, apesar de não termos ainda os dados officiais finais, não foi muito diversa a percentagem. No ano corrente, com a safra cafeeira pequena, a contribuição do café talvez não ultrapasse de 40 por cento.

Equilíbrio de produção

Grande é o esforço de São Paulo no sentido de equilibrar a sua produção cafeeira e necessidades dos mercados consumidores, sem desorganizar profundamente a sua estrutura agricola, ainda intimamente associada á exploração do café, conforme acabamos de verificar no quadro anterior.

Esse esforço comporta um trabalho metódico de assistência á policultura e um estímulo a todas as formas de fragmentação da propriedade. Sobem a milhares anualmente os novos proprietarios rurais.

Em plena crise mundial, as oportunidades oferecidas pela citricultura de São Paulo continuam a ser um chamariz perene. Abrissemos os nossos portos ás avalanches estrangeiras de imigrantes e aqui se localizariam, com agrado, milhares e milhares de novos colonos. Nos dois a três ultimos anos, quasi cem mil japoneses domiciliaram-se no territorio paulista.

O café na economia nacional

Não é o café o unico estelo da economia nacional. Pais adicto do proteccionismo integral—agricola e industrial—o Brasil levantou ao lado da riqueza cafeeira outros alicerces de sua estabilidade economica e do seu progresso social. O industrialismo gerou entre nós formas de trabalho cujo valor não seria lícito desconhecer. Mesmo em São Paulo—a terra classica do café—a produção industrial em não poucos anos supera a propria produção agricola. Não nos devemos, porém, olvidar de que todos os demais produtos e artigos aqui produzidos sejam agricolas,



Fazenda de café «Santa Rita»—Residencia

sejam industriais, se destinam, em grande parte, á vida interna do pais. Até hoje, estão ainda limitados os campos de nossa expansão industrial aos mercados nacionais. E' o café quem nos fornece os capitais indis-

poníveis, por conseguinte, limitada á esfera das zonas produtoras a influencia cafeeira, mas a todo o pais. Não ha um só compartimento da sua vida—social, politico e economico—que se possa vangloriar de poder



Tratamento do café no terreno

pensáveis á aquisição da nova aparelhagem economica. E' o café quem irriga a exportação brasileira, com percentagens de uma absorvencia nem sempre desejada. E', portanto, a sua influencia na economia nacional, cada vez mais comprovada.

escapar, directa ou indirectamente, á força e á «matrise» cafeelras.

Allás, o simples alinhamento dos dados da exportação nacional são o atestado eloquente da contribuição cafeeira. O quadro que abaixo transcrevemos ilustra a predominancia da

exportação cafeeira no movimento exterior do comercio brasileiro. Se não vejamos:

A contribuição do café na exportação brasileira

(Dados do Departamento Nacional de Estatística)

ANOS	EXPORTAÇÃO GERAL DO BRASIL	EXPORTAÇÃO DE CAFÉ	PERCENTAGEM DO CAFÉ
	(em contos de reis)	(em contos de reis)	
1921	1.709.722	1.019.064	60 0/0
1922	2.332.064	1.504.166	64 0/0
1923	3.297.033	2.124.628	64 0/0
1924	3.863.554	2.928.571	76 0/0
1925	4.021.965	2.900.091	72 0/0
1926	3.190.569	2.347.644	74 0/0
1927	3.644.118	2.575.624	71 0/0
1928	3.970.273	2.840.414	71 0/0
1929	3.860.482	2.740.073	71 0/0
1930	2.907.354	1.327.577	63 0/0
1931	3.398.104	2.347.079	70 0/0
1932	2.536.765	1.823.948	72 0/0
1933	2.820.261	2.050.084	73 0/0
Total	41.552.334	29.028.963	70 0/0

Apesar do reconhecido esforço no sentido do pais criar novas forças de produção agricola, sobretudo durante o actual periodo de depressão, não deixou o café de ostentar a sua supremacia incontestavel. Poder-se-ia mesmo dizer que a crise não ofereceu nada melhor, na exportação brasileira, do que o café. Os novos produtos ainda não conseguiram representar volume ponderavel na economia e exportação nacionais.

Parece mesmo que ao invés de decair a quota proporcional do café, no total de nossas vendas externas, nos ultimos anos a tendencia é francamente ascendente. De 60 a 64 por cento, predominante ha dez anos, a media é a percentagem do valor da exportação cafeeira no total de nosso intercambio passou a mais de 70 por cento. No ultimos dois anos—1932 e 1933—attingiu 72 e 73 por cento, respectivamente.

Mais elucidativo, porém, é o confronto dos totais dos treze anos aqui referidos. Nesse longo periodo, o Brasil vendeu ao estrangeiro 41.552.334 contos de reis, dos quais 29.028.963 estavam representados pela exportação cafeeira—o que dá a media elevadissima de 70 por cento.

Não está, portanto, a diversificação agricola nacional melhorando ainda, como se faria desejado, o nosso intercambio exterior.

O café mantem ainda, de maneira insofismavel, a sua hegemonia na exportação brasileira.

Desse enorme movimento, tem São Paulo uma quota especial e destacada. De facto, consoante dados da

(Ver continuação na pagina seguinte)

ENTREGAS DE CAFE' AO CONSUMO MUNDIAL SACCAS DE 60 KILOS

(Cifras E. Laneuville)

PERIODO DE SAFRAS	PROCEDÊNCIAS			NUMEROS-INDICES		
				1913/14 = 100		
	BRASIL	Outros Paizes	Total	BRASIL	Outros Paizes	Total
Média Decénio 1913/14 a 1922/23	13.155.100	5.345.600	18.500.700	97,50	105,02	99,56
1923/24 a 1932/33	14.822.400	7.832.400	22.654.800	109,86	153,87	121,92
20 anos 1913/14 a 1932/33	13.988.750	6.598.000	20.577.750	103,69	129,45	110,74

Café, riqueza multiplicadora de energia

(Continuação da página anterior)

fonte já citada, a exportação aqui referida se acha assim distribuída:

ANOS	EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL (em contos de réis)	EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DE S. PAULO (em contos de réis)
1921	1.019.064	761.327
1922	1.504.166	1.071.741
1923	2.124.628	1.489.951
1924	2.923.571	2.030.985
1925	2.900.091	2.075.165
1926	2.347.644	1.656.934
1927	2.575.624	1.865.870
1928	2.840.414	1.994.308
1929	2.740.073	1.965.936
1930	1.827.577	1.279.526
1931	2.347.079	1.604.869
1932	1.823.948	1.028.816
1933	2.050.084	1.452.853
Total	41.552.334	20.278.271



Aspecto da colheita

Contribuiu, portanto, o porto de Santos, durante os treze últimos anos com 49 por cento do valor de toda a exportação cafeeira do país. Do que acima ficou exposto, patenteia-se claramente, não sómente o valor do café no comércio exterior do Brasil, como a contribuição do porto de Santos, nesse vultoso intercâmbio.

Se a contribuição dessa mercadoria aquilata-se de modo tão destacado, no tocante à exportação nacional, mais ainda quando analisada, do ponto de vista das vendas exteriores do Estado de S. Paulo. De facto, nos últimos anos, era este o movimento de exportação paulista, pelo porto de Santos:

O balanço de 18 anos

Nos últimos dezoito anos, a exportação do Estado de São Paulo, de acordo com as estatísticas oficiais, citadas, etc. a seguinte, comparada à do café, no mesmo período:

ANOS	EXPORTAÇÃO GERAL DO ESTADO (em contos de réis)	EXPORTAÇÃO DE CAFÉ (em contos de réis)	PERCENTUAL GEM DO CAFÉ
1916 a 1933	24.881.256	22.958.115	92 0/0

E' natural, portanto, o interesse de tão saliente, conforme vimos, a ponto

de contribuir com 70 por cento de sua exportação, o que diremos do Estado de São Paulo, cujas vendas de café, no estrangeiro, representam nada menos de 92 por cento de sua exportação geral?

A defesa do café é, por conseguinte, problema em que tanto o país quanto especialmente o Estado de São Paulo têm interesses vitais.

Allás, toda a vida economica de S. Paulo tem girado em torno do café. A sua introdução, em nosso meio, plas-mou novas directrizes sociais, políti-cas e economicas. Ninguém poderia afirmar que, sem o café, deixasse São Paulo de influir, dentro da Federação, pelo valor de seus filhos ou por outras demonstrações de vitalidade economica. Não resta, porém, duvidas sobre a influencia precipua da lavoura cafeeira no desenvolvimento de todas as demais formas de expansão economica e de diferenciação social de São Paulo.

O grande esforço desenvolvido por São Paulo no sentido da criação de novas riquezas, através de todos os meios ao seu alcance, não visa, como a muitos poderá parecer, a destruição do fastigioso cafeeiro. Não seria senão obra de verdadeira demolição e de

quasi demencia ousar aqui levantar uma cruzada contra o café. Pelas fa-

culdades de produção, pela amenidade do clima, e por todos os demais característicos de terras, transportes e sistema de colonização, a cultura cafeeira encontra em São Paulo condições que em parte alguma do mundo se pode desfrutar. Com todos os gravames a que esse produto tem de vergar, ainda ninguém, fóra do país, conseguiu abertamente fazer concorrência vitoriosa e permanente ao café, brasileiro. Perdemos, é verdade, uma boa parte da quota de entregas ao consumo que ha vinte anos nos pertencia. Mesmo assim é o nosso café quem ainda dita leis nos centros de consumo. Ameaçados estivemos—não resta duvida—quando, á sombra de perigosas valorizações artificiais, estimulávamos a toque de caixa a produção estrangeira. São, felizmente, bastante animadoras as nossas entregas nos dois últimos anos, e especialmente no período que acaba de terminar. Enquanto os cafés de todos os demais concorrentes recuam nas entregas ao consumo, crescem as nossas. Parece estar nessa politica o segredo da nossa restauração como fornecedores dos grandes centros de consumo.

José Caribaldi Dantas

Chefe da Publicidade do Instituto do Café

O fio-de-barba do Bandeirante⁽¹⁾

Na Paulicéia antiga. O povo tumultua...
Sinos, novenas, cadelrinhas, a garça...
As pernadas de estudantes pela rua,
e serenatas longas, languidas, á toa...

Bem longe, em filas marcias, por entre a bruma,
com galhardetes rubidos, ao alto, evantes,
o exercito montes dos cafezais se apruma,
na mesma marcha triunfal dos Bandeirantes.

De barba longa, tóz crestada, que o sol doura,
pede o paulista uma alta soma ao seu banheiro,
para aumentar a bela, a prospera lavoura.

E, sem escrito algum, á luz da fé que o invade,
tira um fio da barba, e entrega esse altaneiro,
esse rude penhor da sua honestidade.

MARQUES DA CRUZ

(1) Soneto escrito no quadro do «Bandeirantes» (do ilustre pintor Campião), que figura no salão nobre da Faculdade de Direito de São Paulo.

Centro dos Exportadores de Café de Santos

Firmas associadas:

Almeida Prado & C. ^a	Rua 15 de Novembro, 55
American Coffee Corporation	Rua Frei Gaspar, 12.
Arbuckle & C. ^a	Rua Frei Gaspar, 12.
Assumpção, Irmão & C. ^a Lda.	Rua 15 de Novembro, 10.
Companhia Leme Ferreira	Rua do Comercio, 43.
C. ^a Paulista de Exportação	Rua Frei Gaspar, 12.
Companhia Prado Chaves	Rua Frei Gaspar, 24.
E. Johnston & C. ^a Lda.	Rua do Comercio, 71.
Eugenio Teuber	Rua 15 de Novembro, 51.
Franco, Soares & C. ^a	Rua 15 de Novembro, 48.
Hard, Rand & C. ^a	Rua Frei Gaspar, 6.
Junqueira, Meirelles & C. ^a	Rua 15 de Novembro, 63.
Leon Israel Company, S. A.	Rua do Comercio, 44.
Lima, Nogueira & C. ^a	Rua do Comercio, 86.
Manoel Vallejo	Rua Frei Gaspar, 16.
Martins, Gregory & C. ^a Lda.	Rua 15 de Novembro, 9.
Mc Laughlin & C. ^a	Rua do Comercio, 70.
Naumann, Gepp & C. ^a Lda.	Rua 15 de Novembro, 75.
Nioac & C. ^a Lda.	Rua Frei Gaspar, 12.
Nossack & C. ^a	Rua do Comercio, 56.
Oswaldo Ferreira & C. ^a	Rua 15 de Novembro, 56.
Ramos, Silva & C. ^a Lda.	Rua do Comercio, 66.
Raphael Sampaio & C. ^a	Rua 15 de Novembro, 41.
Rebello, Alves & C. ^a	Rua do Comercio, 26.
Ray Deiminger & C. ^a Ltd.	Rua 15 de Novembro, 116.
Sampaio Bueno & C. ^a	Rua 15 de Novembro, 62.
Silva, Ferreira & C. ^a	Rua 15 de Novembro, 29.
Sec. Nacional Exportadora, Lda.	Rua 15 de Novembro, 62.
Theodor Wille & C. ^a Lda.	Rua do Comercio, 47-49.
Vidal & C. ^a	Rua 15 de Novembro, 71.
Vidigal, Prado & C. ^a	Rua do Comercio, 105.
Wright & C. ^a Lda.	Rua 15 de Novembro, 131.
Zander & C. ^a Lda.	Rua Frei Gaspar, 18.

A gratidão dos antigos emigrados políticos

(Continua da pagina anterior)

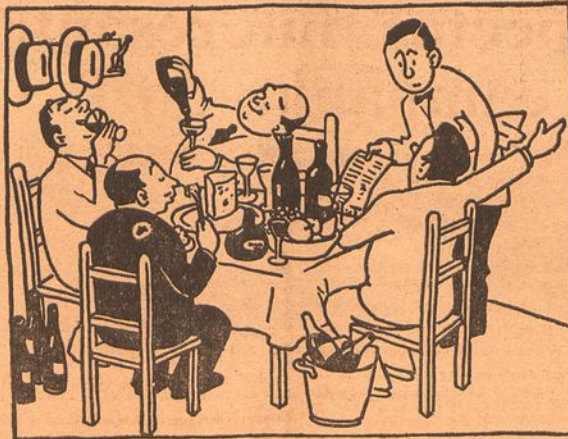
doro de Andrade, nascido em Guimarães, pai de minha Mãe,—terra oheia de encantos: As margens do teu Sado são belas como os recantos de Icarahy, na terra fluminense. Atravessel-te de Sul a Norte, na época em que as cerejeiras estavam maduras e os teus rozals começavam a sentir os soes do verão. Vi teus molcoeiros navegando na ria de Aveiro, povoando de graça as planuras da Veneza lusa, assim como debruçei-me sobre o Douro, quando emmoldura o Porto.

E ao volver á terra brasileira trouxe-te dentro da alma, Portugal meu e de meus avós. Guardo comigo a poesia

da pedra das tuas catedrais, os teus monumentos que são nossos pela as glorias do teu passado e o teu presente, na hora do ressurgimento, con-

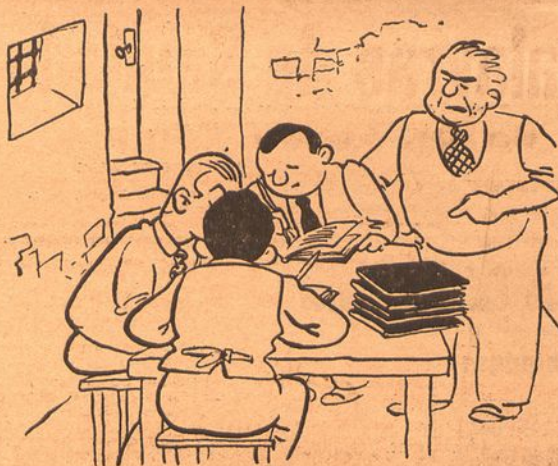
duzido pela mão de Salazar. Oxalá que os teus encantos, celebrados por todos os que viveram no teu, sólo abençoado, frutifiquem em maior intercambio entre portugueses e brasileiros e accrdem nos que viajam do Brasil para a Europa, o de sejo de percorrerem as tuas estradas modernas, de vêrem as tuas belezas que não têm conta, das amendoeiras florescidas do Algarve ás latadas deliciosas do Minho.

São os votos que através do «Diário de Lisboa» faz um neto de portugueses, que hoje tem duas patrias—Brasil e Portugal.



A Camara Municipal paga...

LEVEN VAMPRE'



O SAUDOSISTA:—Variem a caligrafia, para não dar tanto na vista, rapaziada.



—Quere roupa velha, Zé?
—Essa... não!

O ESTADO DE S. PAULO

ANNUALIDADE: 1934. NÚMERO DO DIA: 34. NÚMERO DO DIA: 34. NÚMERO DO DIA: 34.

JULIO MESQUITA
(DIRECTOR — 1921-1927)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua São Vinte e Quatro, nº 11, TORREÃO, SÃO PAULO, SP. — TELEFONES: 2.000, 2.001, 2.002, 2.003, 2.004, 2.005, 2.006, 2.007, 2.008, 2.009, 2.010, 2.011, 2.012, 2.013, 2.014, 2.015, 2.016, 2.017, 2.018, 2.019, 2.020, 2.021, 2.022, 2.023, 2.024, 2.025, 2.026, 2.027, 2.028, 2.029, 2.030, 2.031, 2.032, 2.033, 2.034, 2.035, 2.036, 2.037, 2.038, 2.039, 2.040, 2.041, 2.042, 2.043, 2.044, 2.045, 2.046, 2.047, 2.048, 2.049, 2.050, 2.051, 2.052, 2.053, 2.054, 2.055, 2.056, 2.057, 2.058, 2.059, 2.060, 2.061, 2.062, 2.063, 2.064, 2.065, 2.066, 2.067, 2.068, 2.069, 2.070, 2.071, 2.072, 2.073, 2.074, 2.075, 2.076, 2.077, 2.078, 2.079, 2.080, 2.081, 2.082, 2.083, 2.084, 2.085, 2.086, 2.087, 2.088, 2.089, 2.090, 2.091, 2.092, 2.093, 2.094, 2.095, 2.096, 2.097, 2.098, 2.099, 2.100, 2.101, 2.102, 2.103, 2.104, 2.105, 2.106, 2.107, 2.108, 2.109, 2.110, 2.111, 2.112, 2.113, 2.114, 2.115, 2.116, 2.117, 2.118, 2.119, 2.120, 2.121, 2.122, 2.123, 2.124, 2.125, 2.126, 2.127, 2.128, 2.129, 2.130, 2.131, 2.132, 2.133, 2.134, 2.135, 2.136, 2.137, 2.138, 2.139, 2.140, 2.141, 2.142, 2.143, 2.144, 2.145, 2.146, 2.147, 2.148, 2.149, 2.150, 2.151, 2.152, 2.153, 2.154, 2.155, 2.156, 2.157, 2.158, 2.159, 2.160, 2.161, 2.162, 2.163, 2.164, 2.165, 2.166, 2.167, 2.168, 2.169, 2.170, 2.171, 2.172, 2.173, 2.174, 2.175, 2.176, 2.177, 2.178, 2.179, 2.180, 2.181, 2.182, 2.183, 2.184, 2.185, 2.186, 2.187, 2.188, 2.189, 2.190, 2.191, 2.192, 2.193, 2.194, 2.195, 2.196, 2.197, 2.198, 2.199, 2.200, 2.201, 2.202, 2.203, 2.204, 2.205, 2.206, 2.207, 2.208, 2.209, 2.210, 2.211, 2.212, 2.213, 2.214, 2.215, 2.216, 2.217, 2.218, 2.219, 2.220, 2.221, 2.222, 2.223, 2.224, 2.225, 2.226, 2.227, 2.228, 2.229, 2.230, 2.231, 2.232, 2.233, 2.234, 2.235, 2.236, 2.237, 2.238, 2.239, 2.240, 2.241, 2.242, 2.243, 2.244, 2.245, 2.246, 2.247, 2.248, 2.249, 2.250, 2.251, 2.252, 2.253, 2.254, 2.255, 2.256, 2.257, 2.258, 2.259, 2.260, 2.261, 2.262, 2.263, 2.264, 2.265, 2.266, 2.267, 2.268, 2.269, 2.270, 2.271, 2.272, 2.273, 2.274, 2.275, 2.276, 2.277, 2.278, 2.279, 2.280, 2.281, 2.282, 2.283, 2.284, 2.285, 2.286, 2.287, 2.288, 2.289, 2.290, 2.291, 2.292, 2.293, 2.294, 2.295, 2.296, 2.297, 2.298, 2.299, 2.300, 2.301, 2.302, 2.303, 2.304, 2.305, 2.306, 2.307, 2.308, 2.309, 2.310, 2.311, 2.312, 2.313, 2.314, 2.315, 2.316, 2.317, 2.318, 2.319, 2.320, 2.321, 2.322, 2.323, 2.324, 2.325, 2.326, 2.327, 2.328, 2.329, 2.330, 2.331, 2.332, 2.333, 2.334, 2.335, 2.336, 2.337, 2.338, 2.339, 2.340, 2.341, 2.342, 2.343, 2.344, 2.345, 2.346, 2.347, 2.348, 2.349, 2.350, 2.351, 2.352, 2.353, 2.354, 2.355, 2.356, 2.357, 2.358, 2.359, 2.360, 2.361, 2.362, 2.363, 2.364, 2.365, 2.366, 2.367, 2.368, 2.369, 2.370, 2.371, 2.372, 2.373, 2.374, 2.375, 2.376, 2.377, 2.378, 2.379, 2.380, 2.381, 2.382, 2.383, 2.384, 2.385, 2.386, 2.387, 2.388, 2.389, 2.390, 2.391, 2.392, 2.393, 2.394, 2.395, 2.396, 2.397, 2.398, 2.399, 2.400, 2.401, 2.402, 2.403, 2.404, 2.405, 2.406, 2.407, 2.408, 2.409, 2.410, 2.411, 2.412, 2.413, 2.414, 2.415, 2.416, 2.417, 2.418, 2.419, 2.420, 2.421, 2.422, 2.423, 2.424, 2.425, 2.426, 2.427, 2.428, 2.429, 2.430, 2.431, 2.432, 2.433, 2.434, 2.435, 2.436, 2.437, 2.438, 2.439, 2.440, 2.441, 2.442, 2.443, 2.444, 2.445, 2.446, 2.447, 2.448, 2.449, 2.450, 2.451, 2.452, 2.453, 2.454, 2.455, 2.456, 2.457, 2.458, 2.459, 2.460, 2.461, 2.462, 2.463, 2.464, 2.465, 2.466, 2.467, 2.468, 2.469, 2.470, 2.471, 2.472, 2.473, 2.474, 2.475, 2.476, 2.477, 2.478, 2.479, 2.480, 2.481, 2.482, 2.483, 2.484, 2.485, 2.486, 2.487, 2.488, 2.489, 2.490, 2.491, 2.492, 2.493, 2.494, 2.495, 2.496, 2.497, 2.498, 2.499, 2.500, 2.501, 2.502, 2.503, 2.504, 2.505, 2.506, 2.507, 2.508, 2.509, 2.510, 2.511, 2.512, 2.513, 2.514, 2.515, 2.516, 2.517, 2.518, 2.519, 2.520, 2.521, 2.522, 2.523, 2.524, 2.525, 2.526, 2.527, 2.528, 2.529, 2.530, 2.531, 2.532, 2.533, 2.534, 2.535, 2.536, 2.537, 2.538, 2.539, 2.540, 2.541, 2.542, 2.543, 2.544, 2.545, 2.546, 2.547, 2.548, 2.549, 2.550, 2.551, 2.552, 2.553, 2.554, 2.555, 2.556, 2.557, 2.558, 2.559, 2.560, 2.561, 2.562, 2.563, 2.564, 2.565, 2.566, 2.567, 2.568, 2.569, 2.570, 2.571, 2.572, 2.573, 2.574, 2.575, 2.576, 2.577, 2.578, 2.579, 2.580, 2.581, 2.582, 2.583, 2.584, 2.585, 2.586, 2.587, 2.588, 2.589, 2.590, 2.591, 2.592, 2.593, 2.594, 2.595, 2.596, 2.597, 2.598, 2.599, 2.600, 2.601, 2.602, 2.603, 2.604, 2.605, 2.606, 2.607, 2.608, 2.609, 2.610, 2.611, 2.612, 2.613, 2.614, 2.615, 2.616, 2.617, 2.618, 2.619, 2.620, 2.621, 2.622, 2.623, 2.624, 2.625, 2.626, 2.627, 2.628, 2.629, 2.630, 2.631, 2.632, 2.633, 2.634, 2.635, 2.636, 2.637, 2.638, 2.639, 2.640, 2.641, 2.642, 2.643, 2.644, 2.645, 2.646, 2.647, 2.648, 2.649, 2.650, 2.651, 2.652, 2.653, 2.654, 2.655, 2.656, 2.657, 2.658, 2.659, 2.660, 2.661, 2.662, 2.663, 2.664, 2.665, 2.666, 2.667, 2.668, 2.669, 2.670, 2.671, 2.672, 2.673, 2.674, 2.675, 2.676, 2.677, 2.678, 2.679, 2.680, 2.681, 2.682, 2.683, 2.684, 2.685, 2.686, 2.687, 2.688, 2.689, 2.690, 2.691, 2.692, 2.693, 2.694, 2.695, 2.696, 2.697, 2.698, 2.699, 2.700, 2.701, 2.702, 2.703, 2.704, 2.705, 2.706, 2.707, 2.708, 2.709, 2.710, 2.711, 2.712, 2.713, 2.714, 2.715, 2.716, 2.717, 2.718, 2.719, 2.720, 2.721, 2.722, 2.723, 2.724, 2.725, 2.726, 2.727, 2.728, 2.729, 2.730, 2.731, 2.732, 2.733, 2.734, 2.735, 2.736, 2.737, 2.738, 2.739, 2.740, 2.741, 2.742, 2.743, 2.744, 2.745, 2.746, 2.747, 2.748, 2.749, 2.750, 2.751, 2.752, 2.753, 2.754, 2.755, 2.756, 2.757, 2.758, 2.759, 2.760, 2.761, 2.762, 2.763, 2.764, 2.765, 2.766, 2.767, 2.768, 2.769, 2.770, 2.771, 2.772, 2.773, 2.774, 2.775, 2.776, 2.777, 2.778, 2.779, 2.780, 2.781, 2.782, 2.783, 2.784, 2.785, 2.786, 2.787, 2.788, 2.789, 2.790, 2.791, 2.792, 2.793, 2.794, 2.795, 2.796, 2.797, 2.798, 2.799, 2.800, 2.801, 2.802, 2.803, 2.804, 2.805, 2.806, 2.807, 2.808, 2.809, 2.810, 2.811, 2.812, 2.813, 2.814, 2.815, 2.816, 2.817, 2.818, 2.819, 2.820, 2.821, 2.822, 2.823, 2.824, 2.825, 2.826, 2.827, 2.828, 2.829, 2.830, 2.831, 2.832, 2.833, 2.834, 2.835, 2.836, 2.837, 2.838, 2.839, 2.840, 2.841, 2.842, 2.843, 2.844, 2.845, 2.846, 2.847, 2.848, 2.849, 2.850, 2.851, 2.852, 2.853, 2.854, 2.855, 2.856, 2.857, 2.858, 2.859, 2.860, 2.861, 2.862, 2.863, 2.864, 2.865, 2.866, 2.867, 2.868, 2.869, 2.870, 2.871, 2.872, 2.873, 2.874, 2.875, 2.876, 2.877, 2.878, 2.879, 2.880, 2.881, 2.882, 2.883, 2.884, 2.885, 2.886, 2.887, 2.888, 2.889, 2.890, 2.891, 2.892, 2.893, 2.894, 2.895, 2.896, 2.897, 2.898, 2.899, 2.900, 2.901, 2.902, 2.903, 2.904, 2.905, 2.906, 2.907, 2.908, 2.909, 2.910, 2.911, 2.912, 2.913, 2.914, 2.915, 2.916, 2.917, 2.918, 2.919, 2.920, 2.921, 2.922, 2.923, 2.924, 2.925, 2.926, 2.927, 2.928, 2.929, 2.930, 2.931, 2.932, 2.933, 2.934, 2.935, 2.936, 2.937, 2.938, 2.939, 2.940, 2.941, 2.942, 2.943, 2.944, 2.945, 2.946, 2.947, 2.948, 2.949, 2.950, 2.951, 2.952, 2.953, 2.954, 2.955, 2.956, 2.957, 2.958, 2.959, 2.960, 2.961, 2.962, 2.963, 2.964, 2.965, 2.966, 2.967, 2.968, 2.969, 2.970, 2.971, 2.972, 2.973, 2.974, 2.975, 2.976, 2.977, 2.978, 2.979, 2.980, 2.981, 2.982, 2.983, 2.984, 2.985, 2.986, 2.987, 2.988, 2.989, 2.990, 2.991, 2.992, 2.993, 2.994, 2.995, 2.996, 2.997, 2.998, 2.999, 3.000, 3.001, 3.002, 3.003, 3.004, 3.005, 3.006, 3.007, 3.008, 3.009, 3.010, 3.011, 3.012, 3.013, 3.014, 3.015, 3.016, 3.017, 3.018, 3.019, 3.020, 3.021, 3.022, 3.023, 3.024, 3.025, 3.026, 3.027, 3.028, 3.029, 3.030, 3.031, 3.032, 3.033, 3.034, 3.035, 3.036, 3.037, 3.038, 3.039, 3.040, 3.041, 3.042, 3.043, 3.044, 3.045, 3.046, 3.047, 3.048, 3.049, 3.050, 3.051, 3.052, 3.053, 3.054, 3.055, 3.056, 3.057, 3.058, 3.059, 3.060, 3.061, 3.062, 3.063, 3.064, 3.065, 3.066, 3.067, 3.068, 3.069, 3.070, 3.071, 3.072, 3.073, 3.074, 3.075, 3.076, 3.077, 3.078, 3.079, 3.080, 3.081, 3.082, 3.083, 3.084, 3.085, 3.086, 3.087, 3.088, 3.089, 3.090, 3.091, 3.092, 3.093, 3.094, 3.095, 3.096, 3.097, 3.098, 3.099, 3.100, 3.101, 3.102, 3.103, 3.104, 3.105, 3.106, 3.107, 3.108, 3.109, 3.110, 3.111, 3.112, 3.113, 3.114, 3.115, 3.116, 3.117, 3.118, 3.119, 3.120, 3.121, 3.122, 3.123, 3.124, 3.125, 3.126, 3.127, 3.128, 3.129, 3.130, 3.131, 3.132, 3.133, 3.134, 3.135, 3.136, 3.137, 3.138, 3.139, 3.140, 3.141, 3.142, 3.143, 3.144, 3.145, 3.146, 3.147, 3.148, 3.149, 3.150, 3.151, 3.152, 3.153, 3.154, 3.155, 3.156, 3.157, 3.158, 3.159, 3.160, 3.161, 3.162, 3.163, 3.164, 3.165, 3.166, 3.167, 3.168, 3.169, 3.170, 3.171, 3.172, 3.173, 3.174, 3.175, 3.176, 3.177, 3.178, 3.179, 3.180, 3.181, 3.182, 3.183, 3.184, 3.185, 3.186, 3.187, 3.188, 3.189, 3.190, 3.191, 3.192, 3.193, 3.194, 3.195, 3.196, 3.197, 3.198, 3.199, 3.200, 3.201, 3.202, 3.203, 3.204, 3.205, 3.206, 3.207, 3.208, 3.209, 3.210, 3.211, 3.212, 3.213, 3.214, 3.215, 3.216, 3.217, 3.218, 3.219, 3.220, 3.221, 3.222, 3.223, 3.224, 3.225, 3.226, 3.227, 3.228, 3.229, 3.230, 3.231, 3.232, 3.233, 3.234, 3.235, 3.236, 3.237, 3.238, 3.239, 3.240, 3.241, 3.242, 3.243, 3.244, 3.245, 3.246, 3.247, 3.248, 3.249, 3.250, 3.251, 3.252, 3.253, 3.254, 3.255, 3.256, 3.257, 3.258, 3.259, 3.260, 3.261, 3.262, 3.263, 3.264, 3.265, 3.266, 3.267, 3.268, 3.269, 3.270, 3.271, 3.272, 3.273, 3.274, 3.275, 3.276, 3.277, 3.278, 3.279, 3.280, 3.281, 3.282, 3.283, 3.284, 3.285, 3.286, 3.287, 3.288, 3.289, 3.290, 3.291, 3.292, 3.293, 3.294, 3.295, 3.296, 3.297, 3.298, 3.299, 3.300, 3.301, 3.302, 3.303, 3.304, 3.305, 3.306, 3.307, 3.308, 3.309, 3.310, 3.311, 3.312, 3.313, 3.314, 3.315, 3.316, 3.317, 3.318, 3.319, 3.320, 3.321, 3.322, 3.323, 3.324, 3.325, 3.326, 3.327, 3.328, 3.329, 3.330, 3.331, 3.332, 3.333, 3.334, 3.335, 3.336, 3.337, 3.338, 3.339, 3.340, 3.341, 3.342, 3.343, 3.344, 3.345, 3.346, 3.347, 3.348, 3.349, 3.350, 3.351, 3.352, 3.353, 3.354, 3.355, 3.356, 3.357, 3.358, 3.359, 3.360, 3.361, 3.362, 3.363, 3.364, 3.365, 3.366, 3.367, 3.368, 3.369, 3.370, 3.371, 3.372, 3.373, 3.374, 3.375, 3.376, 3.377, 3.378, 3.379, 3.380, 3.381, 3.382, 3.383, 3.384, 3.385, 3.386, 3.387, 3.388, 3.389, 3.390, 3.391, 3.392, 3.393, 3.394, 3.395, 3.396, 3.397, 3.398, 3.399, 3.400, 3.401, 3.402, 3.403, 3.404, 3.405, 3.406, 3.407, 3.408, 3.409, 3.410, 3.411, 3.412, 3.413, 3.414, 3.415, 3.416, 3.417, 3.418, 3.419, 3.420, 3.421, 3.422, 3.423, 3.424, 3.425, 3.426, 3.427, 3.428, 3.429, 3.430, 3.431, 3.432, 3.433, 3.434, 3.435, 3.436, 3.437, 3.438, 3.439, 3.440, 3.441, 3.442, 3.443, 3.444, 3.445, 3.446, 3.447, 3.448, 3.449, 3.450, 3.451, 3.452, 3.453, 3.454, 3.455, 3.456, 3.457, 3.458, 3.459, 3.460, 3.461, 3.462, 3.463, 3.464, 3.465, 3.466, 3.467, 3.468, 3.469, 3.470, 3.471, 3.472, 3.473, 3.474, 3.475, 3.476, 3.477, 3.478, 3.479, 3.480, 3.481, 3.482, 3.483, 3.484, 3.485, 3.486, 3.487, 3.488, 3.489, 3.490, 3.491, 3.492, 3.493, 3.494, 3.495, 3.496, 3.497, 3.498, 3.499, 3.500, 3.501, 3.502, 3.503, 3.504, 3.505, 3.506, 3.507, 3.508, 3.509, 3.510, 3.511, 3.512, 3.513, 3.514, 3.515, 3.516, 3.517, 3.518, 3.519, 3.520, 3.521, 3.522, 3.523, 3.524, 3.525, 3.526, 3.527, 3.528, 3.529, 3.530, 3.531, 3.532, 3.533, 3.534, 3.535, 3.536, 3.537, 3.538, 3.539, 3.540, 3.541, 3.542, 3.543, 3.544, 3.545, 3.546, 3.547, 3.548, 3.549, 3.550, 3.551, 3.552, 3.553, 3.554, 3.555, 3.556, 3.557, 3.558, 3.559, 3.560, 3.561, 3.562, 3.563, 3.564, 3.565, 3.566, 3.567, 3.5

Actividades politicas

em São PAULO

Aspectos interessantes da campanha do P. C.

Nada haverá que ofereça mais imprevisíveis, por vezes desconcertantes, do que a politica. Absorvente e caprichosa como amante de leviano pensar, ela oferece na vida daquelas que se lhe entregam as mais variadas e desnorteantes surpresas.

E' por isso que não nos surpreendeu vir encontrar uma grande parte dos antigos derrotados politicos brasileiros, que os vai-vens incertos das lutas idealistas haviam atirado para o exilio desolado, ainda que na casa aconchegada de aparentado hospedeiro, solícito no acolhimento, por naturais razões que não justificam gratidão, mas consciencia de inalienáveis deveres, nas mais altas posições de mando nesta colmeia incessante, onde a actividade não cansa, onde o progresso é uma preocupação constante e absorvente.

A luta ingente de 1932 foi para S. Paulo uma das mais saltares epopeias. Não só lhe redoiro de gloria os envelhecidos pergaminhos de valentia e nobreza, como deu ao seu povo a consciencia da sua propria força, da sua inesgotavel capacidade em todos os campos de acção.

Nestas paginas, em que se regista o enorme surto de progresso que S. Paulo vem atravessando, não fica mal um ligeiro esboço de uma campanha politica, que oferece tantas e tão interessantes facetas.

Não vai, porém, neste registo leve qualquer intuito desprimoroso para elementos de outros partidos da politica paulista, onde, sem duvida, figuram tão notaveis personalidades que, em Portugal, deixaram um largo circulo de simpatias e de admiracão.

Estas paginas focam varias fases curiosas da campanha do partido constitucionalista, vincando os seus aspectos artistico, patriótico, humorístico e combativo.

Foi uma luta tenaz, e sem treguas, onde sobressai antes e depois do pleito eleitoral a ironia causticante dos deliciosos comentarios de "Mario da Luz", pseudónimo de uma das mais singulares figuras de jornalista, escritor e caudico, que Lisboa mal pôde conhecer em todo o seu imenso mérito.

As suas cronicas dão um livro admiravel de ironia profunda, a que não falta uma sólida cultura.

Aliado ao lápis de alguns artistas de segura reputação, e á homogeneidade de altíssimos valores novos, decididos e idealistas, não é de estranhar o triunfo em que as armas de combate não foram embebidas na vil peçonha da calunia, nem do insulto soez, nem da deselegancia moral.

Desde a grandiosa manifestação prestada ao Dr. Armando Sales de Oliveira, hoje presidente muito illustre da opulenta terra bandeirante, até ao momento culminante das eleições vibrantemente pleiteadas, quantos factos emocionantes, quantos aspectos curiosos a denunciar patriotismo e firmesa politica.

Arquivando nestas paginas algumas illustrações da actividade politica do P. C., que tão gentil foi para o *Diário de Lisboa*, focamos um aspecto que não desmancha o conjunto destas paginas de louvor a S. Paulo e de registo flagrantemente da sua febril actividade do momento.

B.



O sr. dr. Armando Sales de Oliveira pronunciando o seu notavel discurso no grande banquete que lhe foi oferecido

Palavras de Saudade do Dr. Leven Vampré

Portugal carinhoso que nos acortando elegantes a agua do Tejo, heste na hora da tormenta do exilio, São ainda as descendentes das Carada patria cabocla que criaste; envio- vélas, lembrando nas suas próas re- curvas as ambições dos mouros, ena- paisagem, a coragem dos teus filhos, moradores da tua formosura. a graça das tuas mulheres, vive na Aos meus olhos surgiste, como de- minha retina, embevecida ainda na sapareceste aos olhos do velho Izl- evocação das vélas das tuas fragatas, (Ver continuação na pagina seguinte)



A multidão aclamando o dr. Armando Sales de Oliveira



Um aspecto do almoço ao sr. dr. Armando Sales de Oliveira

São Paulo e a história do algodão

Se bem que o algodão só tenha tomado importância económica, séculos após a descoberta do litoral brasileiro, a sua existência é anterior à colonização portuguesa no Brasil. De facto, quando aqui aportaram, tanto na região setentrional, quando meridional, os primeiros navegantes, afirmava-se que entre os índios eram de uso comum objectos fabricados com algodão. Redes, tipóias, cordas, e mesmo alguns tecidos, encontravam na fibra dos algodoeiros nativos a matéria prima para uma rudimentar fabricação. Hans Staden, que naufragou em costas paulistas nos primeiros anos da descoberta do Brasil, afirmou, em sua obra clássica, que os índios do litoral de São Vicente traficavam com os franceses que «vinham todos os anos com embarcações, e lhes traziam facas, machados, pentes e tesouras; e eles lhes davam em troca pau-brasil, algodão, e outras mercadorias, como enfeites de pena e pimenta.

Mas, não era só em São Paulo que existia algodão selvagem mas sim por todo o Brasil. No Maranhão ainda se encontram variedades nativas nas matas virgens do Estado, atestando a sua anciandade.

Já em 1600, segundo afirma Capistrano de Abreu, na introdução ao famoso livro sobre «Dialogos das grandezas do Brasil», a lavoura se desenvolvera animadamente nas costas brasileiras, cultivando-se mantimentos de toda a especie. Nas terras férteis de alguns trechos do imenso território «plantavam algodão, vendido a 2500 a arroba, depois de descarocado no maquinismo rudimentar da maquina, encontrado ainda agora no interior e descrito pelos viajantes europeus vindos depois da transmigração da familia real».

Brandonio, que é o autor do livro acima citado, ou melhor, o anonimo que o escreveu, afirma nos seus interessantes dialogos, cuja antiguidade é do ano de 1583 a 1600, mais ou menos, segundo depoimentos de Capristano e Varnhagen, que para se fazerem ricos os habitantes do Brasil havia varios meios, sendo um deles os algodões, cujo comercio se fazia com Venezia, então, como já explicamos no historico do algodão, no inicio de sua época industrial algodoeira.

Esses algodões—continua o autor citado—planta-se de semente e em breve tempo leva fruto, o qual se colhe depois de estar maduro e de vez, e tirado do coculo, aonde se cria, o poem em rimas, e deste modo se chama algodão sujo, e o que se aparta da semente é o limpo.

O algodão cultivado em São Paulo nessa época devia ser o que aí já se encontrava, quando tomaram conta da terra os primeiros povoadores. Muitas dessas especies algodoeiras, como o algodão «inteiro», o «algodoi», ainda existem, em varios Estados brasileiros. De Goyaz e Mato Grosso ainda hoje recebem algodões que são os mesmos usados pelos índios e pelos colonizadores para fabrico de seus tecidos grosseiros.

Cremos não errar afirmando que o característico desses algodões era a facilidade com que as sementes se separavam da fibra, por serem nuas, e por estarem agrupadas em blocos de oito a dez, como ainda se vê hoje, em algumas especies. Graças a esses algodões (*Gossypium brasiliense*, L.) é que o descarocamento manual não se tornava impraticável. Descrição exacta dos principais tipos não temos.

Uma que nos parece dar uma idéa dos algodoeiros é a que existe no livro de Hans Staden, já citado neste trabalho.

«O algodão dá em arbustos da altura de mais ou menos uma braça; tem muitas ramas e, quando floresce, dá botões que, uma vez maduros, se abrem e o algodão se vê dentro dos casulos, ao redor de uns carocinhos pretos, que são as sementes; as mesmas que se plantam. Os arbustos estão cheios desses casulos».



Um aspecto da cultura do algodão

As especies anuais, de sementes feltradas ou vestidas, só vieram mais tarde, conforme examinaremos oportunamente.

A guerra da Secessão, nos Estados Unidos, produziu, como era fatal a alta dos preços do algodão. Em 1866, o algodão alcançava cerca de 15 dinheiros em Liverpool. Em face de alta tão tentadora, desenvolveu-se extraordinariamente a sua cultura em todo o Estado de S. Paulo, a tal ponto que as exportações pelo porto de Santos e por outros do litoral paulista atingiram cifras desconhecidas até então.

Ao coronel Luiz Antonio de Anhaia, com sua fabrica de Itu denominada «São Luiz», a Manuel Lopes de Oliveira, em Sorocaba, e a Martinho Guedes, em Tatuhy, com a fabrica

«São Martinho», cabem a honra de terem sido os pioneiros da industria moderna de algodão em São Paulo.

A primeira estampanaria de São Paulo foi estabelecido a Rua 25 de Março e era de propriedade do Inglês Snapo sendo depois transportada para Votorantim, em Sorocaba, pelo Banco da União, montando ai, em 1903, mais ou menos a «Teelagem Votorantim» sob os auspícios do coronel Lacerda Franco, o qual mais tarde ainda, foi o fundador da fabrica «Japy» em Jundiahy.

A historia da industria paulista está ainda ligada, em seus primordios, ás iniciativas de muitos outros denodados batalhadores, como Gabriel Dias da Silva e Barão de Duprat.

Apoz a Grande Guerra, as indus-

trias paulistas tiveram notavel surto de prosperidade, sobretudo no que dizia respeito ás industrias de fiação e teelagem de algodão. Como consequencia, subiu o consumo extraordinariamente. Apesar dos preços altos de alguns anos, como de 1923, quando a arroba de algodão chegou a alcançar mais de 130\$00, o que se produzia em S. Paulo não dava para suprir o consumo industrial.

São boas as condições climatericas paulistas para a cultura do algodão e a prova está na facilidade com que S. Paulo volta ao algodão todas as vezes que lhe faltam outros meios de actividade agraria, como se dá agora mesmo. A queda do café provocou o aumento da lavoura algodoeira, como, em 1866, a Guerra da Secessão, e em 1919 a grande queda.

Em poucos países do mundo é tão alta a produção de algodão, por unidade. Enquanto, nos Estados Unidos, gastam-se fortunas com adubações, para se conseguirem resultados pouco satisfatorios, em S. Paulo, sem adubos, alcançam-se safras muito melhores.

Ha, pois, um grande futuro ao algodão em São Paulo.

O beneficiamento do algodão em 1600

«E para se haver de apartar dela—prosegue o autor dos «Dialogos—usam de uma invenção de dois eixos que andam á roda, e passado por eles, o algodão larga uma parte que é a por onde se mete a semente, e pela outra vai lançando por entre os eixos o algodão que se costumava vender na terra a 25000 a arroba, com deixar muito proveito aos que o lavram» O algodão era assim negociado, sendo vendido no «Reino», isto é, em Portugal, a 4\$000 a arroba.

O enfiamento do algodão

São ainda dessa excelente fonte historica os seguintes dados a respeito do modo por que o algodão era enfiado e negociado.

«Levam-no dentro de grandes sacos, onde se mete muito bem-socado, de modo que a saca fica dura e tesa. Como está apertado, não importa que o levem para o Reino sobre a coberta de navios, porque a chuva não lhe faz dano. E com isto me parece que tenho dito o que basta dos algodões dos quais neste Brasil se faz muito bom pano de serviço».

O algodão em S. Paulo colonial

Como em Pernambuco, no Maranhão e na Baía, tambem o algodão era conhecido dos índios que habitavam o territorio de S. Paulo. Assim o declaram depoimentos antiquissimos, como os que já citamos. O padre Manuel da Nobrega escrevia em 1549 que os índios do litoral paulistano, assim como os do interior, dormiam em redes de algodão junto do fogo.

Esses algodoeiros nativos foram aproveitados pelos primeiros povoadores lusitanos e espanhois no territorio de S. Paulo. Por volta de 1609, em Parahyba, Guapira, Itapeperica, Quitana e outros antigos logareiros paulistanos, se plantava e colhia trigo e algodão. Quem o afirma é Alcantara Machado, quando diz: «Ha tambem muito algodão. Raro o inventario em que se não menciona ao menos um pedacinho de «algodãozinho». Costase geralmente a cruzado a arroba, descendo ás vezes a cotação a doze vintens, e subindo de quando em quando a oitocentos reis».

Como em 1600 se fiava o algodão em S. Paulo

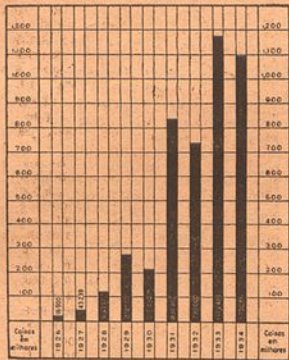
«Aqui mesmo—continua Alcantara Machado—se faz a fiação, custando de tostão a meia pataca o arratel de fio. Aqui mesmo se tecem panos grosseiros, mercados primeiramente a cento e sessenta e mais tarde a setenta mil réis a vara. E' frequente o aparecimento entre os bens do espolio, de



Algodoeal antes da apanha

(Ver continuação na página seguinte)

A citricultura no Estado de São Paulo



O cultivo industrial das plantas cítricas no Estado de São Paulo é relativamente recente. Iniciado nos Municípios de Limeira e de Sorocaba, até 1926 o seu fito era o de abastecer os mercados internos, e a não ser algumas tentativas casuais não houve praticamente exportação até aquela época em que se exportaram 16.900 cxs. para o estrangeiro. Dois anos após foi exportada mais de uma centena de mil caixas, exactamente 119.227 caixas, e daí para cá, com pequenas alternativas naturais em agricultura, foi-se acentuando o aumento da exportação — para alcançar, já em 1933 e 1934, cifra superior a um milhão de caixas anuais.

Data de 1928 o início dos primeiros trabalhos organizados sob bases científicas e controle do Estado, com a criação de Estações Experimentais de Citricultura nas principais zonas citricolas, e, logo depois, com a montagem de dois modernos «Packing-Houses».

Em 1931 os trabalhos experimentais e de fomento foram ampliados, e foi criada a Directoria do Serviço de Citricultura, com funções amplas para estudar todas as questões concernentes ao aperfeiçoamento das culturas, ao beneficiamento e padronagem do produto e ao seu comércio. O Estado vem dessa forma prestando cotidiana assistência aos citricultores e negociantes de frutas. Exercendo severa fiscalização sobre o produto exportável desde o

pomar até a camera de bordo, e fomentando a obtenção de fruta optima e barata, espera entregar ao consumidor um produto cada vez melhor.

Os citricultores e negociantes de frutas (Exportadores) têm compreendido o alcance dessas medidas e assim é que as novas plantações de citrus estão sendo tecnicamente cuidadas, ao mesmo tempo que por toda a parte se nota o aperfeiçoamento no trato e na embalagem do produto.

Padronizada e regulamentada a exportação, ela oferece já uma sólida garantia ao importador e representa uma real conquista da agricultura de S. Paulo.

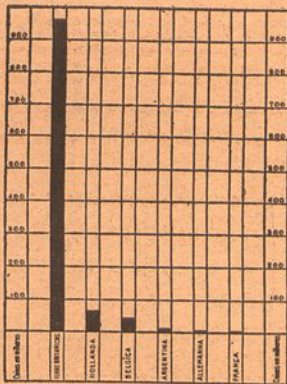
A's Estações Experimentais de Citricultura têm cabido a missão de estudar desde as variedades adaptadas ás diversas regiões do Estado, a formação e distribuição da muda ideal, como os problemas mais complexos de selecção, adubação e combate ás pragas e molestias.

Por outro lado, a parte fiscalizadora, cobrindo possíveis abusos, leva ao citricultor os ensinamentos colhidos nas Estações Experimentais, e aos exportadores a necessaria assistência para melhoria dos trabalhos de padronagem, selecção, tratamento e embalagem do produto. Embora num

errescente aumento as plantações de laranjeiras, a exportação de 1934, de 1.096.451 caixas, foi um pouco menor que a do ano anterior (1.173.423 cxs.). Motivou esse decrescimo a seca prolongada do ano findo e tambem a melhor escolha do produto, pois foi evitada e hoje está prohibida a exportação das laranjas de pé franco «Calpira» ou «Seedlings» dos ingleses. Deve-se notar ainda que a laranja Baía de São Paulo alcançou preços medios em Londres em 1934, superiores aos preços alcançados pelas frutas dessa variedade e provenientes da Africa do Sul, sua principal concorrente.

A Citricultura de São Paulo conta a seu favor com as excepcionais condições de solo e clima. Podendo-se estender por todo o Estado, tem-se localisado racionalmente á margem das grandes rodovias para poder ter facil escoadouro. Em São Paulo se podem produzir frutas de excelente qualidade e por preços muito inferiores aos de outras procedencias.

O maior mercado consumidor da safra paulista tem sido as ilhas britannicas. Ultimamente novos mercados têm sido abertos no continente europeu e assim é que se torna promissora a exportação para a Holanda, Belgica, Alemanha e França. Não foram as bar-



reiras alfandegarias, que entravam hoje as relações internacionais, e São Paulo poderia oferecer ao consumidor europeu a excelencia de seus produtos por preços ao alcance das classes menos favorecidas. Assim se dá com a Inglaterra que, como resultante dos acordos de Ottawa, taxou as laranjas de procedencia extranha ao imperio britannico, para entrarem na Gran Bretanha, com 3 «shillings» e seis «pence» por cwt—or sejam dois «shillings» e quatro «pence» por caixa— que representa um aumento grande de despejo no produto brasileiro.

Diante desses factos, bem compreenderam os exportadores que o problema da citricultura paulista se apresenta mais como comercial que cultural. A organização de sistemas de vendas mais centralizados do que o actual seria a resolução do problema comercial cítrico de São Paulo. Esse movimento já se faz sentir com a organização de cooperativas de citricultores — que mais tarde se conjugarão para formar uma agremiação cooperativa dos produtores— como nos países nossos concorrentes. Com a organização da citricultura paulista em bases cooperativistas, novos mercados poderão ser abertos e novas perspectivas se abrirão a essa jovem fonte da actividade bandeirante.



São Paulo e a sua expansão algodoeira

(Continuação da pagina anterior)

teares com seus apetrechos e pesos, adereços e aviamentos, urdiduras e pentes de pano fino e de velame, liços, caixões, caneleros, caixas de novelos e mais necessários. Nem faltam teares de fazer franjas e redes. Há quem faça a tecelagem com fio alheio e se pague do trabalho em especie. «Mandei fazer setenta varas de pano de seu fio, e lhe larguei a parte que lhe vinha do ressumes, diz um dos inventariados, Pedro Dias Leite, irmão de Fernão Pais Leme declara ter vinte e tantas varas nos teares de Guilherme Pompeu, o creso de Parnahyba. Mas, em regra, cada fazenda possui o seu tear e alguns tecelões entre as peças de serviços.

Como se vê, o industrialismo paulista não teve origem recente, mas data de trezentos e trinta quando, em virtude do isolamento dos primeiros colonizadores da terra paulista, e em consequencia das dificuldades de comunicações com a metropole, de onde vinham os melhores tecidos e com a civilização litoranea, eram os rudes bandeirantes de S. Paulo obrigados a depender de seus proprios incipientes recursos.

Em torno da vila de S. Paulo, declarou Afonso Taunay, se levantaram grandes plantações onde «os homens

bons e da governança da terra se occupavam em obrigar os seus indios a trabalhar nos trigais e milhares, nas plantações de feijão e algodão».

O algodão e as bandeiras paulistas

Na luta homérica dos primeiros paulistas contra as agruras da floresta virgem e contra as insidias e os ataques dos indios, não deixou de ter o algodão papel saliente. De facto, se é verdade que o exito da luta entre brancos e indios teve sua explicação principal no emprego da arma de fogo pelos brancos, o que não resta a menor duvida é que as malhas de que lançaram mão os bandeirantes muito os auxiliaram na guerra aos indios. Essas malhas feitas de algodão, eram, segundo o dizer de Alcantara Machado, «o gibão de armas de algodão de vestir, adaptação da velha jaqueta medieval ás condições do meio americano. E' o escupil, já usado pelos espanhóis nas guerras contra o gentio do Mexico, do Peru e do Chile. E' uma carapuça de couro cru, recheio de algodão, forro de baeta. Tanto basta para proteger o corpo á maneira das cotas de malhas contra a penetração das setas inimigas. Basilio de Magalhães cita uma carta regia de 1684, em que se recomenda a Duarte Chaves, governador do Rio de Janeiro, que envie ao governador de Angola,

até sessenta gibões feitos na forma de que usam os sertanejos de S. Paulo».

A coreografia do algodão em S. Paulo

Não é facil estabelecer-se a distribuição geografica da cultura do algodão nos dias de S. Paulo colonial. Faltam dados precisos. Os poucos de que se dispõem, nem sempre entram em minudencias. O que é patente, porém, é que a cultura do algodão avançava, á medida que a civilização entrava o sertão paulista. Nos primeiros anos do seculo dezanove, floresciam lavouras em localidades importantes, como Sorocaba, Itapetininga, Mogy das Cruzes e Franca. A industria domestica aproveitava os algodões á cultivação, fabricando tecidos grosseiros, mas já nas duas primelras cidades, havia rudimentos de um industrialismo prometedo, pois de lá se exportavam tecidos para Curytiba e Rio Grande do Sul—conforme positiva Paulo Pestana—onde tinham pronta venda.

No Município de Itu, no dizer de Saint Hilaire, se colhe algodão. Em Sorocaba, em 1820, conforme a mesma autoridade, «o algodoeiro sai bem nos montes que se estendem a leste da cidade, mas «o produto é de qualidade inferior». Não temos aqui nem o clima nem o solo de Goyaz e Minas Novas; entretanto, os panos grossos que

se fabricam nesta região têm pronta venda em Curytiba, e na provincia do Rio Grande do Sul, onde não ha algodão».

Na mesma época, o município de Itapetininga era essencialmente agricola. «Nos lugares onde não cala gado, como nos vales, plantavam-se algodoeiros, e com seu produto se fabricavam tecidos que eram exportados, como os de Sorocaba, para Curytiba e Rio Grande do Sul».

A entrada do café pelo vale de Mogy-Guassu

O café, cuja introdução em S. Paulo, data dos últimos anos do seculo dezoito, já era, em meados do seculo seguinte, importante lavoura. Em 1854 já se produzia mais de 10.000 contos de café. Com a descoberta e desenvolvimento das terras novas dos fertes vales do Mogy-Guassu e do Rio Pardo, de meados do seculo dezanove em diante, tomou o café tal impulso que outras lavouras até então florescentes, como a de cana de açúcar, começaram a declinar sensivelmente. Depois que, em redor de Ribeirão Preto, se formou novo núcleo cafeeiro, todas as actividades agricolas ficaram monopolizadas em torno do café, passando o algodão a ser plantado apenas em municípios onde o café não prospera bem.

A BAHIA

e o seu grande progresso



Major Juracy Magalhães — Interventor Federal da Baía

Não será preciso compulsar o volumoso relatório apresentado pelo muito ilustre Interventor Federal no Estado da Baía, major Juracy Montenegro Magalhães, para se verificar o enorme surto de progresso que este Estado tem tido sob a direcção do seu actual Interventor. Bastará desembarcar na nobre, vetusta e linda cidade do Salvador, cidade tão impregnada ainda de singulares tradições portuguesas, para se ver que o opulento Estado do norte

Em todos os campos de actividade o major Juracy Magalhães vem intervindo com um criterio, um desassombro e, sobretudo, com um patriotismo que o impõe mesmo á consideração de muitos dos politicos contrarios.

Dedicando-se atentamente a todas as grandes obras de fomento, dando um extraordinario impulso a portentosas obras de saneamento, de modo a que dentro de pouco tempo a cidade de Salvador estara dotada com o abaste-

mações eloquentes da superior direcção que preside ao governo do Estado.

Levantam-se novos edificios, majestuosos, alguns dos quais como o da Secretaria da Agricultura se impõe pelas linhas elegantes e pela sua importancia, abrem-se novas ruas, amplias e arejadas, criam-se novos bairros e onde outrora se erguiam casas de tapera levantam-se agora formosos bungalows aristocraticos em bairros de luxo.

Os serviços de limpeza na cidade do Salvador são, pode afirmar-se modelares. Bastará dizer-se que se não vê um papel no chão e que a recolha dos lixos se faz de manhã cedo em excelentes carros automoveis, de modo a que quando a cidade acorda para a sua vida intensa de grande capital já não assiste ao espectáculo sempre desagradavel da sua «toilette», da sua hygiene.

A obra de assistencia agricola, a criação do Instituto do Cacao, com os seus magnificos armazens, dotados da mais moderna aparelhagem, a instituição do Horto Florestal, o campo de experiencia e demonstração Antonio Morniz, a conclusão do grandioso edificio



Um dos majestosos elevadores

equilibrado e patriótico, orientador de progresso, estimulador de novas iniciativas, criador de novas riquezas e engrandecimentos.

E a encantadora cidade do Salvador alinda-se cada vez mais, torna-se faceira e donairoza com os seus novos estabelecimentos, com o seu majestoso



Uma das movimentadas ruas da Baía

da Imprensa Oficial, a organização do Departamento de Saude Publica, a campanha contra o banditismo, a organização da escola profissional para menores, os lactarios e creches, o serviços prestados, enfim, em todos os ramos de administração publica são palpaveis demonstrações de um governo da de grande capital moderna.



Dois magníficos edificios, indice do grande progresso da Baía

atravessa um periodo de aurea prosperidade e de grandes e arrojados empreendimentos.

Confiada a chefia do Governo de tão rico e importante Estado da União a um homem moço, mas dotado de qualidades verdadeiramente invulgares de direcção, sinceramente patriota, trabalhador incansavel, tem sido possível essa grandiosissima obra de resurgimento economico e financeiro de que a Baía dá um exemplo salutar,

cimento completo de agua e a sua rede perfeita de esgotos sanitarios, o major Juracy Magalhães, só com estas obras de larga visão, se imporia á consideração dos seus governos. Mas a outros ramos importantes da administração publica tem o ilustre Interventor dedicado suas atenções e encorajado com intrepidez.

O problema do ensino, da assistencia infantil e outros, no seu estado actual de desenvolvimento, são afir-



Edificio da Saude Publica

Diário de Lisboa

Numero avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 67, 2.º

Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES—2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA



O sr. dr. Getulio Dornelles Vargas—Eminente presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil

3 de Maio

Dois países, duas patrias, que no mesmo dia e no mesmo impeto de fervor cívico, entusiasticamente relembram e comemoram um acontecimento celebre na historia de cada um deles—aquí a imortalidade de mais uma grande proeza reflectidamente heroica, ali a data quasi de nascimento e baptismo duma nova nação—eis um facto raro e comovente. Uma fraternidade de sempre, um mutuo carinho de sempre, eclodiram no globo desde esse momento glorioso. E, de tal modo, que nem a antiga metropole das terras de Santa Cruz guardou ressentimento pela proclamação da independencia do Brasil, nem esta se fez e cimentou através de hostilidades e odios insuperaveis contra Portugal. Puderam assim brasileiros e portugueses continuar a estimar-se e a acompanhar-se na realização dos seus destinos colectivos, alheios a dissídios antipáticos e a incompreensões perigosas. E' por isso que a memoria de Pedr'Alvares Cabral tão querida ficou além e áquem Atlantico—identicamente amada nos duas margens desse mar comum, espelho de audacia de dois povos, e onde o futuro de ambos decerto inscreverá paginas de inédito brilho, dignas da energia construtiva que os assinala e irmana.

Palavras do sr. Embaixador do Brasil

A superficie e a população da America do Sul dividem-se em duas partes quasi iguais. Numa se contem as nove Nações hispano-americanas e mais as três Guyanas anacronicas. A outra metade inteira da America do Sul é o Brasil. No mapa do continente, ele é mais do que uma vasta expressão geografica. E' uma afirmação racial. Na multiplicidade dos seus aspectos estaticos ou dinamicos, a mentalidade da Raça domina ali, o individuo venha donde vier e impõe a obra progressiva da colectividade um caracter definido e proprio. Nem ha, aliás, como explicar doutra maneira o milagre do bloco brasileiro sobrevivendo, integral, á desagregação dos vice-reinados ao emanciparem-se da tutela da Espanha.

O nucleo de atracção da Raça amalgamou as populações ainda disseminadas, condensou-as, mestiçou-as e caldeou-as sucessivamente. Ao prendel-as ao solo, irradiou o iman poderoso da unidade ao redor do qual gravitou a variedade de toda a ordem, desde o clima diferente na vastidão do territorio, até a diversa fertilidade do humus que partilha os campos e florestas em zonas de distinta produção, conjugadas todas no energico esforço da economia nacional.

Depois, os campos foram semeados e as cidades construidas; as industrias recém-nasceram; as estradas de ferro cortaram as matas e escalaram o degrau cicloptico da Serra do Mar; os aviões e a onda hertziana salvaram distancias e obstaculos que pareciam intraponiveis e, como dantes, o meio physio-psiquico continuou a estampar com a sua marca indelevel o homem, estrangeiro ou não, que vive e trabalha no Brasil.

E' o fenomeno da magica assimilação dos grupos imigratorios pelas cidades e campos brasileiros. E' o segredo da grande força que, mau grado a federação latissima, manteve—e manterá—«uno e indivisivel», o Brasil imenso e lhe deu, no passado, o poder de resistir á todas as correntes dispersivas que ameaçam os Estados em formação.

Se Portugal é, na Europa, o país de fronteiras mais antigas, o Brasil é, na America, o unico que, na vida independente, guarda as fronteiras coloniais. Virtudes da mesma raça. E' pela sua acção catalitica que as fisionomias do Homem e da Terra se transformam e se revelam em traços singulares de caracter e inteligencia, que imprimem, no Brasil, ás coisas mais universais uma expressão e um sentido nitidamente brasileiros.

O «Diário de Lisboa», nestas paginas de homenagem ao povo consanguineo, revela a compreensão do que, hoje, é o Brasil e do que dele se espera na obra de aperfeiçoamento humano, que tanto já deve á intuição clarividente e ás virtudes varonis da nossa Raça gloriosa.



Dr. Adalberto Guerra Duval, embaixador do Brasil



O sr. dr. Pedro Ernesto, illustre Prefeito Municipal do Rio de Janeiro

PALAVRAS DO ADIDO COMERCIAL BRASILEIRO

O BRASIL DESCONHECIDO...



Dr. Rafael Correia de Oliveira, adido comercial brasileiro

Nesta iniciativa do «Diário de Lisboa» promovendo a divulgação ampla de alguns aspectos da vida brasileira, não é o sentido da amizade fraterna que me impressiona, mas sim o valor do serviço realmente prestado ao meu país. Todos nós que constituímos o bloco étnico luso-brasileiro temos na alma uma boa dose de lirismo que torna a emoção fácil e, conseqüentemente, difícil a compreensão das realidades da vida no seculo do utilitarismo. Escapando, por uma vi-

toria do espirito sobre o coração, a essa contingencia atavica, procuro ver sempre em todas as iniciativas humanas, o lado pratico. Com esse criterio sofre a paisagem nas suas cores, mas o observador não se expõe ao desencanto das decepções.

Políticos e sociólogos se esforçam, na minha terra, pela fixação dos males que atormentam a nacionalidade e pela indicação dos remedios salvadores. No entanto, no plano da actual civilização, o Brasil padeceria de um unico mal: o de ser pouco conhecido. Não o conhecem, em sua maioria, os proprios brasileiros. Ignoram-no, quasi em absoluto, os estrangeiros. Seria muito longa para este pedaço de columna de jornal a sustentação da tese. Mas quem quizer dar-se ao trabalho de apanhar estatísticas, estudar determinadas condições de vida, observar o processo evolutivo da nacionalidade e sentir-lhe, nas manifestações mais diversas, o poder de força criadora, chegará, depois de confrontos imprescindíveis, a conclusões desvanecedoras para o meu país.

E aí está porque eu encareço neste momento o excelente serviço que o «Diário de Lisboa» presta ao Brasil. Do que esta jovem e possante Nação sul-americana precisa, de facto, é de ser divulgada, discutida, criticada conscienciosamente e honestamente.

As grandes obras só existem, realmente, porque foram conhecidas e exnóstas ao lulo da humanidade. Seria inutil pretender respeito e confiança para um povo mal conhecido...

RAFAEL CORREA DE OLIVEIRA

As Credenciais do Patriotismo Brasileiro

«E é tanto isto assim que não faltam autores que queiram afirmar estar nesta parte situado o paraiso terreal».

(Diálogos das grandezas do Brasil)

Os caldeamentos étnicos, as mesclas, os cruzamentos, os múltiples factores heterogéneos que se aglomeraram para formar o tipo brasileiro permitiram por largo tempo a suspeita de que a consciencia nacional, no Brasil, quedara estatica e contemplativa ante a grandiosidade da terra, sem um gesto para impeller e guiar a unidade da grei, e indiferente á sorte da nacionalidade. Dai, e como corolario, a possivel mas erronea impressão, de que Patriotismo seria, nas terras de Santa Cruz, vã palavra e sentimento ignorado.

Ora, nem o brasileiro é de indole nómada, nem a falta de homogeneidade na constituição do tipo o impede de ser visceralmente e conscienciosamente patriota.

Oliveira Viana, mostrando em vasto quadro a consideravel variedade de elementos componentes do tipo psicologico brasileiro, dividindo os grupos, as tribus, estudando cada aglomerado nas suas origens e tendencias, conclui:

«Cada um desses grupos, ou puros, ou cruzados, traz ao conjunto da massa nacional uma sensibilidade propria, uma affectividade propria, uma intellectualidade propria, em suma, sentimentos e idéas, tendencias e aspirações especificas. De maneira que, na sua totalidade, a massa nacional se move segundo um conjunto de forças muito complexas, nem sempre convergentes e harmonizadas».

E' certo. Mas não é menos exacto que, no vertice final para onde converge essa multiplicidade de tendencias e sentimentos, tudo se amalgama e aglutina e funde num só plasma—o sentido da integridade do patrimonio comum.

E nem podia ser de outro modo, porque as duas fontes propulsoras do tipo actual—que a todos sobrepujaram—foram a indole tenaz do colonizador e a impulsividade do aborigene.

O brasileiro ama profundamente a sua patria; e esse patriotismo chega a culminar em paroxismos de orgulho, que, por vezes, poderia parecer insolente, se não fosse legitimo.

As predilecções regionais não diluem a visão capital formadora do patriotismo brasileiro, e isto quer se trate do estoico e sagaz *matuto* nordesta, ou do ardente e aventureiro caudillo dos pampas. Em todos uma vibração unisona, a coesa admiração pelo bloco imenso e indissolvel dos seus quasi nove milhões de quilómetros quadrados—Brasil!

Não ha ali, por isso, tendencias de separatismo. O unico prurido efemero chamou-se «Guerra dos Farrapos», e não foi mais do que um reflexo do retalhamento hispano-americano.

Baptista Pereira—o desinteressado e valoroso patrono do reinol, o contudente azorrague dos zollos obstinados em denegrir o esforço e a participação dos lusos na formação da brasilidade—assim define o lema da vaga «republica»: —«Tudo pelo Rio Grande do Sul significava, como se vê pelos actos dos chefes supremos—*Nada contra o Brasil!*».

E o brasileiro é patriota consciente do valor e beleza da sua terra, não

só pelo que sente, como pelo que vê do encantamento que ela produz nos estranhos.

Os hinos á maravilha e á fertilidade daquele solo sem par, ouve-os ele desde Pero Caminha ao anonimo autor dos «Diálogos», que já o julgava «tão frutifero no produzir que infinidade de estacas de diversos páus, metidos na terra, cobram e em breve tempo chegam a dar fruto»; de Vieira, increpando audaciosamente Deus—mais por amor da terra do que em defesa da soberania do reino—a frei Vicente do Salvador, afirmando que «podia sustentar-se com seus portos fechados sem socorro de outras terras»; de Martim Afonso aconselhando o rei a mudar-se para a «nova terra» porque «ali poderia criar um dos maiores reinos do universo», até Jefferson que proclamava a Lafayette considerar o Brasil «mais rico, mais populoso, mais forte e tão instruido como a Mãe-Patria»...

E o que tem feito o brasileiro, nestes quatro seculos de civilização, para bem merecer da sua gigantesca Patria?

O «auri-verde pendão» que Castro Alves desfralda, lá no alto, como aureola do Cruzeiro do Sul, emoldurada das glorias comuns dos ancestrais, está pleno de rutilantes façanhas e de nomes imorredocios.

Da epopeia verde dos Bandeirantes á mancha rubra de Laguna—a mais espantosa odisseia que em todo o mundo e em todos os tempos seres humanos hajam sofrido por amor da Patria!—a historia do Brasil transborda de feitos em que domina este ansio—Honra e Unidade.

Foi a observação das paginas luminosas desse livro fulgurante que é a consciencia nacional brasileira, que inspirou a Antonio José de Almeida, em pleno Parlamento do Brasil, esta afirmação definitiva:

«Não tenho duvida em lhes dizer que estou aqui, em nome de Portugal, para agradecer aos brasileiros o favor que eles nos prestaram, a nós, proclamando-se independentes no momento em que o fizeram...»

EDUARDO DIAS



Dr. Lourival Fontes Director do Departamento de Turismo

RIO DE JANEIRO

a cidade das praias maravilhosas

Começa algumas horas antes de chegar, o encanto maravilhoso do cenário imprevisível que a Guanabara nos oferece em multiplicidade ininterrupta de aspectos, que a pena mais dextra terá dificuldade em descrever em todo o seu colorido, em toda a magnitude da sua exuberância de formas verdadeiramente sedutoras.

O navio vai caminhando por entre um sem numero de ilhas e de morros, coroados da mais uberrima vegetação, de tons fortes, que a estranha luminosidade dourada faz sobressair em fulgurações de acentuado contraste.

E, quanto mais nos aproximamos mais nos absorvemos na contemplação de tanta beleza.

Ao longe já se distingue o recorte sinuoso das praias de Copacabana, recorte em que ha qualquer coisa do espreguiçamento sensual de femininas formas.

Dominam-nas uma multidão de arranha-céus de linhas hirtas, que denunciam o conforto que reúnem para moradores ultra civilizados, habituados á convivência dos grandes centros.

Para outro lado os braços abertos de Jesus, sobre o alto Corcovado, denuncia o afável acolhimento que todo o de fóra all recebe.

Mais além o Pão de Açúcar celebra-

do. Mal se desembarca, atendidos com solicitude por uma alfandega sem exigências impertinentes e chocantes, logo a cidade trepidante de movimento, atordoadora de ruído, de febril actividade.

Luxuosos «auto-omnibus» pela avenida Rio Branco, onde os arranha-céus substituem a cada momento os velhos edifícios que enriqueceram a vasta arteria aberta pelo espirito empreendedor e teimoso de Pereira Bastos.

São 5 horas, e a avenida entre o café Belas Artes e a rua do Ouvidor, reorgorgia de elegantes. Ha certos momentos que lembra movimentada romaria da elegancia e da graça.

Incessante espectáculo de côr e de vida, esse que nos oferece a avenida Central áquelas horas, do «five o'clock tea» ou do «cocktail» complicado e exquísito.

As praias maravilhosas

As graciosas cariocas que de manhã foram a perturbação perigosa, quando na praia em bizarros «maillots» ofereceram ao abraço guloso das ondas, as suas formas esculturais, despertando a inveja de tantos braços de carne, agora são a tentação deliciosa quando passam em seus leves vestidos coando-lhes as linhas harmoniosas e ritmicas e tendo nos labios ruemigma, mas que muitos julgam ser bro de «baton» um sorriso que é um uma promessa.

E assim que o recémchegado bebe o magico filtro, de cujas virtudes gosa a fama a agua da Carioca, o celebre rio sagrado dos Tamoyos.

Encontra desde logo o turista ou o viajante ávido de curiosidade, para seu repouso, os melhores hotéis, luxuosos uns, outros só tendo em conta to-



Rua Paysandu

dos os requintes de conforto e de higiene. Dificil só lhe será a escolha, situação privilegiada proporcionando tantos e tão admiravelmente montados se lhe oferecem, alguns com uma situação privilegiada proporcionando maravilhosos panoramas sobre a ci-

dade, que deles é farta, dada a sua caprichosa topografia.

Depois, é assistir encantado, surpreendido, a todo esse imenso surto de progresso e de civilização, na rapidez com que uma cidade onde existiam os naturais erros de um urbanismo colonial, se transforma, se afor-moseia e alinda, enriquecendo-se de atavios: os seus lindos jardins e parques, de amplos lagos com factos de agua, que á noite se iluminam; as suas amplas ruas e praças de sumptuosos edificios elevando-se como uma vertigem para o ceu, como se quizessem, subindo interminavelmente, poder pela vastidão do horizonte, atingir toda a grandeza do Brasil; são as escolas, em que sobressai entre outras de elegante recorte e de cuidada edificação, a antiga Escola Normal, hoje Instituto de Educação e Ensino, obra do architecto José Cortez; são os seus suburbios, onde se encontram verdadeiras cidades dotadas de todos os estabelecimento necessarios; são os teatros e cinemas, estes sempre repletos e com magníficos programas; são os soberbos casinos: Copacabana, Atlantico, Urca, ninho de illusões, «cadafal-so de almas» como lhe chamaria um ilustre camarada nosso; são as surpreendentes praias: Ipanema, Leblon, Copacabana, Gávea, Botafogo, Flamengo, etc. onde nos é dado contemplar espectáculo sem igual; são as encantadoras, refrescantes florestas: Tijuca, Silvestre, Boavista, Cascatinha e a deliciosa cidade das hortensias—Petropolis—refugio dos que podem fugir aos rigores das canículas impiedosas; são as ilhas da baía: Paquetá, Governador e outras, hoje já grandes centros de actividade, que os seus encantos não perturbam; são os seus incomparáveis clubes desportivos; os seus estadios, os seus campo de corridas de cavalos; os seus centros sociais, como o Jockey, o Automovel Club, o Club Militar, o Club Naval e

(Ver continuação na pagina central)



Praça Marechal Floriano

Rio de Janeiro, cidade das mil seduções



O Pão d'Áçucar

(Continuação da página anterior)

tantos, tantíssimos mais, que é de bom tom frequentar; são os seus salões particulares onde se reúne a alta elegância carioca, onde o estrangeiro encontra a afabilidade e o requinte de bem receber, que o prende para sempre à linda cidade que Mem de Sá fundou.

Ao actual prefeito municipal—Interventor Federal—sr. dr. Pedro Ernesto, medico eminente, deve a capital do Brasil altos e inesquecíveis serviços.

Espirito empreendedor e tenaz, a sua obra ha de perdurar na gratidão dos cariocas, justamente ciosos dos progressos da sua enamorada cidade de luz e de cor.

As «Feiras de Amostras» anuais, que no Rio de Janeiro se realizam são formidáveis paradas de trabalho, expoentes de uma produção inteligentemente dirigida e resultante de um anseio de progresso que nada pode deter. Vale a pena visitá-las como consulta provelta ao índice de actividade do brasileiro, que sabe vibrar no mais

sincero patriotismo e cooperar com entusiasmo para o progresso da sua terra.

O Carnaval—a loucura alucinante de alegria

Mas o Rio tem o seu melhor, o seu inigualavel, o seu mais singular atractivo:—o Carnaval!

Essa é a festa mais impressionante, o espectáculo mais imprevisito pelo movimento, pela cor, pela alegria, que se pode imaginar.

O carioca é alegre e folião, por natureza; dansar é uma das suas grandes diversões; o samba é a sua mais querida distracção. E é pelo Carnaval que os criadores populares dão asas á sua inspiração rica e ingenua, criando os sambas mais extranhos, al-guns de tanta beleza que fariam inveja a certos compositores de nomeada.

Fazem-se os concursos de sambas e marchas, por iniciativa dos jornais que assim auxiliam a acção do Departamento de Turismo da Prefeitura e durante o ano ouvir-se-ão ininterruptamente esses pedaços sentimentais ou ironicos saídos da imaginação simplés dos compositores do povo.

E antes da festa grande, já desde as festas da Senhora da Penha, quando aparecem os primeiros sambas val grande disputa pelo título de vencedor e pelo prémio pecuniario que lhe é atribuido.

Ha um jury, mas o povo em geral é que julga mais acertadamente. Os Clubes Carnavalescos preparam

os blocos, ensaiando os sambas novos da sua predileção, e saem para a rua, muitos dias antes, anunciando as horas de folia atordoantes, que começam com a chegada de S. M. o Rei Momo, solememente em pomposo cortejo, feérico espectáculo de luz, e cor.

O Carnaval!



Teatro Joao Caetano

Não ha outro que se lhe compare e por isso o Departamento de Turismo da Prefeitura, a que preside o espirito empreendedor do dr. Lourival Fontes, sabe reclamá-lo, enaltece-lo, torna-lo conhecido do estrangeiro, que difficilmente encontrará espectáculo de mais singulares e sugestivos aspectos, mais atordoante.

Quem o viu uma vez, quem nele, ainda que inconscientemente, colaborou, jámais o esquecerá.

Só muito raramente se regista um conflito, só brincam os que querem brincar, mesmo poucos serão os que se não deixem contagiados por essa loucura alucinante de alegria, sendo raro o engraçado que se mete com

grupos, que ballam, ballam ininterruptamente desde a noite de sabado gordo até ao terminar da noite de terça feira.

E tão comunicativo é o requebramento, do ritmo martelado dos grupos, em que se fazem ouvir pandeiros, réco-récos, quincas, omelés, ganzás, etc., que difficil é resistir-lhe e conseguir manter o aprumo quem positivamente não seja... do «samba»...

Os cósros têm qualquer coisa de impressionante, tal o numero de automoveis enfeitados ou não, mas todos eles com lindas moças fantasiadas, alegres, sem vergonha de o serem; a animação, a quantidade de serpentinas e de «confetti» de variadas cores, num torvelinho atordoante de kaleioscopico, o entusiasmo com que se brinca, rapases e raparigas, velhos os moços, desprendidos de todos os preconceitos, esquecidos de suas situações sociais, das aperturas da vida, das suas idades...

Na Avenida Central a multidão comprime-se, grupos abaixo, grupos acima, cada qual entregue apenas á sua preocupação dominante; dar o seu tributo de entusiasmo á alegria maxima do Carnaval carioca.

Os cafés, os «bars» e as esplanadas provisórias, as cervejarias, enchem-se e não ha cerveja que farte nestes dias quentes, em que a febre de gosar a vida domina em absoluto.

Na terça-feira á noite saem os prestitos dos clubes afamados; e então o espectáculo assume o auge das suas assombrosas proporções; é ver-



Um aspecto nocturno da avenida Atlantica

dadeiramente feérico; neles se gastam muitas centenas de contos para o deslumbramento de uma só noite, para que o clube vitorioso conte mais um triunfo...

Em todos os clubes ha bailes animadíssimos em que aparecem as mais ricas fantasias.

Mas o verdadeiro carnaval carioca é na rua, vindo dos pontos mais afastados, dos suburbios, perfeitas avanchas de povo que, durante as três noites ficam pelos jardins e praças, mal dormindo porque o tempo é pouco para a ansia louca de brincar.

...e sóm-se nessa louca voragem de alegria eszufiante muitos milhares de contos, que animam industrias que alimentam o comercio, que melhoram os dias de muita gente que trabalha para o goso fantastico desses três dias de folia.

E' assim, alucinante, mas indiscutível o Carnaval carioca.

A acção do Departamento de Turismo e Portugal

O Departamento de Turismo da Prefeitura do Distrito Federal, está de ha tempos a esta parte empenhado numa acção altamente valiosa, numa propaganda inteligentemente orientada, de que já começa a colher os frutos salutareos.

Para o povo europeu, cansado já de viajar, de conhecer as coisas consagradas no emisferio de cá como os pontos atraentes para a curiosidade turistica, o Brasil oferece-lhe aspectos imprevisitos, completamente novos.

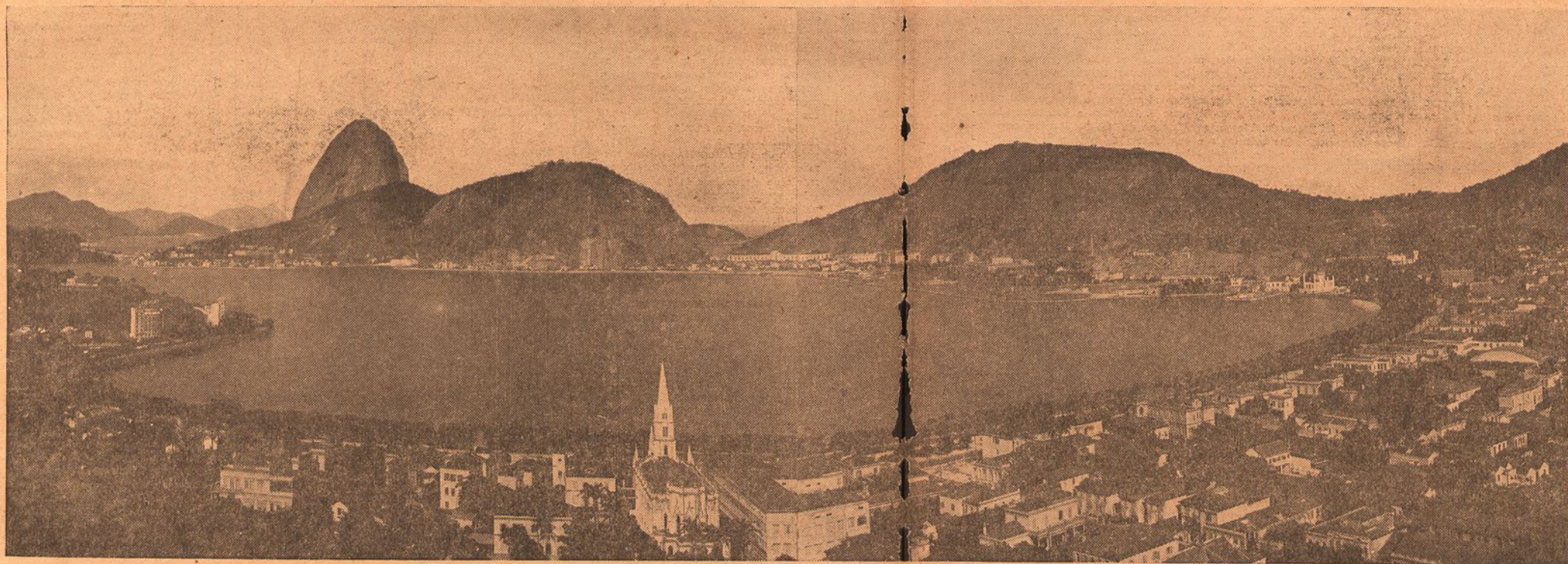
E por isso mesmo começam a realizar-se os primeiros cruzeiros turisticos para a America do Sul, tendo como ponto principal senão pelo menos de predominante atractivo as curiosas e lindas terras de Santa Cruz.

Nesse sentido tem sido notavel a acção não só do dr. Pedro Ernesto, já agora eleito com grande entusiasmo —e como justo preto de gratidão— Governador da cidade, mas tambem do muito illustre director do Departamento de Turismo da Prefeitura, sr. dr. Lourival Fontes, ambos grandes amigos—desinteressados e sinceros de Portugal—como o têm eloquentemente demonstrado em todas as boas oportunidades.

Não devemos esquecer que a participação de Portugal nas «Feiras de Amostras» se têm devido, nos dois ultimos anos principalmente, ao interesse desses illustres brasileiros e á boa vontade dos valiosos elementos que com eles estão colaborando. E de lamentar é que essa comparticipação tenha estado, apesar de tudo, longe do que deveria ser, principalmente no momento em que Portugal atravessa um periodo de grande intensidade de produção.

Nas «Feiras de Amostras», feiras de caracter internacional, onde todos os

(Ver continuação na pagina seguinte)



Um dos mais surpreendentes aspectos da maravilhosa cidade do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO

deslumbramento de luz

(Continuação da pagina central)

países têm apresentado o que de melhor produzem, é preciso que Portugal não se limite a mostrar os seus vinhos e conservas já tão conhecidos e afamados em terras de Além-Atlântico, mas muitos produtos susceptíveis da sua exportação.

E principalmente, num momento em que Portugal sofre no Brasil uma formidável concorrência de outros países que não descuram a sua propaganda, dando-lhe antes o seu devido apreço, justo é que se corresponda á boa vontade dos dirigentes das «Feiras de Amostras», onde temos sempre, graças á nossa posição especial perante o Brasil, um lugar reservado.

Exposição de turismo e de radio

Pela primeira vez, na historia das exposições, o Brasil, sob a intelligente iniciativa do dr. Lourival Fontes, leva a efeito a realização duma *Mostra de Turismo*, cujos fins, são altamente significativos.

Esta exposição, é simplesmente a «Mostra» de todos os países, suas disponibilidades turísticas, climáticas e de arte. Mostrando o que neles se cultiva e propaga, o dr. Lourival Fontes, o grande empreendedor da Propaganda e Turismo do Brasil, quis mostrar ao seu Governo e aos seus compatriotas, o alto valor que significa para um país a propaganda, qual o melhor metodo de a fazer e sobretudo a sua absoluta necessidade.

Realizando-se amanhã, 20, a inauguração deste certame original fizemos hoje uma demorada visita ao Palácio de Festas da Feira de Amostras, onde ele se realiza, para atenta e demoradamente vermos o que cada país all'levou, sobretudo Portugal, por isso nos interessar directamente.

Ao entrarmos, foi pois, a nossa primeira pergunta, onde estava instalado o «stand» de Portugal e, amavelmente, logo nos foi respondido que, por uma atenção toda especial do Director do Departamento de Propaganda e Turismo da Prefeitura, ele se encontrava no 1.º andar, ao lado do seu irmão — Brasil. O facto que nos en-

cheu de alegria e predispoz para o augurio do grande exito.

Esta distincão, sempre de resto, tem sido notoria no dr. Lourival Fontes, que a Portugal e ás coisas portuguezas tem dedicado a sua melhor atenção e cuidado, bastando lembrar que, nas duas feiras de Amostras de 1933 e 1934, sempre pugnou e lutou para uma condigna representação de Portugal, dando-lhe o melhor lugar e proporcionando com a sua boa vontade, ersejo a que a nossa representação fosse, pois, grandiosa e digna de nos orgulharmos.

Os mesmos desejos e a mesma boa vontade, o animaram agora quando delibero fazer esta Mostra de Turismo e, como a todos os Representantes Diplomaticos estrangeiros, afficou á Embaixada de Portugal, secundando depois esse pedido official, com outros particulares, para que Portugal,

uma vez mantendo uma forma de nova propaganda, cujos principios e organização, ele confessa, são os mais interessantes, como teve occasião de constatar na sua recente viagem á Europa, fizesse uma coisa grandiosa, embora simples, mostrando no Brasil, ante o cenario das outras nações, o que de belo se faz em Portugal, o que de lido nós temos, sem repizarmos no masmíssimo mostruário dos nossos monumentos.

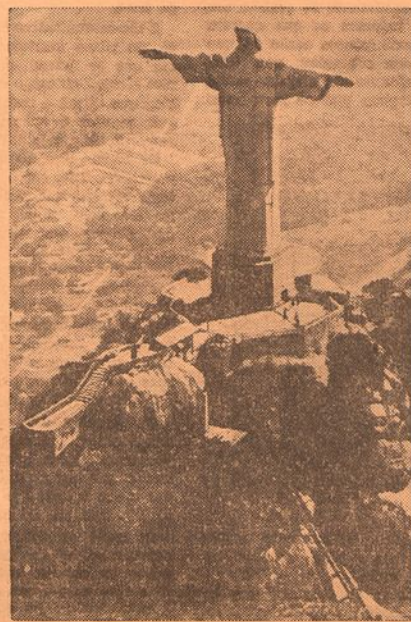
E o tempo, foi passando, Vieram as adesões de países, cujas colonias são deminutas no Brasil, países longínquos, sem quasi projecção turistica, — Bulgaria, Finlândia, Checoslováquia, Jugoslavia, Hungria, Dinamarca, Polonia, Mexico e depois, successivamente — Austria, Suíça, Holanda, Espanha, França, Inglaterra, Japão, Alemanha, Italia, Rumania, Grecia, as Republicas Sul-Americanas, Mona-

co, ao todo 33 países, enquanto Portugal, continuava a ser uma interrogação na sua muidez, bem dolorosa para todos, em especial para a Directoria de Turismo, até que, para se não perder a oportunidade, o dr. Paula Brito Junior, digno consul de Portugal, resolveu lançar mão dos poucos elementos existentes em seu poder no consulado e ofereceu-os. Alguns particulares, secundaram o esforço, dos quais, justo é destacar a Sociedade Lusoafricana do Rio de Janeiro, com documentario de nossas provincias ultramarinas e José Castello Branco que á sua custa mandou vir de Portugal á pressa diverso material. Estava salva a nossa representação. Mas como? Vimos hoje, embora ainda não completa e totalmente em seu lugar e confesso, que senti pena da inferiori-

(Ver continuação na pagina seguinte)



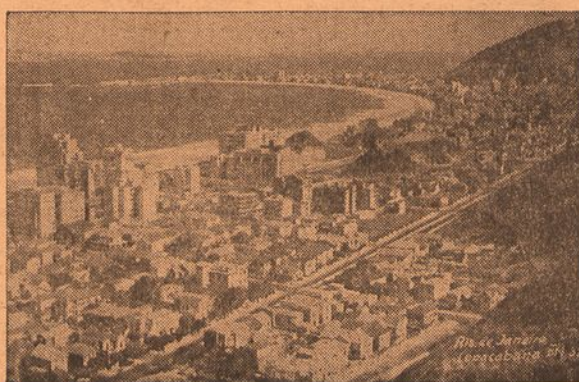
Um aspecto da Avenida Rio Branco



Monumento ao Cristo Redentor, no Corcovado



Um aspecto da Praia de Copacabana



Copacabana e os seus arrogantes arranha-céus

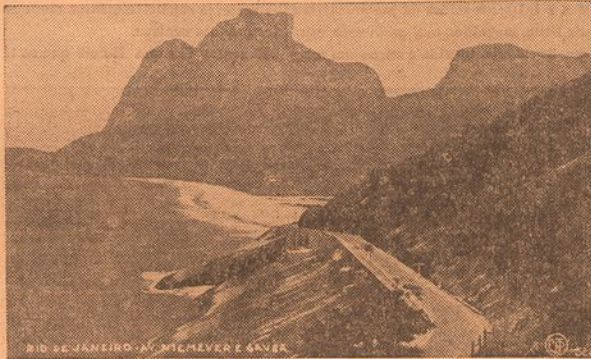
RIO DE JANEIRO

onde o ceu é igual ao de Portugal

(Continua da pagina anterior)

dade com que vamos mostrar o que eramos, ha já anos. Dois ou três cartazes artisticos e modernos, algumas vistas tambem novas, pequenos postais, vistas recortadas de revistas e prospectos e eis tudo. De grandioso nada. De simples, o exagero, tocando as raizas da pobreza que bem pode ser interpretado, pelo desprezo. Os visto-

preendimento, encontra-se o representante das Olimpíadas de 1936, no Brasil e o addido comercial. A Italia, mostra-nos a obra do Duce, lindas projecções sobre a sua melhor obra — os navios dos seus cruzeiros transoceanicos — a sua industria, as suas estancias de Turismo, a sua arte, enfim, apresentada sobre novos aspectos. A Inglaterra, apresenta-nos até lindos cartazes de humoristica propaganda, indicadores das diversões de



Avenida Niemeyer e Gavea

dos cartazes da C. P. que hoje se fazem tão artisticamente em Portugal, como o sabemos, os grandes albums editados pelo Secretariado Nacional de Propaganda, as edições do Conselho Nacional de Turismo, as obras do Estado Novo, tudo enfim, que hoje já se faz e bem em Portugal, nada, — uma ausencia absoluta a dar-nos a impressão de que tudo é uma lenda.

Vimos depois os outros stands. Verdadeiras maravilhas, alguns deles. Japã, que não quiz ficar ao lado da

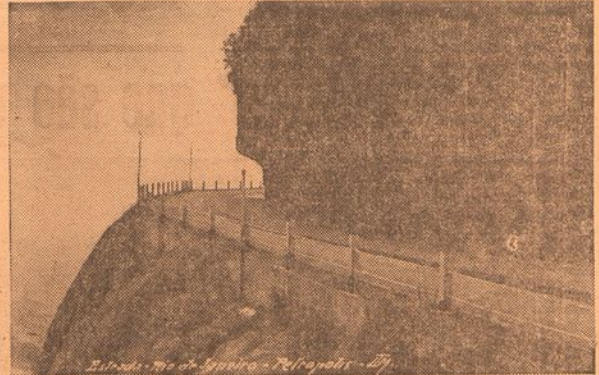
Londres, diagramas de sport, etc., a par dos cartazes anunciadores dos variados cruzeiros através de todo o mundo, até da Australia e as suas características vistas da Escola e Welles. Rumania, com uma discreta mas artistica apresentação, mostrando-nos num aparelho original, vistas successivas que um enrolador electrico nos vai mostrando, sob focos de luz, idealização do ministro no Brasil e feito até a sua espensas. Successivamente admiramos: Mexico, na sua arte tão



Um aspecto do Jockey Club

Inglaterra — nem nas exposições — apresenta-se caracteristicamente em soberbos cartazes e vistas e só de postais, enviou especialmente 25.000. Alemanha — que tambem não quiz ficar ao lado da França — ocupando talvez a maior area da exposição, mostramos em largos detalhes tudo o que de bom ha em seu país, com espantosas fotografias e projecções, a Feira de Leipzig, as Olimpíadas de 1936 e até a miniatura dum nova estrada de ferro electrica. A' frente deste em-

caracteristica, a lendaria Checoeslováquia e Jugoslavia, a misteriosa Finlandia, branca como as suas neves e o seu pretense «Springtime», o paraíso delicioso da Dinamarca, a branca Suíça, a grandiosa e luxuosa França, mas sobretudo, onde mais a nossa atenção se prende, é na formidável apresentação da Espanha, cuja organização desconheciamos, nos seus lindos cartazes, na optima propaganda das suas cidades, dos seus monumentos, do seu clima, de tudo enfim, com



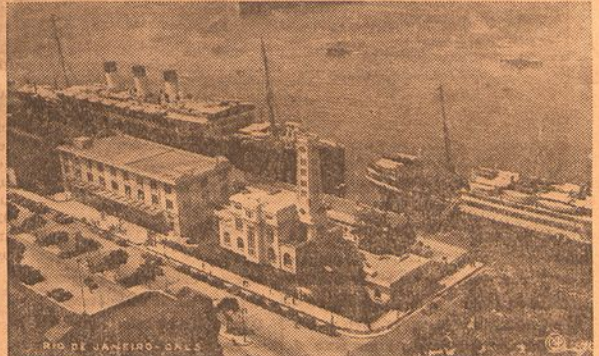
Estrada Rio-Petropolis — Uma admiravel estrada de turismo

lindos dizeres, em francês, inglês, como seria interessante, para nós e para brasileiros, senão mesmo atrevidos (acto de inauguração, em vez da voz alemã des Goebbels, a voz portuguezissima de Salazar ou do general Carmona.

Desoladamente, voltamos ao stand de Portugal e ante aquela mesma vista dos Estorils e Sintra que conhecemos ha 10 anos, a mesma figura de

como seria interessante, para nós e para brasileiros, senão mesmo atrevidos (acto de inauguração, em vez da voz alemã des Goebbels, a voz portuguezissima de Salazar ou do general Carmona.

Cá fora, o sol radioso da manhã, ria nas aguas da Guanabara. Era tempo. Despedimo-nos agradecidos



O cais de desembarque, onde atracam os maiores transatlanticos do mundo

Pastor da Serra da Estrela e de varios costumes de Portugal, um misto de magua, nos invadiu.

E, enquanto saíamos, sentidos por este tão pouco cuidado com que são tratadas as coisas de Portugal no Brasil, sobretudo, quando encontramos acolhimento, como o que é peculiar no dr. Lourival Fontes, pensamos,

pelas informações ao «Diário de Lisboa», com as desculpas pelo tempo tomado, pois ainda falta fazer muito, para tudo estar pronto amanhã. E' que a azafama é grande e, reparámos que ela é cuidadosamente vencida pela presença dos directamente interessados.

CRUZ FERREIRA



Santa Tereza e Gloria

O BRASIL E A SUA INDUSTRIA HOTELEIRA

Os grandes hotéis do Rio de Janeiro

"Palaces" que são verdadeiros "Palaces"



O Hotel Palace da Avenida Rio Branco

São dos melhores os grandes hotéis Gloria, em cujo cimo se ergue a capela do Rio de Janeiro e, dentre estes, os da Companhia dos Grandes Hotéis correspondem perfeitamente ao grau de progresso da famosa capital.



O magnifico edificio do Copacabana Palace

Pela sua esplendida situação, quer o Palace da Avenida Rio Branco, quer o Copacabana, como ainda o majestoso Gloria, sobranceiro á encantadora praia do Russel, na encosta do lindo morro da

no bairro mais pitoresco e elegante. Luxuosos e confortaveis, possuem em absoluto todos os requisitos indispensaveis, satisfazendo cabalmente as mais requintadas exigencias.

Tem o Copacabana capacidade para 360 hospedes, possuindo 250 quartos com casas de banho privativas, varios apartamentos com sala e banheiro, vastos e luxuosos salões de jantar, visita e de baile, magnifico hall, grill-room, campo de tennis, piscina e anexo um mag-

Servidos por um pessoal superiormente dirigido por tecnicos especializados no estrangeiro, os hotéis desta importante Companhia emparelham com os maiores estabelecimentos modelares dos grandes centros.

E' nestes Grandes Hotéis que se têm



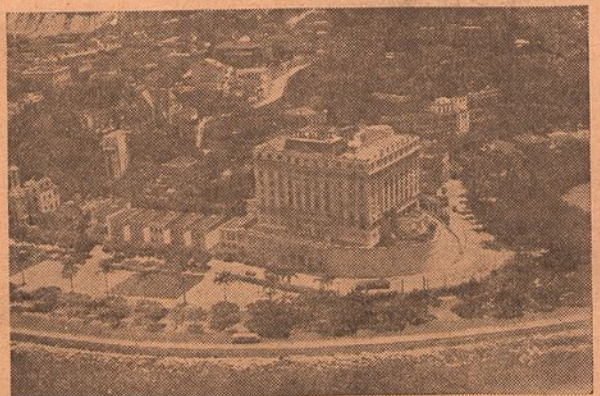
Praia de Copacabana

nifico e sumptuoso casino com teatro. Fica em frente á esplendida praia, o que permite aos seus hospedes a vantagem dos banhos de mar, que são uma das maiores seduções cariocas.

O Gloria possui tambem 250 quartos luxucosamente mobilados com todo o

hospedado as grandes individualidades mundiais que têm visitado o Brasil, sendo eles os preferidos pela grande soma de requisitos que oferecem.

O Palace, da Avenida Rio Branco, possui ligado ao Grill-room um amplo salão de exposições, por onde têm pas-



Hotel Gloria (colocado em admiravel ponto de vista)

conforto moderno, telefones, etc. Possui, tambem, magnificos salões tambem.

O Palace possui 180 quartos com o mesmo conforto dos dois outros modelares estabelecimentos da mesma Companhia, e tem um anexo com 60 quartos,

sado artistas consagrados e grandes salões de festas, assim como o Gloria, residencia natural de diplomatas e altos funcionarios. Neste hotel estiveram hospedadas as encantadoras concorrentes ao prémio de beleza que all se disputou ha anos.

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA—Telefone 20271

FIGURAS DE ONTEM E RECORDAÇÕES DE HOJE

UMA GRANDE POETISA

Quem era Maria Cunha, a mais extraordinária
revelação lírica da moderna literatura

Dois sonetos, que julgamos inéditos, devidos a uma das mais notáveis das poetisas do nosso tempo, D. Maria da Cunha, vamos hoje desenterrar do escriptorio em que guardamos algumas saudosas recordações do passado.

Apesar dos pareceres autorizados do conde de Monsaraz, que declarou que «o livro de versos *Trindades* é revelação de um notabilíssimo talento» e do sr. dr. Julio Dantas que afirmou: «não ha duvida alguma: podem e devem ser publicadas (as poesias que constituem o referido livro), porque são reveladoras de um talento poético de primeira ordem. Tudo ha nelas: simplicidade, espontaneidade, sentimento musical e plástico do verso, tecnica perfeita, conhecimento da lingua, movimento, côr,—e, muitas vezes, imprevisto», quem se lembra hoje da poetisa Maria da Cunha, quem lê hoje o seu belo livro *Trindades*?

Maria da Cunha Zorro, filha de uma senhora brasileira e de Francisco Zorro, espanhol, nasceu em Lisboa, segundo crêmos em 1873.

Fez os seus estudos no Convento das Salesas, onde manifestou, desde logo, o seu brilhante talento e a sua applicação aos estudos, alcançando sempre os primeiros premios em todas as disciplinas.

Depois, as vicissitudes da vida obrigaram-na a angariar os meios de subsistencia utilizando os vastos conhecimentos adquiridos dando lições em respeitáveis casas particulares.

Em 1909, editado pela Livraria Guimarães & C., appareceu o seu livro de versos *Trindades*, recebido com os maiores elogios dos criticos, entre eles Schwalbach, Albino Forjaz de Sampaio, Malheiro Dias, José Antonio de Freitas, Silvio de Almeida, José Verissimo, etc.

No «Diário de Noticias», publicado na occasião, lia-se: «É um livro, que vai ser uma revelação, e surpresa gratissima para muita gente. Revelação, porque a autora, até agora quasi desconhecida, vem de subito occupar incontestavel e evidente lugar nas letras portuguezas; surpresa, porque é rarissimo que um livro de mulher apresente assim a melhor cultura litteraria, exhibindo-se modelar, sob o ponto de vista da arte e da lingua portugueza».

Em 1911 publicou-se nova edição, acrescentada e com um juizo critico do dr. Silvio de Almeida.

Esta «nova edição» era exactamente a primeira, com a substituição do frontespicio e o acrescentamento de um caderno de novas composições. Manifestava-se assim o «grande successo» que tivera, então, este tão lindo livro. O proprio editor, entretantado em outubro de 1917, por um «reporter» do jornal «O Mundo», contou-lhe uma nota triste relativa a este volume: «Foi ha oito... ha nove anos. Nas livrarias surgiu inesperadamente um livro de versos que era a revelação de um dos mais fortes e belos

Já começou o inverno; a tarde está cinzenta,
E, das bandas do Tejo, avança a cerração;
Enche-me de tristeza, e frio, e indecisão
A casa de D. Nuno, austera e macilenta.

Pelos arcos escorre a chuva triste e lenta,
Como descendo a medo, até cair no chão:
E' o mosteiro que chora, abandonado anção,
Pelo tempo esquecido em meio da tormenta.

Passou out'ora aqui a fé, a santidade,
Almas cheias de paz e de felicidade,
Almas cheias de ardor e de melancolia...

...A imaginação vai seguindo um triste rumo:
Tudo se fica em pó, tudo se esvai em fumo!
Tanto lutamos, tanto! E a vida dura um dia.

O nevoeiro cresceu envolvendo a cidade
Num manto pardacento: Eu continuo só:
Meus olhos cuidam ver, á baça claridade,
Um monge carmelita a resurgir do pó.

Outro... mais outro ainda... animam-me as ruínas:
Em profundo silencio, através das ogivas,
Eles passam talvez para rezar matinas
Co'a sombra do capuz nas faces pensativas.

Lá vai, humilde frade, o grande Condestavel!
Não mais ha de brandir a espada formidavel!
Nos combates, não mais ele ha de erguer a voz!...

Sombras que deslissais numa brancura d'astro,
Não podeis entender-me, ó vultos de alabastro:
Cinco seculos vão passados sobre vós!

MARIA DA CUNHA

O Dia de Cervantes



Miguel de Cervantes Saavedra, «el glorioso manco» que escreveu «Las aventuras del ingenioso caballero Don Quijote de La Mancha y de su escudero Sancho Panza», foi recordado pelos seus compatriotas e pelos hispanistas da America do Sul, no passado dia 23 de abril, o Dia de Cervantes, que coincide com o Dia de Shakespeare em Inglaterra. Na Alemanha

tambem o Dia de Goethe é festejado, e com comemorações litterarias que seriam de desejar para o Dia de Camões, uma data nacional que passa despercebida entre as costumadas festividades populares.

temperamentos de artista que a geração moderna de literatura portugueza marcava. Chamava-se *Trindades* e assinava-o um nome desconhecido, até então Maria da Cunha. A critica reclamou-o, os literatos apregoaram-lhe a beleza e as maravilhas. No entanto, o publico retraiu-se e as *Trindades* venderam-se mal. Maria da Cunha emigrava para o Brasil—cansada e desiludida—e, pouco tempo depois numa tarde talvez triste, como a de hoje, veio a morrer em São Paulo. Pois bem, logo que começou a correr a noticia da sua morte, as *Trindades* tiveram uma procura na livraria Guimarães, onde se haviam editado, como «raramente succede. Em poucos dias não havia um exemplar, nem mesmo o que aquele casa desejava reservar para si e que fôra disputado por bom preço! Entretanto, lá, a milhas de distancia, como o misterio do cu e do mar de permoio, dormia para sempre um coração que tantas vezes se arrastou de lagrimas ao evocar a ingratição da sua terra».

Efectivamente, Maria da Cunha, em fins de 1912 transportara-se ao Rio de Janeiro, a «Cidade das Flores», como lhe chamou num inspirado soneto datado de um 1 de Outubro daquelle anno.

All foi redactora do jornal a «Epoca», onde publicou numerosas cronicas em prosa entre ellas «O calendario aqui e alem Atlantico» e algumas poesias como «A Fladeira» e «Salomé».

Tambem realizou conferencias na capital carioca, em S. Paulo, em Ribeirão Preto, em Campinas e noutros lugares.

Entre ellas citaremos as que têm por titulo: «A canção na musica e na litteratura da Europa», «Como cantam os velhos povos da Europa sentados á sombra das lendas» e «A Italia artistica».

Escreveu uma pequena peça para um beneficio da distinta actriz Adéllina Abranches, então em S. Paulo.

Faleceu, repentinamente, nesta ultima cidade a 10 de janeiro de 1917.

Deixou inédito um volume de versos *O livro da noite*, cujo prefacio em alexandrino foi divulgado no Brasil e, entre outras composições, tambem inéditas, um «levar de rideau», intitulado «Idílio», cujo manuscrito original nos pertence.

Publicou em 1910, as seguintes traductões: «A menina catolica na familia e na sociedade», de M. de las Dolores del Pozo e «Guia mundana das meninas casadoiras» (sob o pseudonimo de Marieta Trindade).

Findamos estas notas, em que vemos recordar uma notavel poetisa portugueza, que merece bem ser lembrada com estas justas palavras de Candido de Figueiredo, extratadas de um artigo em que reletou o seu desaparecimento deste mundo: «Não morrerá, porém, o seu nome, que, por honra de nós todos, deverá ficar «inculcado ás mais perduraveis paginas da nossa litteratura de hoje».

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

Materia ou espirito?

POR JOAQUIM MANSO

Se o homem fosse paz e equilibrio permanente, um ponto neutro entre o tempo e a eternidade, uma quietude perene sem duvidas nem turbacões, a historia não existiria nem tão pouco a ciencia, a litteratura e a arte. As criaturas, desde que fossem tão felizes que vissem na sua felicidade um bem completo, aispensa-las de vigillias, pensamentos, emoções e acções penosas, teriam a sorte dos lirios que expiram embevecidos na candura immaculada da sua beleza.

A riqueza e a fortuna, por isso que asseguraram um bem estar abundante, collocam as classes que das beneficiam na situação da bola de neve que se vai derretendo á medida que o sol a aquece e illumina. As aristocracias gastam-se com o prazer e com a economia dos esforços, visto que os seus antepassados lhes grangearam a situação de que vão extraindo simultaneamente gosos e guzanos.

A imobilidade no bem parece-se muito com a dos insectos que, depois de instalados na tela ou no casulo que construíram, não resistem á ventura e morrem de inanición. O biblico Adão, apenas condenado ao notrimiento, ao trabalho e á morte, deve ter dito consigo:

—O castigo obriga-me a caminhar e a reflectir.

E assim se começou a formar o *faber* construtor de cidades, de cosmogonias e de aparelhos destinados a multiplicar a sua força e a revelar o seu engenho. A civilização nasceu como uma obra de fé nos destinos obscuros dum camalheiro inquieto que, por cada passo que dava, tinha de resolver os problemas urgentes que a natureza hostil lhe propunha.

A coragem e a paciencia temperaram-lhe o animo para as longas jornadas á beira do abismo.

O scepticismo não lhe quebrantou nem a curiosidade nem a confiança.

A dor não o conduziu ao suicidio.

Porquê?

Adão, com o machado de silez e a toisca faca do mato, velava pela sua segurança e pela da humanidade nascente, convencido da importancia biologica dos seus gestos e actos. Não se interrogava como Budha para averiguar da inutilidade e da instabilidade das grandezas terrestres; a subtil metafisica não entrava no horizonte limitado das suas preocupações.

No entanto, ele comprehendia que a guerra dos elementos, ao misterio asoberbante da selva correspondia, nas suas entranhas, a procela das contradicções e a luta dos desejos.

Enquanto permanecera fiel aos preceitos divinos, o seu ser era unido, liso e contente. A desobediencia suscitou-lhe a anarquia interior, o combate das hostes invisiveis

Como asserená-la?

Altas horas da noite, recolhido na caverna para comer e dormir, acordava no sobresalto das vozes que a bravia tempestade, bramindo na enorme solidão, punha a falar na sua propria alma: escutava distintamente palavras proferidas por labios que não via. Ergula-se e, ao revolver na rude lareira os carvões amortecidos, meditava:

—Quem é que me segue por toda a parte descobrindo sempre o meu paradeiro?

Por que singular prodigio, affluem ao meu seio as cinzas dispersas dos meus antigos erros?

Quem vela no meu sonho e me impede o repouso de que tanto careço?

De repente, lembrava-se do passado: na curva esbatida das distancias, surgia a visão nitida da mansão onde fóra plenamente feliz, não querendo mais do que tinha nem tendo mais que o appetecido e agradecido no canticto da sua innocencia.

Que duras provações—agora!
Numa illuminação inesperada e rapida que o vestia de luz, lembrava-se de que não estava só, mas que uma presença o assistia e fortalecia, ajudando-o e amparando-o.

—Sois vós, meu Deus e meu Pai, que vindes da imensidade trazer-me á esperanca; sem a qual a minha vida seria mediaría sepultada no pó e no olvido!

O drama de Adão revive em todos nós: o seu barro, a sua dor, o seu peccado, o seu gosto pelas perigosas aventuras, as suas pugnas e do desconhecido, as suas experiencias e as suas invenções estão incorporadas no nosso patrimonio. Cabe-lhe a gloria de haver feito a seguinte conquista— a da consciencia como gula que, por cada instante do nosso transitio, nos liga o espirito e a materia, Deus e o homem, o tempo e a eternidade.

Como se elevou a tão alto conhecimento?

Desbastando a pedra bruta, vendo o mundo dos seus sonhos e apurando neles o desenho das suas criações, tateando na treva e sentindo-a no indelucido vulto das suas miragens, reagindo contra a paixão e favorecendo a elevação estelar do instinto profetico. Adão foi o primeiro e unico homem: nós somos nele e de em nós. Quando a inspiração nos toma e vai murmurando baixinho: «Levanta-te, caminha de olhos fechados e encontrarás um reino no mapa das maravilhas!»—é ele que nos pega do braço e nos conduz ao pais que descobriu, numa aurora prehistorica.

Com a sua rebeldia, aseoprada por Satan na fragilidade imaginosa e milmosa da mulher, dividiu a sua geração em alma e corpo, dando origem ao conflito por excellencia, que a consciencia, situada entre os dois, converteu na mais historica e lancinante das batalhas. O nosso proto-parente ainda hoje figura como seu capitão. Nós, naturalmente, arremetiamonos como soldados. Hegel que consagrou alguns anos da sua mocidade ao estudo da «consciencia malheureuse», constatou que nós somos dois personagens mal armados e não um só—talqualmente os lares onde o amor não consegue unir os esposos que disputam a toda a hora, molestando-se e irritando-se.

Cervantes chamou a um D. Quixote e ao outro Sancho Pansa. «Lame et la bête», segundo Xavier de Maistre.

Os discipulos de Freud dissolvem a dualidade na pluralidade dos interlocutores, afirmando que nós somos tantos quantas as sensações.

Em que ficamos, pois? O homem é um ou multiplo?

A consciencia assiste a um debate em que não intervem ou permite-se a liberdade de o dirigir e liquidar?

O assumto constitue o tema capital das locubrações humanas. As biografias dos varões illustres desenvolvem-se como respostas a estes quesitos. As religioes e as filosofias não ardem noutra sarga nem se arrebatam noutra Sinal. A contemplação do firmamento reflecte-se em nós, entra em nós, provoca em nós incendios maiores que quantos devastaram as primitivas espessuras. O sol mira-se numa gota de agua, mas o universo, perante a razão que medita, entra nas nossas interrogações.

Porque é que a imensidade cabe num grão de trigo, as estrelas num crista e a musica das esferas num relampago?

Adão tinha adiante de si muitos enigmas a decifrar, sendo o mais importante este:

—Quando é que eu sou mais senhor de mim? No pensamento que me liberta ou na materia que me subjuga?

Contemporizar, tornar a dificuldade, alimentar-se de poeticas illusões ou desanimar, invocando as potestades concebidas no delirio, eis o que repugnava á sua inflamada tortura. Em seus dois filhos, Caím e Abel, ele reconheceu que, no ventre de Eva, a vida se ritmava em direcções diferentes.

—Porque do mesmo sangue me ao crime e a virtude? Porque do mesmo

beijo brota e bem e o mal? Acaso o amor que enlaça os affectos é como o punhal que se enfaça nos ambicões, cavando entre irmãos torrentes de odio?

Pequel, revólte-me, viole o estatuto em que fora concebido...

Donde imana a sanha feroz que fez de Bellial um condenado e de mim um vagabundo?

A arvore cujo fruto me corrompeu incoporou-se em mim, agitando-me, faticando-me, pulverizando-me em nuvens de pó.

O drama inicial—o unico que nos interessa e nos domina, pois todo o rio corre da sua fonte—transparece nas paginas do «Genesis», na pureza original da angustia que o percorre. Platão indaga:

—Quando é que o homem se repartiu, erguendo-se contra si mesmo?

Se lêsse a historia da Adão, era possível que exclamasse:

—A dor desabrochou como a semente que se multiplica em milhões e milhões de criaturas!

Quem a não provcou?

Apareceu já á face da terra principio ou subditto que escapasse á sua algida?

A volúpia, a soberba, a violencia, a duvida, a riqueza e o talento andam ao seu mando. A *ataraxia* dos estoicos nada ouso para dela nos resgatar.

Encontra-se dentro de nós, como o centro na circumferencia.

Se damos satisfação á materia, o espirito revela-se, recusando-se a tolerar tamanha humilhação. Quando sacrificamos aquela a este, o conflito estala e rugue com a inconculta bravura dos assaltos nas encruzilhadas.

A norma espartana da «alma só no corpo só», mesmo que fosse possível realizá-la, breve se mostraria insufficiente, visto que a *euphoria*, á semelhança dos licores appetitosos, acabava por perder o sabor. A dor seria mero joguete, se consentisse em desaparecer, desde que atacada pela hygiene e pela pedagogia dos gymnasios. A sua essencia não cede a tratamentos tão superficiaes, coñecendo-se em estratos milenares—religiosos e metafisicos. E acrece ainda o seguinte: «a alma só no corpo só» é incompativel com o progresso humano para quem a felicidade não existe, a não ser na proporção em que a dolorida curiosidade investiga e interroga.

Socrates que se reputava mestre na «sabedoria», crendo, que com o seu auxilio havia de pacificar Athenas, removendo a idolatria e a injusticia—ele o perfeito sabio e o modelar cidadão—pagou caro o culto da verdade a que se votara.

Mas se a dor não pertence ao numero das molestias que se curam, devemos abandonar-nos a ella como os condenados ao patibulo?

Precisamente aqui é que nós temos de decidir: materia ou espirito? paganismo ou misticismo? Nietzsche sustentava que o super-homem possuía a capacidade de se superar, não se demorando numa conquista senão as horas bastantes para empreender outra. O orculo de Zarathustra, oposto á humildade cristá, respandecia inacessivel á multidão, á qual desdenhava e desprezava.

Que destino attribua a esta?

O de vegetar na insignificancia completa. O filosofo não contava com os humilides: o genio era tudo e, ao lado dele, apagavam-se até as lampadas do santuario. A que se reduzia, então, a humanidade? A meia cruz de aquiescencia de Zarathustra, mas a multa alta-za Zarathustra, que se educara como solitario, pereceu na gelido indiferencia. O seu heroismo deslumbrou, elevou-se no espaço e sumiu-se no rago dos meteoros.

Desde que nós não quieramos meditar inertes na Torre de Marfim—o que traduz egoismo e abdicção—importa que nos colloquemos entre as gentes e não entre as larvas. Ou resistimos á dor, sobrepondo-lhe a ideal de perfeição e sacrificio ou nos

submetemos a ella, deixando-nos arrastar pelo pendulo fatal das tentações.

Não ha outra saída: o espirito sobre a materia ou a derrota.

A nossa existencia não se produz casualmente, no seio do efemero: palpita na sua modestia lampejos eternos que explicam a nossa grandeza e a nossa miseria. O milagre nos trouxe, o milagre nos conserva e o milagre nos encaminha. Num universo que não teve principio, a não ser em Deus, poder limitado e omnipotente, o milagre é o facto organico e insubstituivel.

Quando nós nos propomos recolher na nossa consciencia quanto se vislumbra, em cada momento que nela se inscreve, a eternidade roça-nos.

O tempo deixa de ser uma cadeira ou uma balsa: abre-nos as portas do infinito.

Adão, caso não sentisse isto mesmo, cairia no mais amargo pessimismo, alumiando-se ou suicidando-se. A sua estranha aventura de povoador de solidões e de inventor de maravilhas não terminou em zero, porque a fé o alumia e fortalecia. Se os seus alentos não se nutrissem de esperanças positivas o corpo talhar-lhe-ia o sepulchro. Nas desgraças, aprendeu o rumo de ventura. Legou, portanto, aos seus descendentes comanca nesta certeza—a dor é a mensageira do espirito.

Se assim não fosse, a materia teria galgado os santos e os profetas, entregando as cidades ás fatalidades tenebrosas. Adão soube escolher e escolhendo marcou o exito á acção e á inspiração. Na vasta, vastissima série de experiencias humanas a sua ficção tem sido posta á prova. Este diz: «A vida é uma interminavel successão de formas que se desfazem em fumo, não havendo substancia que as suporte.

Aquele contradiz: «A vida é uma substancia fundamental que aniquila os accidentes e os momentos.

Adão, que rasgou as perspectivas que do homem vão ter a Deus, no minuto critico e decisivo em que era necessario ser ou não ser, esclareceu o problema.

—A vida é uma promessa divina que se mantem e um suplicio em que o amor se sublima.

30-IV-1935.

JOAQUIM MANSO

REAL COMPANHIA VINICOLA

DO NORTE DE PORTUGAL

(Perneedera da Presidencia da Republica)

Filial de Lisboa

Rua do Alecrim, 119 Telefona 2 2554

Os nossos vinhos do Porto, REAL PORT, são finissimos vinhos do Alto Douro, severamente seleccionados nas ompas e depois esmeradamente tratados, envelhecidos e engarrafados nos nossos vastos armazens de Vila Nova de Gaia, os maiores da Peninsula Iberica.

Vinhos genuinos e velhos
E' um prazer bebê-los
E' uma honra oferecê-los

PEÇAM A NOSSA TABELA DE PREÇOS CORRENTES

Quer a sorte granhe?
Inscriba-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Notas em circulação



Napoleão e os escritores... Parece que o tremendo gênio da guerra não consegue restaurar o seu abalado prestígio como protector esclarecido das artes e das letras. Pelo menos, no opinião do sr. John Char-

pentier, não ha maneira de, sob esse aspecto, lhe dar fama igual é de profundo tactico e estrategico, que para todo o sempre conquistou. O sr. John Charpentier exagera um pouco, talvez, Napoleão não soube fazer desabrochar talentos. Mas quem se poderá gabar de feito tão prodigioso? Ninguém. Mas a sua boa vontade era evidente, mesmo quando mandava dizer ao perfeito da policia: «As copias cantadas ontem à noite no «vaudeville» eram de uma chateza deploravel. Previna o ministerio do Interior para que providencie!» Amava a grandeza e em tudo a queria. O pior é que, depois da grande Revolução, o seu sistema de governo não seria porventura o melhor para criar ambiente favoravel à eclosão de obras notaveis e imperciveis. Digamos como Jean Jacques Rousseau: «O verdadeiro seculo literario de Napoleão é já Chateaubriand que o compara a Cyro e a Nero; de Maistre que o faz entrar no reino da cohera de Deus e das profecias, Béranger, o desertor, que clama a sua legenda tricolor pelas esquinas. Mas é sobretudo Balzac, Hugo, Vigny, Musset, sem falar nos estatuarios, nos pintores, nos musicos, que receberam nos tristes liceus militarizados o fremito da epopeia». Isto é:—o seculo literario de Napoleão foi o seculo XIX. Está certo.



Não deixará de ser interessante lembrar, neste dia 3 de maio consagrado ao Brasil, a historia da letra do hino brasileiro, como se sabe da autoria de Osorio Duque Estrada. Vem cantada em um dos ultimos numeros do importante diario do Rio de Janeiro, «Correio da Manhã», num dos seus ultimos numeros chegado a Lisboa. É uma historia longa e curiosa, a que o sr. Pereira Lessa, do Instituto Historico de Ouro Preto, conta pormenorizadamente, assim como a da musica do hino. Recorremos apenas estes paragrafos, em que aparece, com o devido louvor, o nome dum dos escritores brasileiros mais queridos e admirados em Portugal, Coelho Neto. Na Camara dos Deputados, o romancista genial, que sempre se batiera para que a musica de Nepomuceno tivesse letra digna do civismo que a inspirara, insistia no seu proposito. E tendo já aparecido os versos de Osorio Duque Estrada, desejava que estes fossem oficialmente adoptados. Diz o sr. Pereira Lessa:

«O Congresso nada resolvia sobre a letra, então Coelho Neto, cuja fibra de batalhador nunca esmoreceu, salvo quando a molestia o prendeu ao leito para mata-lo, ao ser discutido o Orçamento do Interior entendeu bem que já sendo cantada a letra de Osorio pelos alunos das escolas civis e militares, e pela tropa de terra e mar, devia ser esta letra oficializada prescindindo-se de concurso e apresentou uma emenda, concedendo-se o premio de cinco contos de réis ao illustre academico e poeta carioca.
A Camara ainda resistiu e Verissimo de Melo, opinou que se desdobrasse essa emenda em duas partes: uma mandando se abrisse o concurso para a letra do Hino e outra dando-se a quantia de cinco contos de réis, co-

A ultima «blague» de José Pacheco Um clube sem socios...



JOSÉ PACHECO

Quando da publicação da revista «Solução Editora», inventada a uma mesa de café, com a pomposa legenda «revista unica no genero em todo o mundo» e revista para a publicação de separatas para a formação de livros, que veio a dirigir José Pacheco, o «arquitecto pela graça de Deus», secretário por quem estas linhas escreve, e inspirada e financiada por Mario Saa, espirito mais curioso que sonho no campo da investigação—já não falando na «élite» dos colaboradores como: Fernando Pessoa, Antonio Botto, dr. Raul Leal, o místico e sabio, etc., ficára estabelecido que a «solução» seria uma derivante da celebre e hoje valiosa «Contemporanea», muito embora se preparasse um numero monstro, dedicado à exposição de Sevilha.

Ora dá-se o caso, que o Martinho da Arcada, onde pontifica ainda a grande intelligencia do poeta Fernando Pessoa, era então o poizo dos da «solução»—uns, vindos da «Contemporanea», outros nascidos da propria «solução», todas as tardes all reuniamos, em amena discussão artistica, ouvindo religiosamente canções de Antonio Botto, de Luiz Montalvor, de Carlos Queiroz, de Raul Leal e aporiar-se ou não, os projectos do grande José Pacheco, que a serem resolvidos, torna-lo-iam o ser mais famoso de todo o mundo.

Quimeras, ilusões, fantasias... Certo dia ainda a tertulia não chegara, o irrequieto espirito de José Pacheco—o «ex-passageiro de 1.ª classe a bordo do «Massilia», entre o saborear duma chavena de café e das baburadas dum irreparavel «Antonino», sinal que os cambios estavam baixos, porque quando estavam altos, eram marcas exultantes de preferencia egypcias e porque assim o exigiam os faustosos e culminantes projectos, que na sua cultissima intelligencia fervilhavam sempre dentro duma alegria communicativa, deliberou escrever os

estatutos do Imperial-Bolchevick-Club-Real-Republicano—para que não dissessem tambem que não pensava na politica.

Escreveu-os e sem me dizer para quem—talvez para a «Solução», entregou-os.

Deu-se o caso por fantastica casualidade os fosse encontrar dentro dum n.º 2, da «Solução», e como, «solução», aqui as transcrevo do original que guardo com infinito carinho, escrito a lapis.

E dando a cophecé-las, presto tambem uma sincera homenagem, a quem por direito proprio, conquistou uma admirração querida de todos com quem conviveu.

ALBINO LAPA

«Eis os Estatutos do: Imperial-Bolchevick-Club-Real-Republicano ou Republicano-Real-Club-Bolchevick-Imperial.

Este Club pode sé-lo ou deixar de o ser.

Quer seja quer não, deverá ser assim: ou assado desde que não haja a mais leve queimadura.

Pode haver qualquer queimadura, mesmo a mais pesada que seja assado do assim.

Sendo assado não poderá ser assim.

Desde que se resolva ser assim não haverá queimadura, seja ou leve ou pesada, atendendo a que não sendo assado não pode sé-lo.

Não haverá selo.

Sendo obrigado a haver não ha dinheiro que o pague.

No caso de haver crtas estas não serão pagas por questões de principios com bom fim.

Estes fins são infinktos até ao seu completo acabamento, que pode ser incompleto.

Tudo pode e deve ser assim, ou ao contrario, segundo a boca ou má vontade de cada um.

Cada um é como cada qual, e assim sucessivamente até amanha, se Deus quizer.

Os conflitos pessoais são absolutamente prohibidos ou absolutamente entre consentidos, segundo a deliberação por unanimidade ou individual.

Para Laver conflito pessoal ou dos outros é indispensavel consultar a totalidade dos socios ou apenas a consciencia do autor do conflito, mas só em caso de conflito, de necessidade deste ou apenas da sua lembrança.

O conflito tambem pode dar-se mesmo sem ser consultada a totalidade dos socios: ou apenas da consciencia, quando os primeiros, e a segunda (apesar de feminina) estejam ausentes na propria ocasião, desde que o conflito, ou seu autor, se manifeste ou não, ainda que por inais, estar ou não arrependido.

Haverá ou não um presidente efectivo-suplente e outro suplente-efectivo.

Ao 1.º são attribuidas todas as attribuições do 2.º, ao 2.º as do 1.º.

As reuniões serão ás quintas-feiras, ás 9 e 1/2 da noite: começarão e terminam por si normais à hora minuto e segundo justos.

JOSÉ PACHECO.»

mo premio literario a Osorio Duque Estrada!

Por melhores que fossem os argumentos apresentados pelo deputado acima citado (não encontrei esse parecer, nem mesmo no Arquivo da Camara), não se concebe se desse um premio pelos versos feitos para o Hino e não se oficializassem esses mesmos versos.

Ao ser interpelado pelo «leader» sobre conclusão tão singular, explicou o seu relator: que opinava pela concessão do premio—«atendendo ao grande numero de assinaturas da emenda!». Era uma explicação original e que estava em contradição com o parecer da Comissão. Mais tarde foi o proprio Verissimo de Melo quem deu o tiro de honra nesse caso, que levou dezasseis anos a ser resolvido.

Mas resolveu-se. E é um titulo mais para a gloria de Coelho Neto essa intervenção oportuna e brilhante.



Viejsstidades da fam. Tourgnéieff, o celebre romancista russo, andava bastante esquecido na memoria da gente culta. Tolstoi, Dostoiwsek, Gorky depois, tinham-lhe empun-

nado a gloria, que no tempo de Daudet e de Zola tão grande fora. Parece que, porém, ela está renascendo. Em França começam a surgir estudos varios sobre o escritor, de quem Daudet tanto se queixou um dia, attribuindo-lhe, não sabemos se com, se sem razão, todos os defectos da «perfidia slava». E no ultimo numero do «Mois», Virginia Wolf, a subtil escritora inglesa, publica um autentico panegirico de Tourgnéieff, dizendo dos seus livros:

«Nenhuma emoção ardente e pessoal llimito o seu alcance a um pais, a uma época; o homem que all fala não é um profeta vestido de trovões, mas um vidente que procura compreender as coisas e penetrar o seu sentido...»

«Claro que ha fraquezas (na sua obra)... Mas ella reside na região perduravel da beleza... e apesar de toda a sua ironia, de toda a sua displiencia, não duvidamos nunca da sua profundidade essencial». Tourgnéieff era, foi sempre um anti-romancista.



O livro que Jean Davray consagrou a «George Sand e os seus Amantes» é, como o titulo indica, muito ilsonjeiro para a reputação moral da celebre escritora, aliás muito censurada desde sempre. A tempestuo saapalxonada de Chopin, de Musset e de tantos outros, aparece all em figura de bacante, temperamento de fogo que o amor, ou, antes, a séde de amor talvez nunca sentido por ella, inteiramente desvalta. Mas registre-se o curioso comentario do austero Lucian Descaves á volta de Davray e ás loucuras de George Sand:—«Não queria fazer a apologia duma conduta desregrada como a de Sand, e, no entanto, se realmente se lêem muito menos os seus livros e se a critica os esquece, não é aos seus appetites insaciados que, sessenta annos depois da sua morte, ella deve um retorno de vida? E não só d'ella se pode dizer isto. A virtude nas letras não rende muito...». D'Annunzio apreciaria decerto este criterio. D'Annunzio e varios escritores mais, de todos os tempos. A Beleza—a beleza em arte—explendor do Bem? Pobre Platão... Verdade é que se de George Sand a gloria caducou, a dos seus camaradas em exaspero amoroso e em talento facil, não deve tambem durar eternidades. E o que vale a D'Annunzio—para só citar um nome conhecido—é o anseio de altura espiritual que vemente vibra nalgumas das suas paginas inquietas...

Elegancia de linhas—Modicidade de preço—Garantia absoluta

são as características dos relógios do

TORROAES

Relojaria de confiança

119, R. da Prata, 123 Telef. 2 4210

UM CONTO GAUCHO

ENXOTADO

de ROQUE CALLAGE

Num caso e mal pronunciado «lé á vista», Quincas Pedroso afastou-se do colono, conhecido de pouco dos pagos, no primeiro encurzamento da estrada. Dalí por diante eram atalhos. O estrangeiro cortou á esquerda, em demanda de suas terras, na colonia nova, estendida no fundo sinuoso do campo, e o tropeiro seguiu ao tranco, para as querencias da Estancia Velha erguida no topo da coxilha como uma grande mancha dominando a verdura luminosa.

A tarde findava-se num occaso pollicromo, selvagem, esbaldo numa violencia de tintas berrantes, dando á paisagem um aspecto estranho de eclorado mal combinado. Caia sobre as cousas o silencio nocturno do ermo. Desolava... Quincas Pedroso fustigou o animal com o seu velho e traçado arabo de tatus. Os seus olhos pestanudos e semi-mortos volviam ainda para traz, observando, numa confusão de linhas, a figura rugosa do colono que lá presto, na alegria, triunfal de uma felicidade perfeita. Surgia flagrante, entre ele e o novo intruso dos pagos, novo proprietario e novo senhor, a diferenciação latente da vida. No abandono da tarde, a conjectura surgia. Passava-lhe pelo espirito, na crise das meditações, em tumulo de sombras, um desfilar de figuras errantes, onde ele via a alma avoenga dos seus imergir, para sempre, no ultimo farrapo da campanha fronteiriça. Desde muito percrutara a transformação da terra nativa. Um espetro alucinante ballava á frente da retina: era a grandeza daquela colonia, absorvendo, aos poucos, a grandeza daquele campo... De tempos para cá, uma vida nova, uma existencia estranha vinha-se abrindo, vinha-se rasgando pelos escamandros de outrora, mudados então naquella colonização estrangeira, avançando, ávidamente, pelas terras da fazenda onde ele nascera, mermando-lhe a vida, transformando em grandes ruínas silenciosas a estancia patriarcal que lá diante se erguia, á sombra das timbábias seculares, onde não mais posariam em manhãs estivas ou em tardes de ardeção, os Bem-feitos agrestes... Pologava-se, cisma, ao balanço do cavallo, a troté curto, no dilucio do dia. Não se conformava com aquelas bruscas intrujices de elementos alheos naquele solo que era seu pelo amor e pela bravura, palmilhada numa longa existência decorrida em guápas escarameas aos domingos e insano trabalho em épocas de farta safra pastorel. E de quando em quando, justificando a sua revolta, atirava para traz, para frente e para os lados, frases amargas, punhidas pela trizeza dos olhos com profundo pezar, a ruína da patria.

—Que vissem no mais, a verdade das cousas, a clareza dos factos. Haviam de se convencer que tudo se acabava... Culpado o governo, sempre metido na politica, nas inleições, nas trassas do voto, e o resultado era só aquilo no mais... Pôra-se tanto mudando de gente. Depois, o fim das contas, eram os casamentos, a cruzada do sangue dos gringos, mais esportos que redomão, com o sangue puro das morenas dos pagos... As cousas mudavam mesmo. Gentes como no seu tempo era bobage campeã. Só havia gente baiana, uns sotretas que não sabiam pialar um novilho magro, nem reponer um bagual... Final de contas, uma desgraça!...

E logicas conclusões pessimistas Quincas Pedroso arrancava do cerebro, de dentro da sua alma simples, na confusão esfumada na tarde silenciosa. Modificava-se, aos seus olhos, a figura spartana da raça heroica, produto dum atrito violento nas lutas da Conquista. Já não via mais diante si aquele tipo puro do guasca reabilitado acima de todas as falsidades etnograficas, o legitimo crioulo do campo, nascido no dorso do cavallo, á beira do galpão; aquele



(Desenho de Emilio Ferrer)

velho tipo sem modificações e sem mescla, acostumado a emendar o dia e a noite, a aurora e o crepusculo, sempre pronto, com riso de infinita bondade, para o trabalho e o sacrificio de todos os momentos. Agora, para ele, tudo aquilo se desmoronava. Cada casa que se erguia, cada rancho que pontava na estrada e cada alambrado que delimitava os campos, derriam por terra o ideal gauchesco. A sua aspiração e o seu instinto patrio restringiam-se á curta distancia dos seus olhos: fazer as mesmas tropas para Peiotas, meter-se na faina agitada dos rodeios, mear ao desmontar do dia com a peonada da estancia, vendo esta prosperar cada vez mais, dilatando-se entre postos e quebradas, e ter sempre, a seu lado, nas horas da sesta caricia felina de Chinnoca, sentada ao catre, aparrando-lhe as palhas, espremendo-lhe as cravos...

—Mas qual! Tudo estava acabando... Não havia mais remedio senão esperar, como rez pesteada pelo carapato, a hora da morte e, depois, seu corpo de gauchito limpo ser lançado, como traste ruim nas restingas ou nos banhados de agua-pés como nos tempos da Revolução... Mas que tempo! Mas tentol! Ele não era tão máu-va de ir assim no mais...

Avançava pouco a pouco a querencia. Encolhia atalhos na cisma dorida de unico sobrevivente duma geração que ele não mais tornaria a ver na força bondade e bravura primitiva, cortando o pampa sob as

afrontas do tempo, castigado pelo trabalho permanente das estancias. Já ha dois anos que não faziam uma tropa. Os trens de bois da estrada de ferro roubavam-lhe a sua melhor tarefa para a linda cidade do São Gonçalo, tarefa que sempre cumpria á risca, sem nunca perder uma rez, por matreira que fosse, dando conta do riscado com pericia e orgulho, bando coxilhas de sol a sol na companhia daquele seu malacera ainda guápo e pronto para o trabalho do campo.

Além, na Colonia Nova, a primeira que se fundará no municipio, a iluminação cintilava. Aquilo era uma ofensa ao seu antigo orgulho indomável. Aborreceu, desdenhou, numa asca de nativista ofendido, aquele prenuncio de civilização complicada.

Resmungou, ainda uma vez, quando o cavallo: «que olhasse, que vissem e depois que lhe dessem razão... Dantes, os campos não tinham principios, não tinham fim; as fazendas não eram cortadas nem divididas por alambrados. Agora não passavam de invernações mul mixes, mul pobres!» E avançando sempre, ao troté do cavallo que se apressava para a sua ração de milho, Quincas olhou ainda para as ultimas luzes da colonia que se perdia á esquerda, entre largas coxilhas ondulantes. Lá estava ela na sua quietude pacifica, obrigando, com religioso respeito, centenares de familias germanicas solidarias, no seu obscurantismo feliz, com as leis e poderio do kaiser longinqua. A estancia proxima «pou-

sava no seu imenso silencio de pedra, surgindo incerta, entre arvores falhantes, como a ruína de uma grandeza passada. O silencio caia pesado, como uma tampa de chumbo. Nenhum cão latia, nenhum relincho de cavallo, nenhum prisco de gado chucro, no repouso do campo ermo. E por um momento de grande clima aquele velho tropeiro, antigo capataz da estancia secular, fitando a serenidade do ceu sem fim, sentindo-se só, á frente da casa morta, carcomida pelo vestigio de uma tradição, — a derradeira sombra de uma raça apagada.

II

Dias depois Quincas Pedroso rumilnava a idéa de se ir com sua «ponchilha» de gado, para os campos de Mato Grosso.

O grande estado central do Brasil surgia-lhe agora ao espirito como o ideal de seus sonhos de campeiro, semelhante talvez a um Rio Grande — primitivo, com os mesmos habitos e costumes, sobretudo, com a ampla largueza de seus campos dobrados, com a visão infinitamente grande que sua retina já não lograva descortinar.

Quando alguém falava sobre os vastos aspectos rudimentares daquela imensa região, em parte desconhecida, o gaúcho se punha logo atento, bebendo, palavra por palavra, as fantasticas descrições que daí por diante iam viver no seu cerebro, atormentando-o, talvez, ainda mais.

Embora sem conhecido outro territorio que não fosse o do seu Estado, não deixava de arrisca: por conta propria afirmativas convincentes:

—Aquilo lá é que é vida, suor... Isto aqui já não vale mais nada!

Sua mente escalvada agora num grande desejo de conquista e de posse. Era a migração do homem para outras paragens, mais de accordo com o seu bronco temperamento, mais suas, talvez, por principios de ordem etnica, mais suas, talvez mesmo, por todos os outros principios: o imprevisito, a selvageria nomade, a imensidade dos latifundios abertos á aventura do primeiro intruso ousado. Seria então reintegrado no meio em que se afogara, num ambiente que já possuiria nas plagas do sul, liberal e amplo, o enfiar a noção da propriedade fosse mais vaga e por isso mesmo menos complicada... De chegada lá, disseram-lhe, podia comprar campo a conto de reis a legua... Que maravilha! Dentro de pouco, com algum trabalho, seria abastado estancieiro, um «graudaço», respeitado por todos, gozando saude e «categorias».

O rincão nativo do Rio Grande já não lhe dava mais nada. A devassa já lá de comarca em comarca, por toda a campanha, desde a serra até as barrancas da fronteira. Diminua o sólo, diminuía a propriedade; novos costumes e novos habitos faziam, no pago, a sua entrada triunfal.

Diante de tudo aquilo que ele vinha vendo e observando, em confronto com os outros tempos, tal como ele entendia, tal como ele desejava que ainda fosse, barbaro, grande, gauchescamente revê, diante de tudo isso que já não via no presente teve um recuo natural para o que ainda devisava no passado. Era a grande voz misteriosa do instinto, vibrando dentro «aquella forte aimadura de Centauro. Por isso o gaúcho fugia do velho torrão natal onde agora se rasgavam grandiosos horizontes de civilização em progresso crescente. Fugia assim em demanda do El-Dorado que lá estava em Mato Grosso, e que estaria em qualquer outro lugar onde ele fosse definitivamente reintegrado no seu unico e verdadeiro meio...

Mobílias

PAPEIS PINTADOS

OLEADOS

ESTOFOS

ETC.

Tel. 23413

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES

ARMAZENS DE MOVEIS DO CALHARIZ - PAIXÃO CARVALHO L.

— 26 — L. Calhariz — 28 —

Dez minutos com



Lapas de Gusmão

Lapas de Gusmão é outro combatente da guerra. Não a expliou em França, mas no sertão africano, sob o sol escaldante, atormentado pela sede, em marchas forçadas através dos matabais e paus, encharcados de miasmas, procurando de balde o inimigo, sentindo-o, mas não o vendo, como um fantasma ensanguentado e vingativo. Saído das bancadas do jornalismo, onde mal se firmára ainda, Lapas de Gusmão embarca para Africa, atravessando todo o sul de Angola, numa caravana que foi uma epopeia de martírio e de resistência. Tinha, então, vinte e seis anos e nos seus olhos calmos e profundos, ficaram gravadas cenas de dor inenarrável, que ele conta agora, em paginas escaldantes de emoção. Mais tarde é dirigido para França, acantonando-se no angulo mais perigoso, aquele que a metralha, num vomito de vulcão, assola quotidianamente, sem poupar um homem, um reduto, uma trincheira. Os mortos, por vezes, arrancados á sua livida mortalha, vêm misturar-se com os vivos, exercito de cadáveres e de espectros, de tal maneira a terra revolvida pelo fogo, se desagrega e volatiliza em «geysers» comburentes. Lapas de Gusmão não veio da guerra revoltado. Pelo contrario: A dor humanizou-o, convertida em emoção literaria.

—Não quero falar dos meus livros de guerra. Como tantos, são uma testemunha da hecatombe. Vivi-a e senti-a tal como a descrevo nas minhas obras. Nada oculto. Ha quem julgue que sou violento, implacavel. Não! Não deforme a verdade. Dou-a nos meus livros, como a vi grandiosa ou miseravel, mas profundamente humana.

—A «Guerra no Sertão».

—Escrevi-a propositadamente anos depois, com o recuo necessario para analisar com frieza o quadro. Tenho inumeros apontamentos dessa campanha, mas não os consulto... Não foi preciso! A recordação, a emoção funcionaram automaticamente, com um rendimento admiravel...

—O que pensa agora escrever?

—Projecto um livro simbolico, de intuitos filosoficos, que se chamará «A morte do Profeta». Será o romance da humanidade, colocado num plano diferente do actual...

—Não volta a escrever sobre a guerra?

—Só mais um livro, se o fizer com as reportagens que escrevi para o «Seculo».

IRMÃO DA TERRA

Eu sou irmão da terra. No meu ser
Suas raizes, bem fundo, a dór criou;
E ha soluções que a dór petrificou
E lágrimas em mim sempre a correr...

O sol que no meu peito madrugou,
Nas sombras do meu peito vi morrer;
E, como a terra, vou adormecer
No silencio da noite que ficou.

Eu sou irmão da terra; a minha vida
Da mesma nebulosa foi nascida,
O mesmo etero berço ou tambem tive.

Em mim o inverno é a dór que desespera
E esta saudade é irmã da primavera,
Pois tudo o que morreu nela revive.

(Do «Mors Amor»).

POETAS MODERNOS

Ha nesta dedicatória de Joaquim Paço d'Arcos, inscrita no portico do seu ultimo romance: «Amores e Viagens de Pedro Manuel» não um preito de amizade fraterna, evocando espiritualmente um vulto querido, onde se reparte a voz do seu sangue e a substancia da sua carne—mas uma homenagem elevada e nobre a um dos maiores poetas da sensibilidade portuguesa. Anrique Paço d'Arcos, vocação, que o cotidiano da vida, cortou no momento em que, embriagado de beleza, voava ás mais altas esferas do sonho e do lirismo, viu-se obrigado a guardar a sua doirada lira, coroada de rosas de Anacreonte, para arrotear fora de Portugal a terra necessaria á sua existencia e ao seu trabalho.

Não foi uma fuga, mas um sacrificio. O escritor, recordando no irmão o poeta, já-lo sentidamente, enviando-lhe de longe para essa Africa distante e portuguesa, uma mancha de saudades e de melancolias, confiado de que elas, numa primavera espiritual, reanimem á voz serena e triste que um dia se calou, mas não morreu!...

A Anrique Paço d'Arcos, altissimo Poeta, meu irmão queridissimo

Tu eras, no alvorecer da tua mocidade, poeta de divina inspiração, em busca perene da Beleza. Foste, deste rancho de irmãos que entrou na vida rico de todas as ansiedades, e ao qual a Morte roubou o que era simultaneamente Guia e Mensageiro, o unico que atingiu as regiões etereas onde pairam os manes de Keats, de Shelley e de Antero.

A vida, com sua materialidade e exigencias ferozes, barrou o curso á tua inspiração. Africa, essa Africa que nos escravia se a ela nos entregamos confiados, rematou a obra de derrotismo com que a Vida recompensara teus entusiasmos juvenis. Ha anos que te guarda em suas praias escaldantes.

Quebrado o estro que prometera á lingua portuguesa joias da mais extremada sensibilidade e pureza, ficou orfã de Querer e de Vontade a tua alma de excepção. Possa ella reencontrar a senda perdida e erguer-se novamente ás alturas onde habitam os Deuses e os Eleitos.

JOAQUIM PAÇO D'ARCOS

ELEGIA DO SILENCIO

Silencio, voz sem fim das coisas mudas,
Do coração que eu tenho e Deus me deu.
Voz do luar morrendo sobre as ondas,
Das arvores que se erguem para o ceu.

Silencio, cinza que foi chama ardente,
Foi oração, foi canto de alegria;
Voz da vida que finda lentamente,
Da morte que em silencio principia.

Voz de tudo o que existe e não tem fala,
Voz do incenso que sobe em oração,
Como o doce perfume que se exala
Das rosas esfolhadas pelo chão...

Voz das lagrimas mudas, voz do pranto
Nas faces magoadas pela dór.
Voz do dia ao morrer cheio de encanto,
Na agonia da luz, desfeito em cor.

Voz oculta de tudo quanto existe,
Voz dos mundos cruzando-se nos ceus;
Voz da alma que eu sinto e que é tão triste,
Silencio, voz de Além, a voz de Deus...

Nas horas em que os longes esmaecem
Na incerteza brumosa da tardinha,
Já quando a noite triste se avizinha
E as primeiras estrelas aparecem.

Nas horas em que as coisas entristecem,
Muda tristeza que é tambem a minha,
E os montes se confundem na noitinha
E os ventos sobre as ondas adormecem.

Nessas horas de trágico segredo,
Da mística doçura da saudade,
Da amargura sem fim do eterno adeus;

Quando sonha nas sombras o arvoredo,
Quando morre de todo a claridade,
Desce ao meu coração a luz de Deus.

(Da «Divina Tristeza»).

POR TUA GRAÇA

Amor, a tua graça me visita,
De noite, ás horas mortas da saudade
E é como o luar que doira a imensidade
E esta sombra da Dór, que é infinita.

Por ti a minha vida se ilimita,
Se transfigura a minha humanidade
E logo em mim se perde a Eternidade
O proprio Deus dentro de mim habita!

Amor, és tu o sol destes caminhos
E acordam para vér-te, os passarinhos,
Em hinos de louvor ao céu profundo...

Por ti os cegos vêem a luz do dia
E os enfermos sorriem na agonia;
Por tua graça Deus perdôa ao mundo!

(Do «Mors Amor»).

POMBOS CORREIOS

● O dr. Samuel Maia está escrevendo um romance com o titulo: «A dona sem dono».

● A actriz Ester Leão vai publicar, em dois volumes, as suas memorias de teatro, ao que parece bastante sensacionais. O primeiro volume sai já em outubro.

● Livros portugueses que se venderam mais durante a semana: *Heróis Desconhecidos*, do dr. Sousa Costa, e *As Pupilas do sr. Reitor*, na edição popular, prefaciada por Leitão de Barros. Livros francezes: *Gustave Flaubert*, de Albert Thibaudet e *Comment fut aimé l'Impératrice Josephine*, de Paul Reboux.

● Recebemos o numero referente a maio da revista cultural *Vida Contemporanea*, publicação dirigida pelo sr. Cunha Leal. Colaboram os srs. Fidelino de Figueiredo, Sebastião Ribeiro, Freitas da Silva, Bernardino Nogueira, Vasco da Gama Fernandes, Cunha Leal, Aquilino Ribeiro, Abel Salazar e Manuel Camacho Botica.

● Ferrel de Castro está revendo as provas da nova edição do seu romance: *Terra Fria*.

● Será ainda este mês atribuido em França o *Premio da Critica*. Os candidatos «favoritos» são Thierry Maulnier, autor dum estudo sobre Racine e Marcel Thiebaut, que recentemente publicou i volume «Evasions litteraires».

● Entrou na segunda edição a «Sinfonia Incompleta», de Heloisa Cid.

● É possivel que seja adaptada ao cinema a novela «Serás feliz», de Eugenio Silva.

● Fez no dia 18 de abril noventa e três anos que nasceu o poeta Antero de Quental.

● Foram agora editadas as memorias de maame Verlaine, falecida ha tempos, que lançam uma sinistra luz sobre a vida intima do grande poeta. Verlaine apparece-nos como um monstro, prodigioso de taras e de genio. Sua mulher, com quem ele casou por amor, conta cenas dolorosissimas. Refere-se ás estreitas relações que Verlaine mantinha com Rimbaud, que ela, na sua ingenuidade, só mais tarde compreendeu, quando Vitor Hugo escreveu ao marido um cartão, com estas sibillinas palavras: «Revenez au vra!».

● Landerset Simões tem no brévo um livro, prefaciado pelo sr. Norton de Matos, intitulado: «Babel Negra».

● Alfredo Brochado vai recolher em volume os seus versos.

● Marques Matias publicou agora um volume de liricas, denominado «Poemas de Narciso».

● O sr. dr. Vasconcelos de Carvalho tem pronto a entrar no prelo três livros: «Do Divorcio», «Sociedade das Nações» e um volume de novelas «Da vida e da morte».

● Delfim Ramos prepara um livro intitulado «Horizontes vermelhos».

● Americo Faria está trabalhando activamente num romance policial.

● Luiz Forjaz Trigueiros publicou agora um curioso estudo sobre: «O Nacionalismo de Eça de Queiroz».

● João Amarel Junior tem no prelo um romance de espionagem, com o titulo: *Secreta missão de Ana Vidua*.

Quere a sorte grande?

Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

PANORAMA LITERARIO PORTUGUÊS

O dr. Alfredo Pimenta

NUM SENSACIONAL DEPOIMENTO afirma que não ha crise, nem rejuvenescimento literario mas «decadencia, e acentuada, a cem quilometros á hora»

Quais as características da actual litteratura portuguesa?

—A actual litteratura portugueza caracteriza-se pela mais lastimavel confusão. Confusão nas idéas que transmite, nos sentimentos que serve e na tecnica que usa.

«Podia ser uma variedade, uma policromia interessante e fecunda—mas paralela ou convergente. Nada disso: é uma mestiçagem aflitiva, divergente, labirintica.

«Confusão nas idéas—precisamente por ausencia destas. Pensar não é papaguear. Só ha pensamento quando ha, antecedentemente, uma cultura. A cultura não é de geração espontanea. Ela é o produto de lento e doloroso trabalho aquistivo e reflexivo. E' o vapor duma maquina. Sem agua e sem calor não ha vapor. Sem erudição, não ha cultura. Os logorreos, os graforreos podem encher mil salas de Academias ou milhões de resmas de papel, mas são absolutamente alheios á cultura, e consequentemente ao pensamento.

«A nossa litteratura actual é essencialmente verbalista: muitas palavras, muito ruido e ausencia total de pensamento. Mas fingem-se que tem idéas. E daí o espectáculo mortificante que ela nos oferece, com o alarido dos seus papagaios vãos.

«Confusão nos sentimentos—pela inversão dos valores, resultado do impudor com que se julga, sem capacidade critica.

E a critica?

—A critica transformada em vituperio oulouvaminha criou uma atmosfera de chantage incompativel com todo o trabalho sério. Os tímidos arcaem-se do insulto e compram o silencio do insultador, fazendo silencio sobre as obras deste, ou louvando-as. Os corajosos dizem o que têm a dizer e são victimas dos assaltos continuos das quadrilhas litterarias que, certas da impunidade, não hesitam em lançar mão dos mais repugnantes processos. Como os corajosos são poucos, e a grande massa é constituída por tímidos, acontece que a mediocridade encontra meio admiravel para medrar e comprar posições nos jornais, nas academias, na opinião publica.

«Confusão na tecnica—não sabe a gente já o que é escrever bem e o que é escrever mal; dão-nos versos que são tudo quanto ha de mais prosa; e dão-nos prosa que o é só porque não é verso.

«Escreve-se pessimamente. E não admira num país e numa hora em que se não hesita em proclamar, por exemplo, filologo, um pobre diabo qualquer pouco menos que analfabeto. Isto num país em que nasceu e viveu um Adolfo Coelho, um Gonçalves Viana, um Epifanio, um A. A. Cortesão, um Julio Moreira e onde ainda temos vivos um José Leite de Vasconcelos, ou um José Maria Rodrigues, ou um Antonio de Vasconcelos.

«Um fedelho de fraida de fóra, e ranho no nariz, só porque gagueja dois disparates, é filosofo, orientador da nação; um reporter barato, só porque amanhã mela duzia de larachas ou uma duzia de recortes de jornais, é historiador, e repimpa-se talvez na cadeira, onde se sentou, na academia, um João Pedro Ribeiro, um Antonio Caetano do Amaral, um Herculano, um Gama Barros; um garoto, stujo e grosseiro, só porque atria para publico com dois insultos, e vomita duas calunias, é alçado á categoria de polemista e critico, nesta terra que teve José Agostinho de Macedo e fr. Fortunato de S. Boaventura, duas das mais prodigiosas erudições que a nossa historia, fértil nella, apresenta, um idiota, só porque enche duas columnas com dislates, é colocado a par das grandes figuras do jornalismo—um Chagas, um Navarro, um Enes, um Mariano, um Moreira de Almeida, um

A personalidade politica do sr. dr. Alfredo Pimenta tem sido, vivamente, atacada. Outro tanto não succede, porém, á sua alta categoria intelectual. Os seus mais irreductíveis e colericos adversarios, mesmo aqueles que não lhe dão guarida, negando-o com acrimonia, duma maneira apozonada, prestam-lhe indirectamente homenagem, já quando prosopem, já quando accionam o seu combate litterario.

Ha que reconhecer nele uma individualidade de expressivo relevo, taízes com arestas, demaziado vivas, mesmo hostis, mas cheias de accção, tenas, energias, que sabe terçar as armas da critica, raro perdendo uma polegada de terreno. Não cultidamos aqui das suas coordenadas politicas, retificadas a meio caminho da existencia. O «ponto» é puramente litterario.

A ele nos temos de circunscrever, sem o excessermos com risco de cometermos uma falta não apenas de tolerancia, mas até mesmo da mais elemental lealdade.

A obra de Alfredo Pimenta é vasta e multiforme. Vai desde a poesia de requintado esteticismo, á critica de elevado plano cultural, desde o panfleto, onde ha paginas que Rochefort não desdenharia assinar até ao estudo historico mais profundo e exaustivo.

E' possível que o sr. dr. Alfredo Pimenta faça coincidir intimamente a critica litteraria e historica com a politica, mas o seu caso não é unico, nem, com isso ceto *Vemissal*. Estamos, de facto, na presença dum homem de letras, de tipo excepcional, forte de maneira, duma formidavel cultura e conhecedor como raros os meandros da nossa historia litteraria, materia em que é hoje uma autoridade, de singular prestigio. Ensaista, critico, jornalista—tanto no remanso do estudo, como no fragor da polemica, Alfredo Pimenta marcou ha muito, e fortemente a sua feição.

Os admiradores aplaudem-no, os adversarios disentem-no. Entre os dois grupos, Alfredo Pimenta continua intensamente trabalhando, pensando talvez que só os inúteis e os nulos vivem no silencio, entre teias de aranha e a poeira das coisas mortas.

Mais uma vez Alfredo Pimenta vai provocar tempestades. O depoimento, que hoje reproduzimos, é duma brutalidade esmagadora. Pouco ou nada fica de pé. Que outro faça, se não concorda, a revisão da sentença litteraria.

Cunha e Costa; compõe um senhor qualquer duas paginas grotescas duma novela, ou duas paginas infantis de uma versalhada incolor? Logo os criticos proclamam aquelle herdeiro de Camilo ou Eça, de Fialho ou Ramalho, de Brandão ou Trindade Coelho, e este detentor das palmas de Antero ou de João de Deus, de Nobre ou Camilo Pessanha, de Camões ou Guilherme de Faria, de Junqueiro ou Gomes Leal. E assim por diante. E' uma miseria, a litteratura portugueza da actualidade. Uma indiscutivel miseria, em que os mediocres e os nulos se gabam mutuamente num crescendo escandaloso que está a pedir a intervenção energica do Poder. Estamos a morrer sob um mar de genios—dos genios que occupam o vertice inferior da piramide de Galton.

«Pelo que fica dito, vê-se que não posso fillar a litteratura portugueza actual numa escola—a não ser na Escola da asneira. Posso marcar-lhe valores? Seria preciso que nos entendessemos sobre a expressão: *litteratura actual*. E' litteratura actual toda a que se produz no momento em que escrevo—venha ela dum poeta de cabelos brancos como João Saraiva ou dum rapaz de vinte anos, como Vasco Reis? Não me parece que tal seja a intenção do illustre inquiridor. Por litteratura actual deve entender-se, creio eu, a litteratura que chega hoje á vida; nem a passadista, nem a futurista; mas sim a presentista. Na primeira hipotese, ser-me-ia fallar marcar valores. Na segunda, o mais que podia era marcar esperanças, e precisava, para isso, de me fornecer duma grande dose de benevolencia e de candura. Adiante.

«Quanto a formas litterarias—vejo tollices, nas innovações que nos oferecem. Tollices que hão de ficar eternamente tollices. E quem viver verá, e verificará.

«Rejuvenescimento ou crise? Nem uma coisa nem outra coisa: decadencia, e acentuada, a cem quilometros á hora.

O valor da poesia.

«Sobre o valor da poesia, e sobre se o materialismo lhe restringiu a expressão—poucas palavras.

«A poesia tende a desaparecer da nossa litteratura. Como não se pensa, é impossivel cultivar-se a poesia anterior; como o *foot-ball* é, agora, o expoente maximo das energias da raça, está claro que não é possivel cultivar-se a sensibilidade que gerou Go-

mes Leal ou Pessanha, Nobre ou João de Deus. A quem se aventura por esse caminho, o menos que lhe acontece é ser atacado pelos genios da actualidade, sob a accusação de ser poeta de costureiras!

«O lirismo portuguez morreu com Guilherme de Faria.

«Os poetas que ainda hoje existem —João Saraiva Antonio Correia de Oliveira, Alberto Monsaraz, Carlos de Lemos, Alberto Osorio de Castro, Augusto Casimiro, Mario Beirão, Julio Dantas, Americo Durão, Tomás de Eça Leal, Alberto de Oliveira, Ladislau Patricio, Americo Cortez Pinto, Augusto Santa Rita, Afonso Lopes Vieira, Alberto Bramão, D. Domitilla de Carvalho, Caetano Beirão, Egenio de Castro, D. Maria da Carvalho, Joaquim Costa, D. Fernanda de Castro, Candido Guerreiro, D. Branca de Gonta, D. Oliva Guerra, João Cabral do Nascimento, Icacio de Paiva, D. Virginia Vitorino, D. Candida Aires, D. Laura Chaves, D. Maria Madalena Patricio, Sidonio Miguel, etc., estes poetas, cada um deles no seu genero, verdadeiros representantes do lirismo portuguez, são anteriores a Guilherme de Faria.

«Dos que vieram depois deste, se exceptuarmos Vasco Reis, quem ha aí que mereça ser tomado a sério, como representação da poesia lusitana?

Materialismo e espiritualismo?

—Materialismo e espiritualismo? Esta ultima palavra é, entre nós, na época que passa, uma palavra sem sentido. É uma palavra arqueologica, pre-historica, de museu. Lá fóra, na Alemanha, na França, na Inglaterra, na Italia, na propria America do Norte, o Espiritualismo tem cotação. A prova disso está no movimento medievalista que é enorme. A Idade média é, sem duvida, de todos os periodos da historia, o mais exaltadamente espiritualista. Nunca as intelligencias europeias se preocuparam tanto com o estudo integral da Idade média, como no nosso tempo. Para os intellectuais actuais de Portugal, a Idade média continua a ser o periodo nefando, a grande noite estúpida e impenetravel.

«Para eles o que vale é a maquina, a chaminé da fabrica, o motor do automovel.

O romance tem cultores de envergonhada? Acompanha os problemas psicologicos, fisiologicos, populistas ou sociais que se debatem na litteratura estrangeira?



ALFREDO PIMENTA

—Sobre o romance...

«O ultimo grande romancista foi Carlos Malheiro Dias. Sousa Costa e Manuel Ribeiro tentaram renová-lo. Tentativas energicas e cheias de recursos. Falharam, não por carencia de valor proprio, mas por falta de estímulos. A publicação da mediocridade foi tão intensa e tão extensa ao mesmo tempo que transformou a atmosfera. E de todos os cantos começam a aparecer romancistas mais ou menos canhotos, que uma critica deslavada proclamava apolineos e divinos.

«Pode ser que eles sejam muito psicologicos, muito fisiologicos, muito populistas ou muito sociais. Pode ser; não discutio. O que affirmo é que são grosseiramente idiotas.

Ha ambiente em Portugal que favoreça o jenomeno literario?

—Não ha ambiente que favoreça o ambiente literario; o ambiente que se respira actualmente é estruturalmente politico. Os homens valem pelo sector politico que occupam ou que os outros querem que eles occupem. Fui republicano; hoje, sou monarchico. Não me regatearam elogios e honras, os republicanos, enquanto eu era republicano. No dia em que, precisamente por virtude das qualidades que me reconheciam, regressel ás idéas tradicionais da nação, substituíram-me o sinal positivo pelo sinal negativo.

«Ora, com este ambiente politico aggressivo, como pode medrar o cultivo da litteratura? Esta precisa de atmosfera tranquilla, sã, acolhedora.

«O nosso ambiente é um ambiente de invejas, odios, malquerenças, de mesquinhas vaidades—tudo á conta da politica, uma politica mediocre e miope, grosseira e inculca.

Focos de idéas: a Renascença; a Seara Nova; a Presença.

—A Renascença é o Grupo da *Águia*. Não se pode dizer que tivesse sido um foco de idéas. Foi, antes, um feixe de sensibilidades, em que sobressaíram algumas indiscutivelmente superiores, como Raul Brandão e Vila-Moura, e outras cuja apreciação objectiva não é possível fazer-se por ora, como a do sr. Leonardo Coimbra.

«A *Seara Nova*, foco de idéas? Nunca del por isso: gerou um panfletario: Raul Prouença, e nada mais.

«A *Presença*, de Coimbra? E' um caldo de cultura de genios. Bacilo que lá caía prolifera tanto, que é de passar da exuberancia, não contesto o valor de todos aqueles filosofos, poetas, criticos, romancistas, etc., que a

(Ver continuação na pagina seguinte)

O DEPOIMENTO LITERÁRIO

do sr. dr. Alfredo Pimenta

(Continuação da pagina anterior)

Presença tem desavô de ha uns anos a esta parte. Simplesmente entendo que é de justiça não deixar no esquecimento o precursor dêsse areopago intelectual. Sim. Tudo quanto este tem produzido no campo da filosofia, da poesia, da critica, do romance, do ensaio, germinava no cerebro prodigioso do eminente poliglotta Rosalino Candido de Sampaio e Brito. E' na vasta obra dêsste operoso literato que se encontram as razas do não menos operoso grupo da Presença. Foi muito em prestar aqui a minha homenagem ao seu distante e injustamente ignorado progenitor.

«Ao illustre inquiridor não ocorreu um autentico, legitimo foco de idéas — a Nação Portuguesa. Sob a direcção, primeiro, de Alberto Munzaraz, e, depois, successivamente, le Antonio Sardinha e Manuel Muria, a Nação Portuguesa é, desde 1914, o mais alto, desinteressado e suggestivo orgão de idéas em Portugal. Acentuou a revolução valores; criou uma corrente doutrinaría forte e prestigiosa; serviu, na revisão, que ajudou a fazer, do Passado, a Patria; e nas bases de construção ideológica que formulou, serviu a Patria para o Futuro. Foi ela que criou uma doutrina monarchica, e provocou, como reacção, uma tentativa de doutrina republicana.

«Lê-se mais? Que se lê e que se devia lê?»

«Não sei se se lê mais. Sei que se lê pior. E portanto o que se lê não é o que se devia ler.

«Desdenha-se do saber, da erudição, Prefere-se a frivolidade.

«Outro dia estive em Coimbra. Numa livraria, o dono do estabelecimento a quem perguntei pelos estudantes, informa-me: «agora, não é como no tempo do senhor doutor: os estudantes não entram aqui, não param aqui...».

A critica e o ensaio?

«Critica? Ha muitos criticos; os jornais têm secções fixas de criticas, mais ou menos variadas. Mas não ha critica. A critica é a apreciação cuidada e responsavel. O que nós vemos é pancardaria de vela ou luxuria de gato em janeiro.

«As excepções, rarissimas, são servem para confirmar este juizo generico.

«Ensaio? Ha muitos ensaistas, quero dizer: ha muita gente que se ensaia para as mais pitorescas missões. Agora, autores daquelle genero especial em que foram deuses Montaigne, e Taine, e Bourget — nas gerações que vêm atrás da minha — so verdadeiramente se revelou um nome: o de João Ameal. Os três ensaios que formam o seu ultimo volume são, independentemente das suas conclusões sobre que pode haver divergencias, modelares, como sínteses, como metodo e transparencia de expressão.

«Que satrá disto tudo?»

«Respondendo: tal arvore, tal fruto. Tal pai, tal filho. Duma mocidade inculca e pedante que nem sequer tem pelos seus camaradas mais velhos o respeito, vulgar que a differença de idade impõe, duma mocidade que confunde o iconoclastismo proprio dos mocos, com a grosseria impropria de intelligencias; duma mocidade que se esgota a gritar que a hora é dos novos, sem reflectir, ao menos, na incongruencia do grito; de uma mocidade que chega, ainda cheirosa aos cueros, e já com pressões a dominadora do tempo; de uma mocidade que não estuda, não trabalha, e habita aos explicadores no liceu continua necessitada de explicadores pela vida fora; pois é incapaz dos sacrificios silenciosos e permanentes; duma mocidade assim, que ha a esperar, se ela não se deixa vencer pela humildade, que é a maior virtude do sábio?»

RUTHER-E' um produto científico preparado em Portugal, não tendo necessidade de adoptar nomes estrangeiros, de snpostos medicos, para se acreditar.

A' venda na Perfumaria Dourado-127, Rua da Prata, 131.

Algumas conclusões criticas do movimento literario modernista

Entende-se por movimento modernista aquele que veio orientar a arte para um sentido revolucionario, ou seja, aquele que transformou o artista em criador do seu proprio e autónomo modo artistico. Querê dizer: — até certa altura, o primeiro dever do artista era a obediência á formula clássica de reprodução artistica. O modernismo, consequência lógica dos manifestos de Marinetti, veio prégar a desobediência, libertando os artistas da grilheta clássica. (Entendo, aqui, por classicismo, apenas a forma clássica; não o seu espirito.) Foi com o Orfeu e, depois, com a Contemporanea, que a palavra de revolta se propagou e que uma nova geração de artistas se afirmou. Hoje em dia, com a Presença e, até certo ponto, com o Momento, o movimento apresenta-se triunfante, desafiador, quasi definitivamente victorioso. E' em volta dos seus representantes mais conhecidos que estas notas rapidas e apressadas vão tentar-se. Na altura em que, na própria Russia dos Sovietes, o movimento encontrou admiravel eco, — e friso o facto por que entendo que o movimento modernista é, fundamentalmente, um movimento de indisciplina artistica, movimento de indisciplina artistica, convulvente, para compensação de outros desaires, olhar com admiração o nosso panorama literario modernista porque, sem duvida, ele é dos melhores da Europa.

Pode dizer-se, com verdade, que foi em Paris que o movimento começou. Almada, Santa Rita pintor, Mario Sá Carneiro, José Pacheco e outros trouxeram, para Lisboa, o espirito que, por volta de 1900 e tantos, apaixonou os escritores. Mas, se nasceu em Paris, á sombra da atmosfera revolucionaria dos seus escritores, devo concluir que o movimento, em Lisboa, se emancipou das influencias tornando-se inteiramente original. Nessa primeira época, que vai até á Presença, afirmaram-se as bases revolucionarias, num sentido de franca desobediência aos canones literarios e artisticos tradicionais. Salvo os casos poeticos de Mario Sá Carneiro e de Fernando Pessoa, os exemplos que podem colher-se nas paginas do Orfeu, e de certas obras padões, (verbi gratia, a Invenção do dia claro de Almada), são pura e simplesmente revolucionarios. Querê dizer: — um unico objectivo os dirigia, os encaminhava: era protestar contra as formulas de reprodução, que são preconceituosas, em favor dos direitos de criação, que são originaes e sinceros. Isto, que é quasi tudo, veio chamar a terrelho a discussão sobre a sinceridade em arte. Na altura em que, hoje, se acordam considerações intelligentes, de desaproveitação, que não convencem ninguém. Na verdade, sinceridade e arte são causa e efeito obrigatorios. Eis a deficiência da concepção clássica que queria obrigar, não só á obediência da forma mas também á da sua concepção de vida, os murmulhos artisticos indefinidos que são a essencia da produção artistica.

Abandono este assunto, por agora, para continuar afirmando que, graças ao Orfeu, se formou em Portugal um movimento literario e artistico modernista, ao qual, recentemente, a Presença veio oferecer um objectivo. Mario Sá Carneiro, publicando a Dispersão e uma formosa colectanea de novelas Ceu em fogo, e deixando quasi inéditos os seus admiraveis Indícios de ouro, veio marcar um passo adiante á notavel experiencia da Clepsidra, de Camilo Pessanha. Vou dizer porquê. A ambos os caracteriz, marcadamente, um fito musical, ritmico, e uma necessidade psicologica de confiança, de descoberta íntima. Pessanha, opulado com as estalactites do seu sonho oriental, guardou o seu inteso grilo, de dor e tédio, em versos cantantes, de arquitectura gótica. Sá-Carneiro, onde varias personalidades lutaram, foi o artista por excelência, o realizador formal mais eloquente que, possivelmente, a nossa historia literaria conheceu. Isso não obstante a que, em certos poemas da Dispersão, o mesmo

grito de tédio de Camilo Pessanha se fizesse ouvir, com a mesma angustia. Com um differença: Pessanha foi um precursor, Sá-Carneiro um realizador; o que permite afirmar-se que, no poeta da Clepsidra, o seu grito existiu em função das suas pompas formais e, no autor dos Indícios de ouro, em função das suas originalidades musicais. Sintetizarei, afirmando que o primeiro era profundamente um realizador de beleza, e o segundo um realizador de sons.

Fernando Pessoa, o supra-lirico mais curioso da Europa, cujo in-humandismo dá á sua poesia o atrevido misterio das altas aspirações intellectuais, foi, e é, sem duvida, de toda essa geração, o que mais alhardia original imprimiu ao movimento. Os English poems, considerados na imprensa literaria dos centros europeus como um curioso documentario de, até então, desconhecidas emoções intellectuais, (hoje confirmadas na Mensagem), foram a primeira victoria portuguesa (apesar de escritos em inglês), de emancipação ao espirito revolucionario de origem. Uma legião de jovens, entre os quais se distinguiram, desde logo, Mario Sá Raul Leal, Carlos Queiroz e José Régio, assinalaram, também, diferentes cambiantes desse movimento em marcha. Em que sentido? Antes de tudo, proclamando uma desobediência declarada á métrica, á velha poetica estetica e inutil. Depois, visando a liberdade da propria personalidade integral. Por isso, pode já dizer-se que o modernismo é, sem duvida (no bom sentido dos termos), um movimento de intenso egoísmo e totalitarismo. O artista para todos os seus representantes, tem de ser total, isto é, que revelar-se em todas as suas facetas humanas e in-humanas.

Nessa época, Antonio Ferro dirigira-se ao Brasil, prégando a revolta, em notaveis conferencias, ainda mal apercebido dos seus notaveis recursos formais. Almada, afirmara-se desde logo, o primeiro desenhador português, ainda quando Mario Eloy, Julio e Tom não existiam, como artistas e como pintores. Enfim: — foi a fase da propaganda, o grito de revolta gerida a rotina, a boemia artistica que, sempre, afirmou a glória do triunfo.

Velo a Presença, ainda nos meus dias de calor de Direct, e a grande revelação poetica do nosso tempo, José Régio, num ensaio notavel: Literatura viva, literatura livreca: marcou os primeiros objectivos e os primeiros coefficients de correcção. João Gaspar Simões — que não me canso de considerar como umas das mais brilhantes personalidades criticas e literarias contemporaneas — condensou, em ensaios sádios, uma direcção critica que ainda hoje é a da Presença. Alguns seus colaboradores desconhecidos, Adolfo Rocha, Edmundo de Bettencourt, Branquinho da Fonseca, Rui Santos, Fausto José, e tantos outros, associaram os seus pontos de vista artisticos em camaradagem com Fernando Pessoa, Antonio Botto, Antonio de Navarro, Mario Saa, Carlos ueiroz, que já vinham do Orfeu ou da Contemporanea. Veio, depois de todos, mas a tempo de marcar uma posição inédita, Adolfo Casais Monteiro, critico criador de rumos, poeta mais critico ainda que Valéry, então nos admiraveis poemas, envergadura, de quem todos aguardamos, ansiosamente, o seu ensaio sobre Eça de Queiroz.

Hoje em dia não pode negar-se á Presença a grande responsabilidade literaria que lhe compete. Essa revista foi uma disciplinadora das, até então, aragens modernistas revolucionarias. José Régio, nos Poemas e na Biografia, marcou, para sempre a sua posição poetica na literatura portuguesa e, continuando as tradições de Sá Carneiro, afirmou-se, ao mesmo tempo, artista de ourivesaria formal e criador de temas humanos ineditos.

Na sua poesia perpassa a angustia e a simplicidade, a vida alegre e o

desespero. Sonetista primoroso, em muitos pontos superior a Antero, toca a serenidade formal do figurino clássico pela rajada violenta dos seus comentarios á vida. Salvo o caso de Rilke, não conheço na Europa quem se lhe assemelhe, em beleza adquirida e em violencia de sentimentos. Na sua direcção, Carlos Queiroz e Antonio de Navarro caminham, com segurança, para uma ambição formal que se poderá chamar sinfónica. Queiroz, mais deschariv, Navarro, mais musical.

Adolfo Casais Monteiro tem, em Alberto de Serpa, um notavel continuador. Edmundo de Bettencourt, poeta cada vez mais desconhecido apesar do seu glorioso talento, caminha para um sur-realismo que me parece, na sua personalidade, paradoxal. No romance, José Régio e Gaspar Simões ofereceram-nos, recentemente, dois aspectos contraditorios. No Jogo da Cebra Cega, Régio continua as tradições que distinguem os seus poemas. Nos Amores infelizes, Simões mostra-se de novo o mesmo arguto critico dos Temas e do Misterio da poesia. No ensaio, os três directores da Presença merecem referencias especiais pelo seu cumulo de observação de cultura, merecendo-a também Albano Nogueira, pelas suas prodigiosas qualidades. Devo a Albano Nogueira uma injustissima referencia desprimorosa. Aqui o declaro, para se não duvidar da sinceridade do meu elogio.

Fora da Presença, merece referencia demorada Fernanda de Castro, apesar de tão injustamente esquecida nas citações dos nossos modernistas. A insigne poetisa, a Cidade em flor e do Jardim, mais conhecida do publico como aguarelista extraordinaria, irmã gêmea de Cesário Verde, é, sem duvida uma das mais notaveis afirmações liricas do nosso tempo e da nossa historia literaria. Os seus versos, têm o estilo dos cantares de amigo, e são, como eles, sádios na sua mocidade, na sua frescura formal e na simplicidade emotiva dos seus temas.

O seu recente livro de poemas Daquem e daquem alma, veio revelar novas facetas á personalidade lirica de Fernanda de Castro, em cuja voz poetica, como na de D. Diniz, está a voz da natureza florida, em todos os cambiantes e murmurios. Aguarelista minuciosa, os seus poemas, por vezes, traem a nota sentimental feminina. Isso lhe dá categoria de critica das suas próprias descrições. Cito-a, entre os modernistas, pela mesma razão por que Cesário é citado. Ambos, até certo ponto, representam uma qualidade dos modernistas: a pormenorização psicologica, a evidenciada a propósito da mais inocente descrição.

A novissima geração encontrou, no Momento, as primeiras manifestações de concordância á direcção anterior. Artur Augusto publicou a Imagem, livro de ensaios que merece uma referencia especial pelo que nos revela das suas próprias exigencias artisticas. Esses ensaios, escritos com preocupações criticas, nem sempre (estou disposto a afirmar que quasi nunca) o conseguem. Eles são, brilhantemente, uma auto-critica, assinalando a sua indisciplina intelectual e emocional. Marques Matias e Mario Flauza, muito ligados por afinidades, então nos admiraveis poemas, escritas com subtiles e rara intuição poetica. José Augusto, se quizer corrigir-se, pode ser o grande novelista do Momento.

Para isso, aconselho-lhe a maior fôlego literario, mais cautela na educação emocional e menos adoração pelos helenismos perturbantes. Outros nomes, para quê? O meu intuito foi assinalar, nesta manehela de notas a rica posição literaria dos nossos modernistas, ainda mal conhecidos, salvas excepções, do nosso publico e dos nossos editores. Oxalá chamando sobre eles a atenção dos leitores, eu consiga o unico prémio que desejo...

MANUEL ANSELMO

PANORAMA INTERNACIONAL

Idolos alemães

Max Hermant conquistou o primeiro plano na galeria dos ensaístas e escritores da sua terra ao publicar o seu primeiro trabalho de vulto «Paradozos economicos da Alemanha moderna». A critica saudou-o, euidó, como um dos mais penetrantes e subtile analisadores da vida germanica, tendo para mais um conhecimento perfeito do meio que descrevia e comentava.

O novo livro de Hermant, que Bernard Grasset acaba de editar com o titulo «Idolos alemães», não faz mais do que confirmar e acrescentar a justa reputação em que já era tido aquele escritor.

Hermant trata de explicar a realidade viva e amecadora que a germania de Adolfo Hitler está a ser para o mundo, filando-a na evolução historica e filosofica duma grande nação cujas caracteristicas essenciais se têm mantido através do tempo.

Trabalho de divulgação e elucidação, o seu autor ilustra as doutrinas que aponta e as teses que formula com exemplos impressionantes de verdade e de simplicidade.

Nação criadora por excelencia, vivendo a ansiedade permanente dum grande aglomerado humano que procura cegamente a sua linha de equilibrio, a Alemanha dos nossos dias constitui um objecto de estudo inestimavel e perigoso. A sua grande força é o permanentismo que anima, nos dominios do espirital e da tecnica, todas as grandes invenções e descobertas alemãs no passado e no presente. Essas grandes invenções acabaram, porém, degenerando em causas de ruina e de morte. Foi assim com o exercito e com a industria; assim está sendo com a nova religião que ameaça impelir, mais uma vez, a nação inteira para a catástrofe.

Como observa escrupulosamente Max Hermant, sempre a Alemanha justifica as suas inovações amecadoras com o desejo firme de trabalhar pelo prazer do trabalho.

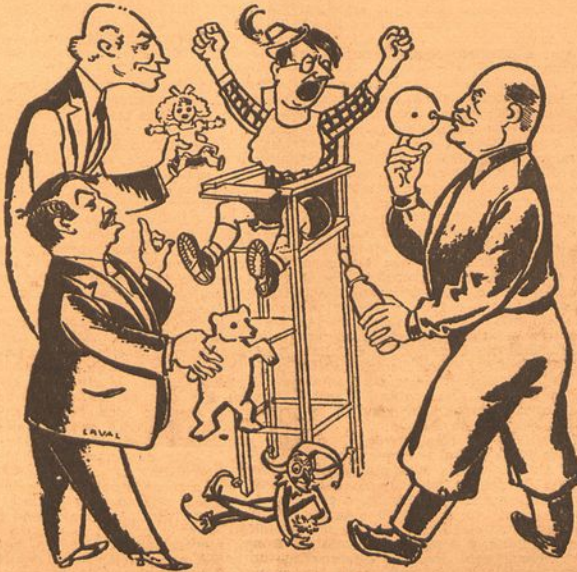
Quando os homens de Sídán e de Sadorva, a que se seguiram numa linha firme de inspiração, organização, os tecnicos do Estado Maior de Guilherme, preparavam esse instrumento formidável que era o exercito do periodo wilhelmiano, os dirigentes da Alemanha encarregavam-se de explicar que ele se destinava exclusivamente a dar satisfação ás tendências naturais da raça. O feitiço militarista do alemão encontrava na caserna o seu campo de cultura comum. Por fim a maquina aperfeiçoada que, imprevidentemente, se fôra modelando, acabou por desencadear a guerra.

Antes e depois da luta o germanismo activo criou a grande industria que acabou por arrazar a nação, submetendo-a ao sacrificio dos mais tragicos desvarios economicos, financeiros e monetarios.



Os jornais anunciam que o sr. Eden está doente. Compreende-se facilmente porque... (Da "Tribune des Nations.")

SCHUSNING



ou o menino impaciente (Da Tribune des Nations)

Fenomeno identico se está operando com a nova mística nacional-socialista. Ainda esta é apresentada ao mundo como uma modalidade propria da vida colectiva alemã, sem tendencias agressivas ou expansionistas. E, entretanto, o mundo duvida já hoje que a ultima experiencia do dinamismo germanico possa ser levada a cabo sem sacrificio de ordem geral cujo verdadeiro valor é, por enquanto impossível calcular.

No desenvolvimento da demonstração desta tese Max Hermant põe todos os recursos da sua longa experiencia, da sua inteligência lucida e da sua ansiedade legitima de europeu e de civilizado.

A diplomacia e os falsos

Não foi difícil apresentar as mais justificadas reservas, quando um jornal parisiense publicou, com ar verdadeiramente sensacional, o texto dum suposto tratado de aliança entre a Polonia e a Alemanha. Essas reservas tiveram, a breve trecho, uma justificação retumbante que deixou igualmente mal colocados o jornal que tomou a responsabilidade da publicação, e o homem de Estado que facilitou a escandalosa revelação.

Mas nem por isso o artigo de «ECHO de Paris» deixará de ter repercussões desagradáveis, aumentando e agravando o ambiente de desconfiança em que estão decorrendo as relações internacionais.

Os documentos falsificados têm um lugar preponderante na historia da diplomacia. E a Franca, que é o país que mais pode sofrer com a sua repetição, tem bem presentes exemplos capazes de justificar todas as desconfianças e sobressaltos.

Na memoria dos franceses do nosso tempo deve andar ainda o telegrama de Ems, com todas as suas consequências. Ora os processos caros ao principio de Bismark não são inelutavelmente desconhecidos dos estadistas do nosso tempo.

Armamentos

«Marianne», que se tem celebrizado com a publicação de alguns artigos notaveis e de algumas reportagens sensacionais, acaba de tratar dos armamentos aereos da Alemanha e do seu estado actual, demonstrando que eles constituem um perigo grave para a segurança e para a tranquillidade da Europa. Ainda ha pouco o mesmo semanario parisiense conseguira o depoimento impressionante duma testemunha do morticínio nazista de 30 de junho, com pormenores que impressionaram, viva e justificadamente, a opinião publica de todo o mundo. A questão dos armamentos alemães está agora na moda. A porção de verdade, já revelada a esse respeito, é efectivamente de molde a fazer estremecer de horror os homens desta geração.

«Marianne», se não trouxe a esse respeito grandes novidades dadas a consciencia e o escrupulo caracteristicos da sua actividade, teve o merecimento de reunir muitos elementos dispersos e de ordenar muitas informações que andavam espalhadas em jornais e publicações de varios países. Longe de se associar aos fantasmas dos autores de novelas, prestou um testemunho claro e objectivo perante o qual nenhum homem de boa fé poderá hesitar.

André Tardieu

A publicação voltou a agitar o nome de André Tardieu. Poucas pessoas terão sido discutidas como o antigo presidente do ministerio, insultado por uns, louvado por outros, olhado por tantos com a desconfiança que a sua acção provoca e explica. E entretanto a Franca não possui uma reserva de honra: illustres bastante larga para poder desprezar, ou colocar num plano secundario, um dos seus filhos mais illustres e mais prestimosos.

André Tardieu colaborou sinceramente, entusiasticamente mesmo, na formação do gabinete de treziga a que presidia o velho de

Tournefeuille. A queda desse governo, nas condições dramaticas em que ocorreu, justifica numa boa parte a sua descrença em relação á eficacia de metodos que já conheceram o seu aptissimo caloroso.

A Franca deve-lhe, nos ultimos tempos, o exemplo salutar duma atitude desassombrada quando ele foi chamado a prestar o seu celebre depoimento sobre Camilo Chauvemp. As suas previsões sobre a duração do gabinete Flaminio e a eficacia dos processos adoptados por este homem publico não se verificaram. André Tardieu não tem a virtude de acertar em alguns casos de politica interna, e isso lhe valeu já dissabores consideraveis. Mas a Franca, que conhece a sua obra, a sua intelligencia e a sua energia, não pode esquecer-se de que lhe deve algumas paginas de historia admiraveis de patriotismo e de devoção civica.

QUEM QUERE PARÉCER NOVA?

Os Professores de Medicina Vieneses fazem a maior descoberta de beleza realizada de ha cem anos para cá - Acabaram-se as rugas.



100 000 ESC. DE GARANTIA

Foi agora demonstrado que é a sub-alimentação da Pele e não a idade, como se supõe geralmente, que é a causa das rugas, duma tez estragada, das faces flaccidas, o que dá o aspecto idoso a uma senhora. Nos garantimos-lhe contra 100.000 Escudos que o Crème Tokalon, Alimento para a Pele, CRÉ DE ROSA, contém os elementos nutritivos, extremamente alimenticios e especialmente preparados, de que a sua pele tem absoluta necessidade para conservar a frescura, transparência e firmeza e evitar as rugas. Este Crème remocará e revitalizará a sua epiderme duma forma incrível, numa única noite. Senhoras de 50 anos podem aparentar ter 30, e as raparigas conseguirão uma tez que provocará a inveja e a admiração das suas amigas.

Aplique o Crème Tokalon, Alimento para a Pele, «CRÉ DE ROSA», à noite, antes de se deitar: o Crème Tokalon, alimento para Pele, CRÉ BRANCA, de manhã. Em qualquer caso é garantido o sucesso, de contrario, será reembolsada do seu dinheiro.

A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, dirija-se á Agencia Tokalon - 88, Rua da Assunção, Lisboa, - que atende sem demora.

LIMADOR

com 500 a 600 m/m de curso. Tornos mecanicos de 1 a 4 metros. Tesoura mecanica e mais ferramenta, compra-se. Carta á R. da Conceição, 147. - M. V.

Automoveis sem chauffeur Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6